

L. Palhano Jr.

Homens
&
Fatos



DIMENSÕES DA MEDIUNIDADE

A PROPÓSITO DOS
PODERES PSÍQUICOS DA MÉDIUM
ELISABETH D'ESPÉRANCE



Elisabeth

Dimensões da Mediunidade



CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

133.9
P188d

Palhano Júnior, L., 1946-2000

Dimensões da Mediunidade: a propósito dos poderes psíquicos da médium Elisabeth d'Espérance/L. Palhano Jr., 1.ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2016.

220p.; il.; 19cm

eISBN: 978-85-7297-581-0

Inclui bibliografia

1. Mediunidade. 2. Espiritismo
 3. d'Espérance, Elisabeth – Autobiografia.
- I. Título.

W. Gualberto
CRB/7-1288

CDU: 920.913391

L. Palhano Jr.



Dimensões da Mediunidade

*A propósito dos poderes psíquicos da
médiun Elisabeth d'Espérance*

1ª Edição

CELD
Rio de Janeiro, 2016



DIMENSÕES DA MEDIUNIDADE

L. Palhano Jr.

1ª Edição: agosto de 2016;
1ª tiragem, do 1º ao 3º milheiro.

Capa e diagramação:
Ney Junior

Revisão de originais:
Sônia Santoro

Revisão:
Albertina Escudeiro Sêco e Barbara Santos

Arte-final:
Roberto Ratti

Produção de ebook:
[S2 Books](#)

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
Telefax (21) 2452-7700
E-mail: editora@leondenis.com.br
Site: edicoesleondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
(Livraria João de Deus)
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
CNPJ 27.291.931/0001-89
IE 82.209.980
Tel. (21) 2452-1846
E-mail: livraria@leondenis.com.br
Site: www.celd.org.br

Remessa via Correios e transportadora.

Todo produto desta edição é destinado à manutenção das obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.



Para minha esposa ROSANE LIMA
PALHANO, com amor e gratidão.

Aos meus filhos JOÃO MARCELO e
CLARICE, com afeição e carinho.

Meus agradecimentos à MARIA DO
CARMO MARINO SCHNEIDER, pelas
pesquisas realizadas em Londres; à
dedicada companheira espírita JACIRA
ABRANCHES SILVA LEITE, pelo
trabalho de digitação dos manuscritos e por
suas judiciosas opiniões sobre o texto;
à estimada amiga LUANA POLTRONIERI
DE SOUZA, pela revisão do texto, antes
de enviá-lo ao Editor.

Sumário



[Capa](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Primeira leitora](#)

[Uma breve explicação](#)

[Introdução](#)

[Primeira Parte](#)

[Luz do Outro Lado\[6\]](#)

[Resumo e comentários](#)

[Segunda Parte](#)

[Autobiografia e Impressões](#)

[Autobiografia da médium](#)

[Depoimento da médium acerca de suas impressões durante as materializações](#)

[Terceira Parte](#)

[Investigadores, a Médium e os Fenômenos](#)

[Respostas científicas](#)

[Nepenthés](#)

[Transportes de plantas](#)

[Sven Stromberg](#)

[Imisção psíquica](#)

[A matéria vem da matéria](#)

[Desmaterialização parcial do corpo da médium](#)

[Investigação de Aksakof](#)

[Fotografias transcendentais](#)

[Um episódio com gabriel delanne](#)

[Dimensões da Mediunidade](#)

[Glossário](#)

[Referências Bibliográficas](#)



Elisabeth d'Espérance

Primeira leitora



Caro Palhano,

Sei que, talvez, você deva estar se perguntando a razão da demora na digitação de seu livro *Dimensões da Mediunidade — a propósito dos poderes psíquicos da Médium Elisabeth d'Espérance*. Penso até que deve estar um pouquinho apreensivo, julgando que a obra não vai ser editada.

Contudo, apesar do problema da troca de equipamento que me apanhou com a digitação bastante adiantada e que, por problemas operacionais, não foi possível a transferência do que já estava digitado, o motivo real foi que, além de digitar, eu lia a obra e me encantava a cada página que avançava.

Já datilografei (no tempo das máquinas de datilografia) e digitei (em tempos mais modernos) algumas obras suas, todas de grande conteúdo e de variado naipe de informações, sobre os mais diversos temas. Esta, entretanto, encantou-me sobremaneira. Ao longo do texto, com o fluxo das informações, com o descortinar dos fatos, peguei-me cúmplice, amiga e solidária desta grande médium em suas descobertas, em suas caminhadas, em seus medos. Indignei-me, confesso, com as ingratidões, difamações e julgamentos precipitados pelos quais ela passou.

Trabalhando na área da mediunidade em nossas instituições espíritas, não sei se hoje teríamos (apesar dos esforços e boa vontade) alguém que ousasse palmilhar o caminho tão difícil como o percorrido por Elisabeth d'Espérance. Será que hoje, se preciso fosse, nossos médiuns se deixariam testar, amarrar e inspecionar como os pioneiros?

Corajosa e confiante, portadora de potencial mediúnico que possibilitava os mais variados tipos de fenômenos espíritas, essa mulher deve (e merece!) ser estudada cuidadosa e criteriosamente.

Confesso a você que, apesar de já haver lido o livro autobiográfico *No*

Pais das Sombras, conheci a verdadeira Elisabeth nesta sua obra, através da análise criteriosa que você fez de vários momentos da vida dela, com observações oportunas, explicações bem colocadas, análises pertinentes e esclarecedoras. Obra de extrema validade para os que trabalham no campo mediúnico.

Só espero que outros se encantem como eu me encantei, que aprendam como eu aprendi, e passem a admirar, como eu, esta médium maravilhosa chamada Elisabeth d'Espérance, e que se aprofundem nas imensas e tão pouco conhecidas dimensões da mediunidade.

Um abraço e minha gratidão pelo privilégio de ter sido a primeira leitora dessa obra magnífica, que certamente enriquecerá ainda mais aqueles que se dedicam ao estudo sério da mediunidade.

Jacira [\[1\]](#)

Vitória, 8/8/1997

Uma breve explicação



Após ter recebido do editor uns exemplares do meu livro *Experimentações Mediúnicas*, guardava-os na estante quando me deparei com o livro *No país das sombras*, de Elisabeth d'Espérance. Segurei-o e, como já havia escrito outras biografias mediúnicas, como *Mirabelli, um médium extraordinário* e *Eusapia, a Feiticeira*, pensei em estudar a vida daquela médium inglesa, Mme. d'Espérance, não do seu ponto de vista, mas daquele dos investigadores. Contudo, pensei de novo: “Tenho estado muito cansado e cheio de compromissos; deixarei esta tarefa para outra oportunidade”. Devolvi o livro para o seu lugar na estante.

No dia seguinte, à noite, apresentei o *Experimentações Mediúnicas*, obra sobre a missão do grande William Crookes junto à mediunidade, para os confrades espíritas, numa sessão solene, na fundação Espírito-Santense de Pesquisa Espírita (FESPE). Os diversos médiuns presentes perceberam a presença espiritual de Crookes, especialmente convidado pelos espíritos Bezerra de Menezes e Jeronymo Ribeiro, que muito têm amparado a nossa tarefa de pesquisa espírita. Foi uma solenidade onde houve fartura de luzes e incentivos espirituais.

No final, após todos os componentes da mesa terem feito uso da palavra, o presidente da FESPE, a meu pedido, possibilitou que eu entregasse a cada um dos presentes um exemplar do livro sobre Crookes. Alguém proferiu uma prece de encerramento, antes dos salgadinhos e refrigerantes que foram servidos. Parecia que tudo estava encerrado ali; seria o fim da solenidade, mas aguardávamos que fosse encerrada também a etapa das pesquisas de recuperação histórica dos nossos pioneiros. Porém, Dona Jacira Abranches Silva Leite, médium vidente e dedicada companheira das lides espíritas capixabas, pediu a palavra, logo após a

prece, e disse:

— Caro Palhano, está aqui presente, do meu lado, um espírito que se dirige a mim em francês. Não entendo bem o francês, mas sei o que ele está dizendo.

— Que diz ele então? — perguntei.

— Diz que o seu próximo trabalho sobre essa série de estudos históricos da mediunidade será a respeito de uma médium que tem um nome francês.

Lembrei-me da médium d'Espérance, cujo livro estivera em minhas mãos, no dia anterior, e que eu o devolvera para a estante. Perguntei:

— Qual o nome da médium?

— Madame Elisabeth d'Espérance.

— Corretíssimo! — informei emocionado, narrando o fato acontecido no dia anterior.

Todos ficaram admirados e, de minha parte, tudo isso era, na verdade, uma ordem espiritual para a continuidade do trabalho.

Não se passaram dois meses, já estando adiantados os trabalhos de coleta de dados, biografias e primeiros projetos, quando recebemos a visita da professora Maria do Carmo Marino Schneider, que, entre outras coisas, nos informava que estava de malas prontas para uma viagem a Londres.

Não existem palavras suficientemente boas para expressar a minha gratidão à professora e pesquisadora Maria do Carmo, pois que, na sua viagem à Inglaterra, desobrigou-se de muitos de seus afazeres para se enveredar na biblioteca da *Society for Psychical Research* e na *Cambridge University Library*, bem como negociar no *Antiquarian Book Seller*, em busca das referências bibliográficas que lhe encomendei. Graças ao seu empenho, contei com cópias dos originais de muitas das principais publicações da época sobre a mediunidade de Elisabeth.

Assim que a professora Maria do Carmo partiu para Londres, em nossa reunião do Laboratório de Pesquisas Mediúnicas do Círculo de Pesquisa Espírita (CIPES), oramos, pedindo a Deus que guiasse a professora na investigação. As estimadas companheiras, médiuns, Maria do Socorro Peres França, Júlia Anália de Souza Oliveira e Maria da Glória Fernandes de Jesus perceberam, no transe canalizado pela prece, que um espírito, uma senhora inglesa, acompanharia Maria do Carmo, intuindo-a nos escaninhos das bibliotecas. Pensamos que fosse a própria Elisabeth d'Espérance.

Com essa proteção espiritual, muito especial, entregamos à sociedade espírita brasileira mais este trabalho de resgate histórico sobre nossos pioneiros espíritas, realçando a opinião abalizada dos investigadores corajosos que ousaram enfrentar a discriminação social e o preconceito religioso, para divulgar a realidade espírita, encontrada em seus resultados.

L. Palhano Jr.

Introdução



A mediunidade, por definição, como bem delineada em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, é uma faculdade inerente ao homem, que permite a ele a percepção, em um grau qualquer, da influência dos espíritos, não constituindo um privilégio exclusivo de uma ou outra pessoa, pois, sendo uma possibilidade orgânica, é hereditária, e depende de um organismo mais ou menos sensitivo. Só se classificam pessoas como médiuns se a mediunidade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade. Essa faculdade não se revela da mesma maneira em todos, tendo os médiuns, geralmente, uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações (Cap. XIV, item 159).

Seguindo as pegadas de Kardec, no Capítulo XIV, citado acima, temos as principais variedades ou espécies de manifestações:

- a dos médiuns de efeitos físicos;
- a dos médiuns sensitivos ou impressionáveis;
- a dos audientes;
- a dos videntes;
- a dos sonambúlicos;
- a dos curadores;
- a dos pneumatógrafos;
- a dos escreventes ou psicógrafos;
- a dos psicofônicos.

É preciso, aqui, deixar bem configuradas essas e outras variedades de

manifestações mediúnicas, para melhor compreensão da capacidade mediúnica de Elisabeth d'Espérance. Como Kardec fez referências aos fenômenos anímicos, englobando-os aos da mediunidade propriamente dita, consideremos, antes de mais nada, as definições de Aksakof, em sua divisão dos fenômenos psíquicos, quando da publicação dos seus resultados, na obra *Animismo e Espiritismo*:

“Dessa maneira, temos à nossa disposição *não uma, porém três hipóteses*, suscetíveis de fornecer a explicação dos fenômenos mediúnicos, hipóteses cada uma das quais tem a sua razão de ser para a interpretação de uma série de fatos determinados; por conseguinte, podemos classificar todos os fenômenos mediúnicos *em três grandes categorias...*” (Prefácio, p. 23)

Resumindo essas categorias, que hoje estão bem evidentes, visto que muitos trabalhos mostram a existência delas nos homens:

1. **Personismo**: a palavra personismo vem de pessoa (*persona*, em latim, quando se refere à máscara que os atores usavam nas comédias; posteriormente, o próprio ator era chamado por esse termo). Assim, o personismo justifica os fenômenos psíquicos que se produzem nos *limites* da psicofera do médium, quando há desdobramento da consciência (transe) e ele assume personalidade estranha, vinda de seu interior, antes bloqueado. Como relatou Aksakof, essa categoria “dá razão às teorias da *cerebração inconsciente* de Carpenter, do *sonambulismo inconsciente* ou *latente*, do Dr. Hartmann, ou do *automatismo psíquico*, dos Srs. Myers, Janet e outros”. Em nossas observações, porém, o personismo seria o conjunto de fenômenos psíquicos e psicológicos que ocorrem na presença de uma pessoa, seja por causa de seu magnetismo forte, seja através de emanções energéticas tangíveis ou, ainda, pelo seu carisma pessoal. Muitas espécies de fenômenos podem ocorrer nas proximidades de uma pessoa como essa.

2. **Animismo**: seria, por definição, o conjunto de *manifestações psíquicas da alma*, como observado nos fenômenos de telepatia, telecinesia e psicoscopia. São fenômenos psíquicos produzidos fora dos limites da influência corpórea. A alma, como espírito encarnado, pode realizar todas as variedades de fenômenos psíquicos, desde que esteja num estado qualquer de emancipação (transe).

3. **Espiritismo**: embora Aksakof tenha se expressado dessa maneira, acreditamos que o termo *mediunismo* seja o mais adequado. Os fenômenos

do mediunismo pressupõem um processo de comunicação com outras dimensões: as espirituais. A única maneira, diz Aksakof, de distinguir essa categoria das outras seria pelo conteúdo intelectual que pode demonstrar a presença de uma personalidade extracorpórea.

Aliás, Aksakof advertiu (p. 25) que “o grande erro dos partidários do Espiritismo é ter querido atribuir todos os fenômenos, geralmente conhecidos sob esse nome, aos espíritos”. Isso tem sido um fato. Acrescentamos que esses mesmos partidários do Espiritismo, demonstrando pouco conhecimento, têm afirmado ser o *animismo* “o lado doente da mediunidade”. Absurdo, pois que os fenômenos da alma são praticamente os mesmos produzidos pela mediunidade, diferenciando-se esta pelo conteúdo intelectual, como explicado. O animismo “doente”, muito alegado por aí, seria tão somente fixações psíquicas que surgem em alguns médiuns ou “percipientes” em transe, mas são facilmente detectáveis por sua repetição sistemática.

Não convém ainda, e isso é conhecimento básico, confundir *animismo* com *mistificação*, esta sendo de dois modos: 1º) O médium inventa, mente e fraudas; 2º) Um espírito que se comunica, mente. Assim, há mistificação do médium desonesto ou sugestionável pela força das exigências mentais dos assistentes, ou há por ali espíritos enganadores.

É de extrema importância que reconheçamos as três categorias de fenômenos nascidos de uma presença psíquica, do encarnado ou dos desencarnados, para definirmos bem os conceitos e o uso da “força psíquica” (Crookes, 1874; Palhano Jr., 1996). Este trabalho sobre Elisabeth d’Espérance propõe um estudo sobre as dimensões da mediunidade numa personalidade e, como tal, há necessidade do conhecimento dos conceitos, dos mais básicos aos mais complexos, para que os objetivos sejam alcançados. Daí aproveitarmos essa introdução para uma pequena revisão do que se deve esperar quando se observa a atuação experimental no campo da mediunidade.

Kardec, em *O Livro dos Médiuns* (Caps. II e III), classificou as manifestações psíquicas em dois grupos: *das manifestações físicas e das manifestações inteligentes*. Das manifestações físicas, ele disse o seguinte:

“Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocação de corpos sólidos. Umás são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que

seja; outras podem ser provocadas (item 60).”

Isto quer dizer que esses fenômenos podem manifestar-se pelo *personismo*, o *animismo* ou o *mediunismo*. A simples presença de uma pessoa pode provocar um fenômeno desses (*personismo*); ele pode ser provocado pela vontade anímica ou por um espírito, utilizando-se da força do médium. Kardec tratou mais das manifestações físicas provocadas por espíritos (*mediunismo*), procurando saber como é que procedem (Cap. IV).

No Capítulo III de *O Livro dos Médiuns*, Kardec tratou das manifestações inteligentes. Para que aconteçam, devem conduzir alguma mensagem inteligente, abrangendo mesmo as manifestações físicas, desde que revelem uma intenção:

“Para uma manifestação ser inteligente, indispensável não é que seja eloquente, espirituosa ou sábia; basta que prove ser um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção ou respondendo a um pensamento (item 66).”

Adiante, veremos muitos fenômenos de efeitos físicos proporcionados pela natureza mediúnica de Elisabeth, que, aliás, são apenas variedades da manifestação de sua força psíquica. Continuaremos a seguir os passos de Kardec, agora na questão 160 de *O Livro dos Médiuns*, quando ele deu início aos estudos dos médiuns:

“*Os médiuns de efeitos físicos* são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, ou ruídos, etc. Podem dividir-se em *médiuns facultativos e médiuns involuntários*.”

Em seguida, veja-se bem, Kardec define o que são os *médiuns facultativos*:

“São os que têm consciência do seu poder e que produzem fenômenos espíritas por ato da própria vontade.”

Na verdade, Kardec aqui está se referindo à produção de *fenômenos anímicos*, não produzidos por espíritos desencarnados, mas pela vontade do encarnado que, sabendo de sua força, provoca os fenômenos. Voltemos a Aksakof.

“Para mim, a luz só começou a despontar no dia em que meu índice me forçou a introduzir a rubrica do animismo, isto é, quando o estudo atento dos fatos me obrigou a admitir que *todos os fenômenos mediúnicos, quanto ao seu tipo*, podem ser produzidos por uma ação inconsciente do homem vivo — conclusão que não repousava sobre uma simples hipótese ou sobre

uma afirmação gratuita, mas sobre o testemunho irrecusável dos próprios fatos — , donde esta consequência, que a atividade psíquica inconsciente do nosso ser não é limitada à periferia do corpo e não apresenta um caráter exclusivamente psíquico, mas pode, também, transpor os limites do corpo produzindo efeitos físicos e mesmo plásticos; por conseguinte, essa atividade pode ser intra ou extracorpórea.” (*Animismo e Espiritismo*, Prefácio, pp. 22/23.)

Ora, esse parecer completa as afirmações de Kardec, pois enquanto este diz que um indivíduo pode provocar os fenômenos por sua vontade (lúcido), aquele observou que há uma *ação inconsciente*, anímica. De qualquer modo, conclui-se que o espírito encarnado, desde que tenha um grau qualquer de emancipação de sua alma, pode produzir os chamados *fenômenos mediúnicos*, só que então esses fenômenos seriam os anímicos propriamente ditos. (Vide o próximo quadro.) Kardec, no item 161, define os médiuns involuntários ou naturais:

“São aqueles cuja influência se exerce a seu malgrado. Nenhuma consciência têm do poder que possuem e, muitas vezes, o que de anormal se passa em torno deles não se lhes afigura de modo algum extraordinário. Isso faz parte deles, exatamente como se dá com as pessoas dotadas de dupla vista, coisa de que nem suspeitam.”

Essa *inconsciência* é aquela sugerida acima, pelas palavras de Aksakof, mas a descrição de Kardec lembra a classificação de **personismo**, citada antes, segundo o próprio Aksakof. Kardec passa a considerar, então, os fenômenos mediúnicos propriamente ditos, quando inteligências extracorpóreas provocam os fenômenos utilizando a energia de um médium (item 162), e trata melhor disso no Capítulo V, “Das Manifestações Físicas Espontâneas”.

Parece que chegaremos a conclusões interessantíssimas, pois no momento em que Kardec inclui todos esses fenômenos como de natureza mediúnica, visto que considera médiuns todas essas pessoas capazes de provocar, inconscientes ou não, fenômenos psíquicos, mesmo os de consequências físicas, ele acrescenta os fenômenos de *personismo*, *animismo* e *mediunismo* ao quadro dos fenômenos espíritas. Sugerimos, então, que *sejam considerados fenômenos espíritas todos os fenômenos psíquicos, provocados ou espontâneos, produzidos pelos espíritos desencarnados ou mesmo pelos encarnados quando num grau qualquer de*

emancipação (transe) do corpo.

Quadro I – Fenômenos Espíritos [2] – Espontâneos ou Provocados

Personímicos

Produzidos pela simples presença de um indivíduo dotado de força psíquica mensurável, estando ele consciente ou inconsciente das ocorrências.

Anímicos

Produzidos pela vontade do indivíduo que sabe possuir força psíquica mensurável. Neste caso, há sempre consciência do que se está fazendo. Aqui, há um grau avançado de *personismo*.

Mediúnicos

Produzidos por espíritos que se utilizam da energia ou força psíquica mensurável de um indivíduo, que pode estar consciente ou não. Os fenômenos anímicos aqui, por vezes, se misturam, pois desde que proporcionem intercâmbio com outra dimensão podem ser chamados de mediúnicos. A vidência, por exemplo, embora anímica, pode ser mediúnica.

O conteúdo deste relato sobre a vida mediúnica da médium Elisabeth d'Espérance mostra perfeitamente, em uma só pessoa, todas essas nuances do psiquismo emanante e facilitador de fenômenos nas diversas categorias já catalogadas.

Prossigamos com o estudo da mediunidade e estabeleceremos os parâmetros a serem observados a partir das informações sobre a médium e compreenderemos as dimensões de sua mediunidade.

Chegamos, por enquanto, a entender que quando Kardec fala de mediunidade, ele está se referindo à faculdade de produzir fenômenos psíquicos ostensivos, sejam de efeitos físicos, inteligentes ou intelectuais, o que poderemos também resumir na didática do quadro a seguir:

Quadro II – Fenômenos Psíquicos (Espíritos) quanto aos seus efeitos – Personímicos, Anímicos ou Mediúnicos.

Efeitos físicos

Quando há manifestações de ordem física, como: ruídos, levitações, transportes, formações plásticas, etc.

Efeitos inteligentes

Qualquer fenômeno de ordem física ou psíquica que pressupõe uma intenção oculta, ou que transmite uma ideia.

Efeitos intelectuais

Há uma mensagem explícita no fenômeno produzido: psicografia, psicofonia, voz direta, etc.

Considerando que já conseguimos distinguir bem a diferença existente na natureza intrínseca dos fenômenos psíquicos, diremos que na base dos fenômenos mediúnicos está a *natureza anímica* e esta tem muito do personímico. Embora possam ser separados, quase sempre estão miscigenados, de tal forma que é preciso um acompanhamento atencioso para lhes colocar limites. Ao perceber isso, Kardec ousou criar o termo *médiaminique* (*média* = médium; *âme* (alma, em francês), aminique), em seu *Vocabulaire Spirite*, publicado na primeira edição de *O Livro dos Médiuns*, e depois *medianímico*, na tradução de Guillon Ribeiro, no Capítulo XXXII de *O Livro dos Médiuns*. Contudo, são aceitáveis, tanto o termo *mediúnico* como *medianímico*, para designar os fenômenos espíritas. Segue-se o Quadro III, para uma apresentação das principais variedades de médiuns, como descrito no Capítulo XIV de *O Livro dos Médiuns*:

Quadro III – Principais variedades de médiuns, segundo as espécies de manifestações psíquicas mensuráveis
(As espécies de manifestações psíquicas mensuráveis – *O Livro dos Médiuns* – Cap. XIV)

MÉDIUNS E NATUREZA DAS MANIFESTAÇÕES MEDIANÍMICAS**Efeitos físicos**

Produzem fenômenos materiais, como: telecinéticos, *raps*, transportes, levitações, etc.

Sensitivos ou impressionáveis

Pessoas susceptíveis de sentir a presença dos espíritos, chegando mesmo a reconhecer-lhes a natureza boa ou má. É uma qualidade geral dos médiuns, indispensável ao desenvolvimento de todas as outras faculdades.

Audientes

Médiuns que ouvem a voz dos espíritos. Pode ser uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo, ou uma voz exterior, clara e distinta, como a de uma pessoa viva. Esses médiuns podem, assim, travar conversação com os espíritos.

Falantes ou psicofônicos

Os espíritos, por influência mental, atuam sobre os órgãos da palavra, nesses médiuns, visto que neles a susceptibilidade está mais flexível nos recursos cerebrais da fala.

Videntes (Psicoscópicos)

Veem os espíritos, estando no estado normal de vigília ou no estado sonambúlico, ou hipnagógico. São pessoas dotadas de dupla vista. A capacidade de ver espíritos em sonhos é uma espécie de mediunidade, mas não é propriamente uma vidência.

Sonambúlicos (fazem transe profundo, inconsciente)

Kardec, aqui, descreve mais um poder anímico que uma mediunidade: “O sonâmbulo age sob a influência de seu próprio espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos”. Compara-o ao médium propriamente dito que, sob a influência de um espírito faz o transe sonambúlico.

Curadores

Médiuns que curam pelo simples toque, olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Mesmo aqui, há animismo e mediunismo, porque, além da força curadora do próprio indivíduo, os espíritos atuam, influenciando e dando direção aos fluidos.

Psicógrafos

Médiuns escreventes. Escrevem sob a influência dos espíritos.

Nessa classificação simplificada de Kardec, vê-se, nitidamente, que ele observou a condição anímica bem atuante, quando fez diferença da produção fenomênica vinda do próprio espírito do médium daquela produzida por espíritos que o influenciam e, intelectualmente, mostram-se diferentes do médium.

As possibilidades de aplicação da força psíquica, anímica ou mediúnica

variam, de indivíduo para indivíduo, em qualquer das categorias da mediunidade. Vejamos o caso da psicografia, o que pode acontecer em todos os fenômenos motores, no quadro a seguir:

Quadro IV – Médiuns Psicomotores [3]		
Variedades	Possibilidades	Explicação
Psicofônicos	Intuitivos	O médium atua sob impulso do pensamento que lhe chega por via telepática.
	Inspirados	O médium recebe comunicações pelo pensamento, geralmente ideias que não lhe são próprias e não se dá conta de que essas ideias não são suas.
Psicógrafos e Psicopráticos (ação corpórea)	Semimecânicos	O médium participa, sente uma impulsão e atua malgrado seu, falando, escrevendo ou agindo, mas tem consciência do que faz.
	Mecânicos	O médium recebe uma impulsão independente da sua vontade e atua sem interrupção e embargo dele próprio.

O quadro sinóptico das diferentes espécies de médiuns, estabelecido por Kardec em *O Livro dos Médiuns* (Cap. XVI), dá uma ideia das variedades dos dons mediúnicos e das aptidões especiais dos médiuns, que são muitas. O difícil está em encontrar tais variedades em um só médium, e quando isso ocorre, os investigadores têm que, de um modo ou de outro, aproveitar o ensejo para a obtenção de informes a respeito dos mecanismos embutidos nesse psiquismo. O caso da médium d'Espérance é muito sugestivo e com uma condição *sui generis*: ela esteve lúcida, consciente, em determinadas ocorrências psíquicas nas quais os demais médiuns permaneceriam inconscientes.

Nossa tentativa é de verificar os resultados dos investigadores, após terem observado detidamente os fenômenos psíquicos ocorridos na presença de Elisabeth d'Espérance, pois que ela mostrou possuir uma variedade bem significativa de aptidões mediúnicas, e isso facilitou o nosso estudo das dimensões da mediunidade.

Por certo que Elisabeth influenciou muitos dos nossos médiuns de hoje, que têm demonstrado vontade e, mesmo, tentado repetir os seus feitos.

Mas ainda é difícil superá-la em suas produções honestas e verdadeiras. Ela obtinha resultados psicográficos no escuro; eram páginas e mais páginas com respostas complexas a perguntas de improviso, fenômenos de transporte impossíveis de serem contestados, materializações de espíritos incontestáveis, desmaterializações de parte do seu corpo, vidências comprovadas, fotografias transcendentais, curas, tudo sem uma única possibilidade de fraude.

Ocuparemos, aqui, um pequeno espaço, para tratar do transe biológico, que vem após o transe psíquico, como uma dissociação da matéria biológica do médium. O Ectoplasma de Richet (*A Grande Esperança*, p. 157) é a prova cabal de que o corpo de alguns médiuns especiais, dissocia-se, em determinadas circunstâncias, fornecendo um material plástico sensível ao pensamento, capaz de ser usado, tanto pelo próprio médium como pelos espíritos, para produzir fenômenos de ordem física e mesmo materializações momentâneas, e não permanentes, de seres vivos, inclusive de espíritos.

Vejamos, inicialmente, o que Kardec observou a respeito disso. Falamos, ele, sobre as manifestações de efeitos físicos, tais como: ruídos, erguimento dos corpos, transportes e, também, aparições:

“Pergunta 24: *Os espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e imperceptíveis ao tato?*”

Em seu estado normal, são inapreensíveis, como num sonho. Entretanto, podem tornar-se capazes de produzir impressão ao tato, de deixar vestígios de sua presença e até, em certos casos, de tornar-se momentaneamente tangíveis, o que prova haver matéria entre vós e eles.” (*O Livro dos Médiuns*, Cap. VI, item 100.)

Contudo, ao tempo de Kardec, ainda não havia os grandes médiuns de materializações, embora ele tenha feito referências ao Sr. Daniel Dunglas Home:

“Os fatos de aparições tangíveis são os mais raros; porém, os que se têm dado nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns de grande poder (entre outros, o Sr. Home) e absolutamente autenticados por testemunhas irrecusáveis, provam e explicam o que a história refere acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade.” (*O Livro dos Médiuns*, Cap. VI, item 104.)

Devemos procurar em Aksakof (*Um caso de Desmaterialização*) e em

William Crookes (Palhano Jr., *Experimentações Mediúnicas*) complementos para os estudos sobre materialização; contudo, a argumentação de Aksakof a respeito pode perfeitamente descrever os dados mais básicos:

Materialização invisível: Às vezes, os olhos humanos não são capazes de perceber certas concentrações de matéria agilizadas por um pensamento intencional, a ponto de produzir trabalhos de soerguimentos (“Alavanca Psíquica”, de Crawford),³ ou toques e contatos de uma mão invisível, mas que a fotografia é capaz de apreender.

Materialização parcial visível e tangível: Como as aparições de mãos, cabeças, bustos e figuras mais ou menos fluídicas.

Materialização completa: De uma forma humana completamente visível e tangível que, para a vista comum, não difere em nada de um corpo humano.

Aksakof ponderou, certamente baseado na lei anunciada pelo célebre Lavoisier: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Observou e elaborou a hipótese da desmaterialização do corpo do médium, para que haja a materialização de um outro corpo. Tentaremos, adiante, reproduzir os testemunhos das ocorrências de desmaterialização do corpo da médium Elisabeth, que contribuíram para que Aksakof formulasse, depois, suas teorias:

a) “Uma materialização invisível primordial corresponde a uma desmaterialização mínima e invisível do médium”, o que seria uma pequena emissão de ectoplasma, por um mínimo suficiente para produzir um contato ou um envolvimento para transporte ou levitação.

b) “Uma materialização visível e quanto mais completa, mais desmaterializado e invisível ficaria o médium.” Dissociação biológica completa. Partes ou todo o corpo do médium ficariam tênues e até invisíveis.

Publicamos, anteriormente, uma fotografia do grande médium Mirabelli com os seus dois braços completamente desmaterializados (Palhano Jr., *Mirabelli, um médium extraordinário*). Segue-se um quadro em que propomos uma classificação resumida para os principais efeitos físicos.

Com esse resumo, e uma melhor leitura de *O Livro dos Médiuns*, teríamos, então, a condição ideal para analisarmos a vida mediúnica de Elisabeth d’Espérance. Lamentamos o fato, mas fica faltando uma pesquisa

acerca dos fenômenos da hereditariedade, nos casos de indivíduos médiuns. Seria de grande esclarecimento tal investigação.

Elisabeth, desde menina, apresentou capacidade de perceber presenças espirituais junto a ela, e não considerava isso uma anormalidade, porque pensava que todos também podiam ver e conversar com aquelas sombras.

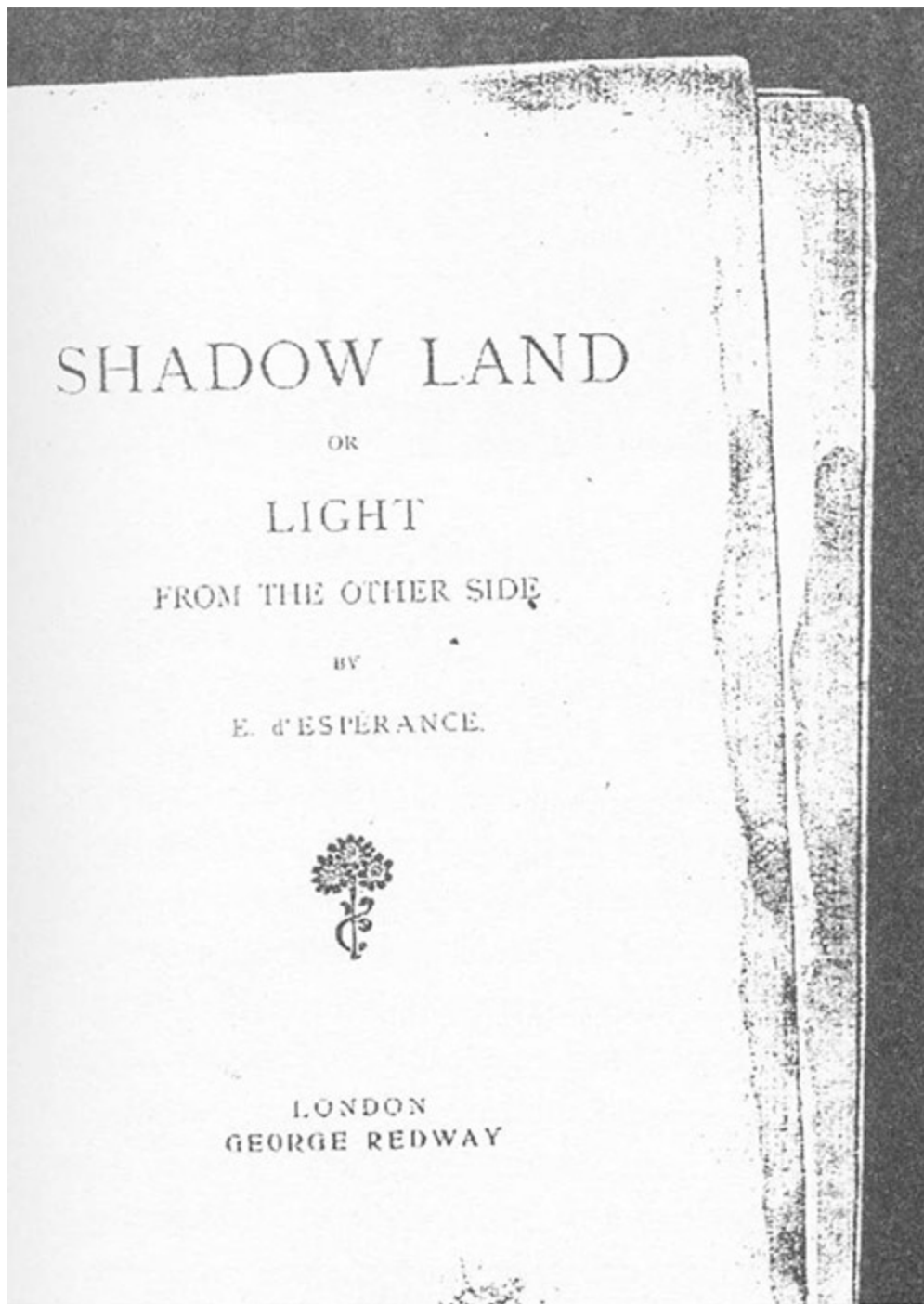
Como veremos, embora o Sr. Fidler e sua esposa tenham dado todo amparo à médium, no sentido de favorecer-lhe chances e segurança de exercer sua mediunidade, ela teve que avançar pelas suas próprias intuições. Não havia, na Inglaterra, em seus dias, ninguém com o conhecimento suficientemente preparado para ajudá-la a desenvolver-se.

Os espíritos apresentaram-se e sugeriam o que fazer, mostravam-se, elaboravam a experiência. Pouco a pouco, como que seguindo uma programação, sua mediunidade foi crescendo, tornando-se mais complexa. Os fenômenos foram pertinentes e bem localizados; no momento adequado, mostrando, esclarecendo, ensinando. Sua vidência aprimorou-se; depois, a psicografia mecânica, a ponto de escrever páginas e mais páginas no escuro. As produções de efeitos físicos aconteceram, desde levitações, ruídos e pequenos transportes, a complexas teleplastias personímicas e mediúnicas.

Nas páginas que se seguem, existem relatos importantes para o entendimento da mediunidade, não só da própria médium, mas de investigadores sérios e interessados na verdade. É possível, pois, extrair, dos arcanos da literatura espírita dos anos primeiros, subsídios suficientes para a compreensão e o entendimento das dimensões da mediunidade.

Quadro V – Fenômenos Medianímicos de Efeitos Físicos [4]		
Fenômenos	Efeitos	Descrição
Pneumatoglossia	Pneumatografia	Escrita direta dos espíritos, sem auxílio da mão ou dos recursos ectoplasmáticos de um médium. A escrita direta de que hoje se tem dado notícia é a ectoplasmática, quando um espírito materializa sua mão, toma de um lápis e escreve.
	Pneumatofonia	Voz dos espíritos, sem o concurso da voz humana.
Telergia	Tiptologia	Linguagem mediúnica por pancadas, ruídos, barulhos ou qualquer efeito acústico convencional.

	Sematologia	Linguagem mediúnica por sinais, códigos, letras, etc.
	Motores	Telecinesia, levitação, translação, movimentos sem contato físico com um médium. Efeitos mecânicos.
	Transporte	Desmaterialização, translação e materialização de objetos ou corpos.
Teleplastia (ectoplasma visível)	Transfiguração	Mudança de aspecto de um corpo.
	Bicorporeidade	Desdobramento e desmaterialização do espírito de um vivo.
	Superincorporação	Utilização do perispírito materializado de um médium, por uma entidade espiritual, para comunicar-se. Termo criado por Raniéri (<i>Materializações Luminosas</i>).
	Materialização parcial	Aparição de mãos, braços, cabeças, bustos, etc.
	Materialização completa	Aparição completa de um espírito.



Fac-símile do original, em inglês.

Primeira Parte



“Não é possível ler o livro de Madame d’Espérance sem se ficar impressionado pelos delicados sentimentos e pela honestidade da escritora” [5]

Pedro Granja

Luz do Outro Lado [6]

RESUMO E COMENTÁRIOS

A própria Elisabeth d’Espérance narrou, sobre suas principais produções mediúnicas, aquelas que ocorreram ao longo de sua vida. A começar por suas visões no casarão onde morava durante sua infância. Gostava de ir aos quartos grandes e vazios, onde percebia os espíritos que por ali transitavam. Via “pessoas” circulando, de um lado para outro. Algumas nem ao menos lhe prestavam atenção e outras a olhavam e sorriam quando ela lhes mostrava sua boneca. Muitas e muitas vezes, sua companhia naquela casa grande era apenas sua pequena boneca de trapo, pois sua mãe, Jane P., era portadora de uma doença que a deixava constantemente no leito, e a criadagem parecia muito ocupada. Seu pai, George P., era capitão de navio e quando se achava em casa era como numa festa. Elisabeth, algumas vezes, foi qualificada de “bruxinha” e era tida como uma menina “esquisita”.

Um de seus “amigos” fantasmas era o que ela dizia ser “*my shadow Lady*”, um fantasma de uma velha senhora que sempre surgia vestida de roupa preta, parecendo cetim ou seda, com touca de renda branca. Seus cabelos eram lisos e prateados. Usava, ainda, um xale de renda sobre os ombros e amarrado ao peito. Esse fantasma parecia ter preferência por um

certo cômodo da casa, um quarto longo e sombrio, de teto rebaixado, iluminado apenas por uma pequena janela.

A pequena Elisabeth ficava cismada porque as outras pessoas não viam suas “sombas”, e muitas vezes era castigada por distrair-se com a presença delas. O certo é que ela, por vezes, perdia-se em divagações e quase criara um mundo seu, à parte. Sua vidência persistia e, por mais que deliberasse colaborar com os serviços da casa, continuava a ter percepções de suas “sombas”, principalmente da “velha dama”.

Após ter recebido um castigo severo de sua mãe, recebeu a visita do médico da casa e houve uma chance de narrar suas visões para ele. Falou-lhe daquilo que ela mesmo achava que eram sonhos e fantasias, de seus amigos fantasmas, da “velha dama”, do cavalheiro elegante, de um que usava colarinho largo, das senhoras de roupa de seda e rendas. O médico disse-lhe que acreditava que ela via mesmo, mas que tal fato acontecia com pessoas consideradas loucas. Isso causou-lhe um verdadeiro trauma psicológico que, por muito tempo, a martirizou. Seria louca?

Aos quatorze anos de idade, Elisabeth ponderou muita coisa e chegou à conclusão de que o culpado de tudo aquilo era mesmo o Satanás. Ela é que não era louca. Tudo seria então diferente: Satanás era o culpado de sua vidência. Assim que surgia algum espírito à sua visão, caía de joelhos a rezar. Permaneceu meses assim, nervosa, tímida e medrosa. Por essa ocasião, seu pai retornou de uma longa viagem e a achou magra e pálida. Assustado, sugeriu que Elisabeth precisava de ares novos. Ela o acompanharia por uma viagem ao Mediterrâneo.



“Shadow Lady”

“Um dos fantasmas meus amigos, nos tempos de minha infância, era uma senhora de idade que trajava sempre um vestido preto de cetim, touca branca com rendas e um xale de renda sobre os ombros e preso ao peito.”

Elisabeth d’Espérance

Tudo nessa viagem parecia-lhe belo, sua saúde ia bem, os sonhos e os fantasmas a haviam abandonado. Até que, um dia, escreve ela, estava no tombadilho com o tenente N..., quando avistou um navio no horizonte. O tenente disse nada ver, não haver navio nenhum, e deu-lhe seu binóculo. Ele não via nada: só Elisabeth via. Até que ela percebeu que o grande navio chegava perto da proa:

- Olhe, olhe! — gritou assustada
- O que? — perguntou o tenente.

— O navio! Vamos bater! Parem!

Ela via o navio tão perto que percebia os marinheiros. Ficou em pânico. O navio aproximando-se. Ninguém via nada. Horror! O navio atravessava bem diante da proa e havia um homem no seu tombadilho, com os braços cruzados, como se aguardasse o abalroamento.

Mas, não havia nenhum navio. O susto havia passado. O tenente N..., não entendeu nada. Para ela, um navio havia atravessado o outro.

— Nada vejo! — disse o tenente.

Elisabeth ficou tão desgastada, que teve de ir para seu camarote repousar. No dia seguinte, seu pai fez uma rigorosa investigação sobre o tal navio e todos afirmaram que o mesmo nunca houvera existido. Apenas viram que a mocinha chorava muito.

Em sua adolescência, teve uma experiência de escrita automática, sob transe sonambúlico, quando precisava de uma redação para completar seus exames e não conseguia desenvolver o tema. Dormiu preocupada e, ao amanhecer, percebeu que as folhas em branco que deixara sobre a mesinha, na noite anterior, estavam cobertas de escrita e com sua letra. O tema escolhido para ela era “A Natureza”, e o texto dizia, mais ou menos, assim:

“No início, Deus fez o céu e a terra, e da terra cresceram as plantas e elas deram sementes, cada uma de sua espécie; as árvores deram frutos, e as sementes eram das suas espécies, e Deus viu que isso era bom...”

À medida que lia o texto, ela própria arrebatava-se, percebendo a beleza da criação. Em espírito, distanciava-se para muito longe!...

Fora submetida a severo interrogatório por causa da escrita, por parte da professora e, depois, pelo reitor. Estes, entretanto, reconheceram que não havia uma explicação plausível para aquela escrita estranha e aceitaram-na como trabalho da própria Elisabeth.

Algum tempo depois disso, ela visitou uma médium, uma ledora da “buena-dicha”, e esta lhe disse, como que confirmando as fantasias e os fantasmas:

— Teus olhos veem coisas ocultas para os outros. Que Deus te dê forças. Tua vida será muito difícil!...

— Quero saber...

— Se irás te casar, não é?

— Sim.

— Estarás casada daqui a dois anos, no máximo. Ainda não viste o

homem que irás desposar. Tua vida há de ser muito estranha, diferente da vida das outras pessoas. Virão penúrias e sofrimentos, desgostos imensos. Contudo, terás celebridade como a que mulheres não costumam ter. Serás única entre tantas, e, embora cercada de muitos perigos e por tua inexperiência, terás o poder de encaminhar as pessoas rumo à felicidade.

Isto foi a previsão do futuro de Elisabeth, embora a mesma não o soubesse naquele instante. Um outro fato curioso também se deu com a ledora de “buena-dicha”; Elisabeth possuía um sinal sobre o seu antebraço esquerdo, sob o ombro, um sinal em forma de cruz, quase imperceptível, que, às vezes, tornava-se de um vermelho vivo e bem visível e perceptível ao tato. A ledora, médium, o havia percebido através das mangas do vestido e do casaco, dizendo:

— Que sinal é esse que tens no braço?

O casamento de Elizabeth realizou-se, como previsto, dois anos depois, e assim também foram se cumprindo todas as outras previsões. Logo depois do seu casamento com o Sr. Hope, os fantasmas reapareceram. Ela havia deixado seu reduto familiar cheio de tarefas caseiras, seus quatro irmãos e irmãs menores, suas responsabilidades de aia e preceptora, para ficar sozinha em sua nova residência a maior parte do tempo. Teve que se vigiar muito para não ficar louca. Os fantasmas estavam lá e praticamente se impunham a ela. Foi nessa época que ouviu falar no Espiritismo. Uma amiga deu notícias das sessões realizadas por seu marido, sala escura, mesas girantes, caixas de música levitando, médiuns falantes, mas Elisabeth deu àquilo tudo uma conotação de prestidigitação. Contudo, diante da seriedade com que o marido dessa senhora tratava dos assuntos espíritas, Elisabeth deteve-se para pensar no assunto, mas não aceitou de pronto o convite para experimentar e ver por si mesma os fenômenos psíquicos. Achava que tudo não passava de credulidade de seus amigos.

Vencendo todas as aversões para com os assuntos espíritas, Elisabeth aceitou, certo dia, colocar a mão sobre uma mesinha, sem, entretanto, conceber como uma mesinha poderia dar algum sinal de inteligência. Qual não foi a sua surpresa quando surgiu um movimento produzido por vibrações na superfície da mesa! O movimento espalhou-se por toda a mesa, cada vez mais pronunciado, e tornou-se um balanço regular.



O Navio Fantasma

O “navio fantasma”, como eu o vi no Mediterrâneo, em 1867, do SS “Sardinian”. (Esboço de memória.)

Elisabeth d'Espérance

O Sr. Fidler (trata-se do Sr. Matthew Fidler), muito atento, disse à mesa que desse uma pancada com o pé quando quisesse dizer “não”, duas para responder “incerto” e três para “sim”. Estabeleceu-se um diálogo, no fim do qual o Sr. Fidler perguntou para Elisabeth o que achava de tudo aquilo:

— Penso que são vocês que estão empurrando a mesa — respondeu ela.

Assim que acabou de falar, a cadeira em que estava assentada começou a correr pela sala e saltou sobre o sofá. Elisabeth fugiu dela, assustada, mas rindo daquela brincadeira:

— O Senhor está usando fios de arame ou imãs. Por favor, afaste-se da mesa.

Ele afastou-se e saiu da sala. Elisabeth fechou a porta para que não voltasse. Assentou-se novamente junto à mesa. Outra vez, a cadeira em que estava correu, carregando-a pelo cômodo e saltou novamente sobre o sofá. A pedido dela, um por um dos presentes foram se afastando da mesa, até que permaneceu sozinha. A mesa balançava e girava sobre si mesma, fez a volta no salão, seguida por Elisabeth, que estava com seus dedos colocados sobre ela. Haveria ali algo de diabólico? — foi o que pensou no momento.

Como o Sr. Fidler era um seguidor de Mesmer, poderia ser que ele, simplesmente, se utilizasse de seus poderes para manipular os objetos. Elisabeth queria “pôr tudo em pratos limpos”. Reuniu os amigos e provocou uma reunião sem avisar o Sr. e a Sra. Fidler. Eram seis pessoas, naquela noite, reunidas ao redor da mesa da cozinha, muito mais sólida e menos apta a ser movida por uma ação inconsciente das mãos. Passados alguns minutos, a mesa começou a estremecer e desenvolveu um balanço, mais para um movimento ondulatório. Não havia mais razão para duvidar de que estavam diante de uma força que lhes era desconhecida, porém tão real que o ilusionismo estava fora de cogitação.

Daí, uma série de sessões foram realizadas, sob comando do Sr. Fidler. Foi perguntado tudo o que vinha em suas mentes, mas as respostas não eram muito satisfatórias. Até que, certa vez, ao se esgotarem as perguntas, Elisabeth perguntou, num repente:

— Sabes onde se encontra meu pai esta noite?

A mesa ergueu-se três vezes:

— Sim.

Ninguém ali sabia onde ele estava. Estabeleceu-se, então, interessante diálogo.

— Onde ele está?

Alguém foi ditando as letras do alfabeto e a mesa confirmando as letras, para que as frases das respostas fossem formadas.

— Swansea.

— Ele, então, está na cidade de Swansea, no País de Gales?

— Sim.

— Desde quando?

A mesa deu dez pancadas:

— Dez dias.

— Impossível. Ele estava em Londres nos últimos dias!?!...

Dez pancadas foram repetidas:

— Dez dias.

— O que ele está fazendo por lá?

— Não sei.

— Está num hotel?

— Não.

— Na casa de amigos?

— Não.

— Não pode ser, não está em lugar nenhum?...

— Está.

— Onde, pois?

Um dos presentes sugeriu a palavra “embarcação”.

— Sim.

— Está a bordo?

— Sim.

— Qual o nome do navio?

— “Lizzie Morton”.

Não se podia prever que o pai de Elisabeth pudesse estar nessa localidade e não havia razão para que lá estivesse. A mesa não estava com senso, visto que o capitão deveria ir encontrar-se com sua esposa em Durham, assim que concluísse seus negócios em Londres. Alguém disse:

— Pretende-se que sejam espíritos que se comunicam pela mesa, não é?

— É um espírito que está fazendo a mesa falar?

— Sim.

— O espírito de um homem?

— Não.

— De uma mulher?

— Sim.

— Qual era o seu nome?

— Mary E.

Era o nome da avó de Elisabeth.

— É minha avó?

— Sim.

— Viste o meu pai em Swansea?

— Sim.

— Ainda está lá?

— Sim.

Elizabeth estava perplexa, e ficou ainda mais, quando, no dia seguinte, foi visitar sua mãe em Durham. Logo que chegou, sua mãe foi dizendo:

— Recebi uma carta do teu pai, hoje pela manhã. Ele está em Swansea e recebeu as notícias da necessidade que tenho de sofrer uma cirurgia.

Elizabeth quase teve uma vertigem. Recompôs-se e contou tudo para a mãe, que, por sua vez, a aconselhou a escrever, imediatamente, para o pai e confirmar o nome do navio.

— Estiveste a bordo de algum navio de nome “Lizzie Morton”? E ficaste tantos dias em Swansea?

— Sim, estive lá, tratando de negócios relacionados a um navio chamado “Lizzie Morton”. Para que tanta importância com isso?

Ele havia ido inesperadamente para Swansea, a fim de inspecionar o navio para um amigo. Depois de todas essas constatações, ficou combinado que se reuniriam uma noite por semana, para experimentos psíquicos. Muitos foram os resultados obtidos: *raps*, possibilitando a tiptologia; confirmação de letras, pela sematologia; quando o ambiente era obscurecido, eram observados relâmpagos ou nuvens luminosas flutuantes; luminosidades bem definidas. Até que Elizabeth registrou um interessante fenômeno de transporte:

“Colocamos um par de abotoaduras de punho sobre a mesa e as observávamos atentamente. Após algum tempo, não houve nenhum ‘movimento nelas’, pois a ideia é de que fossem movidas, psiquicamente, sobre a mesa. Houve pancadas e movimentos na mesa e isso fez com que a nossa atenção fosse desviada das abotoaduras e começássemos a soletrar o alfabeto. Reunidas as letras, obtivemos: ‘Procurem as abotoaduras’.

A porta da sala estava fechada e não encontramos nada. Ninguém havia saído. Procuramos e não achamos. Começamos a perguntar à mesa:

— Estão sobre uma mesa?

— Não.

— Na chaminé?

— Não.

— Dentro de algum vaso de enfeite?

— Não.

— Estão em outro lugar qualquer?

— Sim.

Soubemos que estavam num vaso de plantas, próximo da janela mais afastada da porta. Procuramos e examinamos o vaso. Após exame cuidadoso, as abotoaduras não estavam ali. A mesa estaria errada? Informamos à mesa:

— Há um erro! As abotoaduras não estão no vaso.

— Vós olhastes apenas; não examinastes o seu conteúdo.

Realmente, ninguém havia examinado o interior do vaso. Voltamos a examiná-lo. A terra não havia sido mexida, estava compacta. Quando a removemos, vimos as abotoaduras brilhando entre as raízes. Retornamos para a mesa e aí colocamos as abotoaduras outra vez e nos assentamos. Elas desapareceram imediatamente. Os espíritos nos informaram que deveríamos procurar numa caixa japonesa que se achava numa prateleira bem alta. Um de nós subiu numa cadeira e trouxe a caixa que estava fechada e foi preciso buscar a chave em outro lugar da casa. As abotoaduras foram encontradas dentro da caixa, ao lado de um bule de prata. Depois, voltamos para a mesa e procedemos como antes, quando as abotoaduras novamente desapareceram de modo instantâneo.

Procuramos, procuramos... nada. Resolvemos suspender a sessão para um cafezinho antes das despedidas. Um dos presentes sentiu que o café lhe respingou no rosto, devido à queda das abotoaduras dentro de sua xícara. Vieram do alto. Foram retiradas com uma colher.”

Muitas outras experiências aquele grupo de amigos viveu, cada uma mais interessante que a outra, mas, ainda assim, parecia mais uma reunião para passar o tempo. Apenas o Sr. Fidler interessava-se mais seriamente pelos experimentos. Contudo, iam-se reunindo e aprimorando as técnicas quase que de modo inconsciente. Verificaram que a música ajudava muito. Os movimentos vibratórios regulavam-se pelo compasso da música. Se era uma música de melodia calma e triste, os movimentos eram igualmente lentos e ritmados; se era uma ária animada, os movimentos eram rápidos e vivos. O hino *Yankee Doodle* produzia efeitos muito bons. De qualquer modo, o grupo foi aprimorando o sistema de comunicação; um alfabeto foi escrito sobre a mesa e um ponteiro adaptado a um torniquete, mas os

resultados não foram bons.

O Sr. Fidler, certa noite, propôs experimentos de clarividência, em vez de utilização da mesa. A luz foi amortecida e todos permaneceram sentados ao redor da mesa, esperando por alguma visão, e nada aconteceu. Após várias tentativas, o Sr. Fidler propôs que deveria, por detrás da cadeira, colocar suas mãos sobre os olhos de cada um. Passou por todos e Elisabeth foi a última. Assim que o Sr. Fidler encostou-lhe os dedos nas pálpebras, a sala, que estava iluminada pela claridade do fogo da lareira apenas, sumiu para ela, que se viu ao ar livre, num lugar desconhecido:

“Ouvia o farfalhar das árvores e o murmúrio da brisa, mas tudo era sombrio, e ainda que tivesse a consciência de estar em algum lugar, num campo ou numa estrada, nada podia distinguir. Ao mesmo tempo, percebia que estava assentada na cadeira entre os do grupo, na sala de minha casa. Porém, essa certeza não destruía a sensação de realidade com que a visão se fixava em minha mente.”

Elisabeth permaneceu assim por algum tempo, uns dois minutos, segundo ela própria. Havia obscuridade e surgiu uma luz diante dela; vinha da porta aberta de uma casa. Essa luz iluminava a estrada e as árvores. Depois surgiram as figuras de dois homens no limiar da porta, que se fechou por trás deles. Tudo ficou escuro novamente.

“Apesar da obscuridade, eu podia, com certa dificuldade, distinguir as figuras dos dois homens que haviam deixado a casa e os seguia sem exatamente saber por que o fazia. Um deles parecia bêbado e falava alto, gesticulando muito; o outro, mais alto, amparava o seu companheiro. De repente, aquele que estava embriagado, o mais baixo, desapareceu: o outro começou a chamá-lo, sem resposta; eu o vi procurar com precaução. Parecia indeciso, ia e vinha, olhando para os lados. Afastou-se rápido e entrou por uma porta. Pouco depois, o moço voltou, seguido de várias pessoas que traziam lanternas. Ninguém me notava. Eu os seguia. Eles procuravam o desaparecido. Foi aí que notei que havia uma outra estrada, uma paralela à outra, mas uma delas em nível mais baixo. O grupo chegou ali, onde o homem havia desaparecido. Pesquisaram até que o encontraram: estava inanimado. O homem mais alto tentava erguer o companheiro caído na lama, que não estava morto. Quando reparei naquele homem alto que amparava o embriagado, percebi, com surpresa, que era o Sr. Fidler.

— Como! És tu! — exclamei.”

Elisabeth afastou os dedos do Sr. Fidler de sobre suas pálpebras e repetiu:

— Como! És tu!

Todos, curiosos, queriam saber detalhes do que havia se passado. Ela, então, contou a visão que tivera. Esperaram as explicações do Sr. Fidler, que vieram a seguir:

“Esse fato deu-se há doze anos. Tínhamos ido caçar gamos e, na volta, nos reunimos numa espécie de albergue. Eu e meu companheiro saímos juntos, porque morávamos na mesma direção, quando notei que meu amigo estava embriagado. Procurei conduzi-lo logo para sua casa, mas ele, de repente, desapareceu na noite. O resto da história foi como Elisabeth narrou.”

A explicação sobre essa clarividência é bem simples. O contato do Sr. Fidler com Elisabeth, através de suas mãos, estimulou que a médium visse algo relacionado a ele. Só que a experiência foi mais longe que o esperado: ela fez um transe anímico e uma incursão no passado dele. Trata-se de um fenômeno de retropsicometria de uma pessoa.

As sessões continuaram e novos experimentos foram tentados. Agora, buscava-se obter a escrita. A prancheta era morosa e alguém sugeriu que, se fosse realmente um espírito que escrevia, ele o poderia fazer através da mão de um deles. Sucessivamente, cada um tomou um lápis, convidando o espírito a escrever. Alguns mostravam apenas uma breve tensão muscular e produziram garatujas sem significado algum. Um por um foi abandonando o lápis, sem nada produzir. Quando chegou a vez de Elisabeth, ela notou que havia um contato, uma sensação dolorosa no braço, “formigamentos”, uma sensação de entorpecimento que se estendeu à extremidades de seus dedos. Sua mão ficou fria e insensível, depois começou a mover-se lentamente, tentando escrever. Era apenas uma primeira tentativa.



Espírito Walter Tracy

Uma *pinctografia* a pastel, com a figura do Espírito Walter Tracy, guia espiritual de Elisabeth, executada pela própria médium. Tracy, ou melhor, Walter, fora um americano que havia cursado a Universidade de Yale e, tendo-se alistado na Guerra da Secessão, tomou parte em muitos combates. Após a guerra, não quis continuar os estudos e, logo depois, num acidente com o vapor em que viajava, caiu na água e as vítimas, agarrando-se a ele, o fizeram afogar-se. Tinha vinte e dois anos quando se afogou.

Nas reuniões que se seguiram, Elisabeth desenvolveu rapidamente a psicografia. Era uma psicografia automática ou mecânica; enquanto ela conversava, a escrita era produzida e os estilos de letra se diferenciavam como se mais de uma pessoa estivesse escrevendo. Os assuntos se

alternavam, bem como as ideias. Começaram a surgir nomes: eram os espíritos que agora podiam participar mais claramente. Um deles era John Harrison, inglês que tinha vivido no Condado de York. Demonstrou possuir ideias religiosas, era solitário, um misantropo, pessimista e seus discursos eram longos. Um desses espíritos que se manifestavam tornou-se mais simpático e esperado. Era Walter Tracy, que teria sido um americano, em sua última encarnação. Contou uma história;

“Havia cursado a Universidade de Yale, alistou-se como voluntário assim que foi deflagrada a guerra civil, participou de muitos combates, saindo sempre ileso; apenas perdera dois dedos da mão, num descuido com um rifle. Depois da guerra, não quis continuar seus estudos e acabou por morrer afogado num lago, por ocasião de uma viagem a bordo de um vapor. Muitos passageiros haviam caído na água junto com ele, fato que o impediu de nadar para salvar-se. Estava com vinte e dois anos, quando se afogou.”

Era um espírito alegre, de bom humor, e por isso todo o grupo tornou-se-lhe simpático. Finalmente, era ele quem se utilizava da mesa, para acompanhar o ritmo das músicas. Mostrava-se sempre interessado nos experimentos propostos, tal como qualquer um dos componentes do grupo. Sugeriu novas ideias e tudo o mais. Muito interessante era a sua atitude, quando lhe era proposta uma questão que não era capaz de resolver; esperava um pouco e escrevia:

“Submeterei esta questão a alguém que conheço. Aguardem até que eu volte.”

Depois, trazia as soluções esperadas. Só que ele o fazia de modo jocoso. Sua letra era grande e bem evidente. Certo dia, Walter reconheceu que não possuía capacidade de esclarecer as questões cada vez mais complexas do grupo e trouxe um Amigo Espiritual chamado “Governador”. Esse espírito era de rara formalidade. Todos deviam tratá-lo com respeito e sem pilhérias. Era de uma personalidade grave e séria, muito diferente de Walter e de John Harrison. Cismador e paciente, era um sábio, um mentor, conselheiro e amigo. Seu nome verdadeiro era Stafford, Humnur Stafford. Fora filho de um político americano casado com uma alemã, por isso havia sido educado na Alemanha. Sua carreira científica terminou quando um acidente o obrigou a permanecer no leito por mais de três anos. Foi nesse transe da enfermidade que se interessou pela questão da sobrevivência e imortalidade da alma. No leito, estudou muito sobre as crenças religiosas e

nisso teve apoio de sua mãe. Buscava a prova e a encontrou depois de sua própria morte:

“Sua inteligência era mais livre; seu desejo de estudar e de saber era bem maior que antes; sua capacidade de compreender ampliava-se.”

Por fim, escreveu ele:

“Não façam indagações a respeito de minha vida terrena. Nada mais conseguirão descobrir. Não dei o meu nome inteiro, pois muitos dos meus ainda vivem no mundo e não gostaria de aborrecê-los. Aceitem a minha participação, como até agora. Ela é sincera como é a minha vontade de ser-lhes útil.”



Espírito Humnur Stafford

Um desenho executado a pastel por Elisabeth, estando o ambiente em total escuridão. A médium descreveu Stafford assim: “Ele, o Governador,

era grave e sério, e, contudo, cismador e paciente; era um estudioso, amigo e um colaborador incansável.”

Isso foi respeitado. Outras entidades vieram a manifestar-se no grupo de estudos mediúnicos e Elisabeth, embora não quisesse ser chamada de médium, pouco a pouco tornava-se o centro dos acontecimentos. É justo que ela não quisesse ser considerada médium, pois a fama dos médiuns não era boa na época. Os impropérios sobre eles eram terríveis, por mais sérios que fossem.

Em dada reunião, surgiu uma entidade que se dizia espanhola. Escrevia mal o inglês e misturava palavras castelhanas na sua escrita. Suas expressões eram de uma menina de uns oito anos de idade, caprichosa e impetuosa. Considerava o Espírito Walter um amigo, e revelou que havia morrido queimada com sua irmã mais velha, numa igreja de Santiago. Seu nome era Nínia. Esse espírito muito distraiu o grupo e afeiçãoou-se a um dos amigos, o Sr. Geórgio, tornando-se uma amiguinha espiritual dele até o dia em que ele desencarnou.

Uma outra entidade aproximou-se. Era Felicia Owen, uma jovem inglesa, vinte anos de idade, tranquila e reservada. Havia sido educada numa escola católica do País de Gales. Era poetisa e escrevia belos versos:

“Ao morrer, não podia acreditar
que pudesse voz amiga escutar,
e perceber a força de uma mão,
quando trêmula estivesse, então,
na praia do imenso e negro mar,
aberto entre mim e a eternidade.
E, no entanto, tudo isso era verdade.”

A psicografia de Elisabeth desenvolvia-se cada vez mais, e Stafford providenciava verdadeiros exercícios:

“Muitas vezes, minha mão escrevia com rapidez e firmeza tal, que avançava por duas horas, sem se deter, enquanto eu mesma vigiava o papel, já coberto com as letras miúdas e fechadas de Stafford ou da escrita mais aberta de Walter, e com a mão esquerda preparava as folhas de papel.

Outras vezes, eu conseguia ler, conforme minha mão ia escrevendo, só que, à medida que me interessava pelo que ia sendo produzido, a escrita tornava-se confusa e incoerente, quase ou totalmente ininteligível.”

Evidente que sua mente ia interferindo na escrita, nesses casos. É de bom alvitre reproduzir as impressões de Elisabeth quando psicografava, pois que o mesmo deve ocorrer com muitos médiuns:

“Meu ombro e meu braço ficavam, inicialmente, muito doloridos, mas suportava esses incômodos. Pelas sensações da minha mão e do meu braço, fui distinguindo diferentes espíritos, que se serviam do lápis de modo bem diferente uns dos outros. Stafford causava-me menos sofrimento que qualquer outra entidade, mesmo que escrevesse por bastante tempo.”

Elisabeth percebia também quando algum espírito estranho tentava escrever. Muitas vezes, disse que a escrita vinha da direita para a esquerda, como se uma vontade operasse por baixo da sua mão; nestes casos, era preciso um espelho para inverter a imagem da escrita.

Muitas vezes, também, recebiam visitantes espirituais nas sessões, ocasiões em que obtinham interessantes comunicações. Essas visitas, geralmente, vinham quando também recebiam alguém encarnado nas sessões. Uma influência muito grande pode acontecer com essas visitas, para melhor ou para pior.

Certa noite, receberam a visita de uma senhora que, de modo insistente, pedia para participar das sessões. Numa ocasião em que haviam programado uma série de experimentos, essa senhora foi convidada. A senhora sentou-se bem à frente de Elisabeth. Esperaram por muito tempo que algo acontecesse, e nada; a mesa nem realizou um leve movimento, nem um traço de lápis. Houve queixas de mal-estar geral; mordidelas e ferroadas vinham de todos os lados. Uns se queixavam de estar com teias de aranha no rosto. Duas horas de espera, e nada. No final, quando resolveram terminar a sessão, aquela senhora, com ar triunfante, disse:

“Sabem por que os seus espíritos não se apresentaram? Eu pedia a Deus sem cessar, durante a noite toda, que nos livrasse do poder de Satanás e impedisse suas manifestações, enquanto eu por aqui estivesse. Fiquem certos de que, se fizerem como eu fiz, não terão mais essas manifestações; serão protegidos do espírito do mal. Essas manifestações vêm do diabo; do contrário, apesar das minhas preces, teriam-nos obtido hoje.”

Elisabeth permaneceu sem o que dizer, diante da tenacidade da Sra.

X... Entretanto, é possível que a espiritualidade, em respeito à fé sincera que essa senhora abrigava, mantivesse o silêncio. Ela era a esposa valorosa, séria e ativa de um pastor protestante de grande respeito, e julgava-se no direito de patrulhar o moral das pessoas em seu círculo de conhecimento. Estava convencida de que Elisabeth e seus amigos eram vítimas das ciladas do diabo.

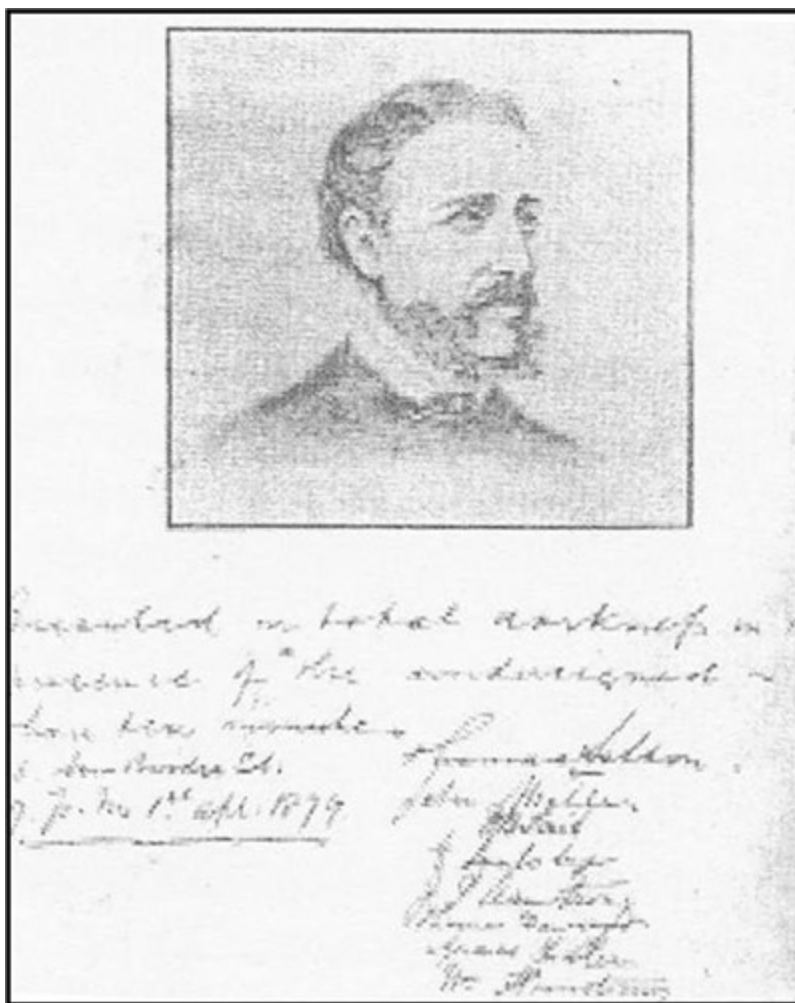
Os trabalhos não pararam. Na primeira noite em que se reuniram em completa obscuridade, Elisabeth sentiu necessidade de olhar para um canto da sala e percebeu uma nebulosidade luminosa. A nuvem foi se condensando, tornou-se compacta, e dela surgiu a forma de uma menina, toda iluminada, como se o estivesse pela luz do dia, mas era uma luz que vinha do seu interior. Apenas Elisabeth é que via tal figura; os outros não viam nem a nebulosidade. Era Nínia. Elisabeth tomou lápis e papel e pôs-se a desenhar o fantasma, no escuro. Quando acenderam a luz, viram que o desenho estava perfeito, vendo-se Nínia com um belo sorriso. Na verdade, para Elisabeth, não havia falta de luz.

Daí em diante, as sessões eram realizadas na obscuridade e muitos retratos desenhados foram obtidos da forma descrita acima. Os desenhos foram sendo entregues às pessoas amigas ou parentes dos espíritos retratados, mas Elisabeth registrou que havia conservado alguns com ela, principalmente os de Stafford, Walter, John Harrison e Nínia. É preciso lembrar de novo que esses retratos eram elaborados no escuro.

Não havia propriamente quem instrísse a mediunidade de Elisabeth, porém, ela mesma, de modo intuitivo, tomava certas decisões importantes. Uma delas foi a de exercitar-se mais no desenho, para melhorar o seu talento. Observou, entretanto, que, à medida que se aperfeiçoava, a capacidade de perceber as formas ia diminuindo. É que ela acabava por tornar-se parte ativa, esquecendo-se de que o fenômeno era produzido independentemente de seu intelecto. Houve cansaços inesperados; a produção, às vezes, tornava-se nula, depois voltava. Ela não podia compreender isso.

Passado algum tempo, o grupo inicial de companheiros estava bastante alterado. Uns haviam se mudado para outras regiões e até mesmo da Inglaterra; outros chegaram. Estava começando uma nova fase. Acontece que entre os novos visitantes estava um tal Sr. Barkas, na época um pesquisador muito conhecido, que queria estar presente quando da produção

de um retrato. Era, na verdade, um amigo das artes. Fundara, em Newcastle, uma galeria de artes plásticas com salão de conferências e até uma biblioteca. Era também membro da Sociedade de Geologia e um espírita interessado.



Pinctografia em pastel

“Executada em total obscuridade, na presença dos abaixo assinados, em menos de dez minutos.”

28. Bridge St.

9 p.m. 1º de abril de 1879

Thomas Ashson

Jelm Metler

B. Sait

E. Louisby

J.F. Armstrong
Thomas Dowson
Grace Fidler
Mme. Armstrong

Numa das sessões em que estava presente, o Sr. Barkas manifestou a todos o seu desejo de realizar doze conferências, com práticas científicas, numa tentativa de popularizar a ciência e seus assuntos. Na ocasião, Elizabeth psicografou a seguinte pergunta:

“Poderei saber quais as teorias que pretendes sustentar e popularizar?”

Era o Espírito Stafford que perguntava.

O Sr. Barkas, então, passou a dissertar sobre as intrincadas teorias, aliás ininteligíveis para a médium. Quando terminou, Stafford escreveu:

“Estás iludido; enquanto não progredires mais em tuas experiências, elas apenas parecerão estar corretas em suas teorias. Se fizeres o que desejo propor-te, verás que estás enganado.”

A discussão foi longe e o Sr. Barkas concordou em mudar o assunto de suas conferências, até que fizesse novos experimentos, auxiliado pelo Espírito Stafford, que o instruiria por intermédio de “uma jovem mulher, de educação vulgar”. Os assuntos propostos para o estudo pelo Sr. Barkas e aceitos por Stafford foram: Luz, som, acústica, música e harmonia.

As discussões duraram meses. O Sr. Barkas correspondia-se com outros cientistas e as sessões foram tomando vulto, com Stafford orientando aqueles homens estudiosos e sérios. De vez em quando, diante de uma questão que não sabia, esse espírito escrevia?

“Não sei, aguardem que receberei informações a respeito e trarei as respostas.”

Houve uma profecia científica de Stafford. Ele afirmou que, a propósito do som, haveria no mundo um aparelho capaz de transmitir ondas sonoras a distâncias ilimitadas; descreveu-o nos mínimos detalhes; afirmou que tal aparelho seria conhecido no mundo inteiro. Ainda em vida, a médium Elisabeth pôde ver com seus próprios olhos e ouvir com seus próprios ouvidos o “telefone” descrito por Stafford.

Esse espírito anunciou um outro aparelho, ao qual chamou *Designograph*, que atuaria também na área da comunicação; reproduziria, à

distância, caracteres de escrita que uma pessoa fizesse numa folha de papel colocada na outra parte. Elizabeth pensou, mais tarde, tratar-se da “telefotografia”, uma modalidade de transmitir imagens por fio ou por rádio (radiofoto). A telefoto por fios anunciada em 1902, mas somente depois da 1ª Grande Guerra é que sua utilização ganhou importância. De qualquer modo, hoje temos o fax.

Terminadas as discussões com o Sr. Barkas, este trouxe um médico que propôs discutir Anatomia. Depois, houve o Sr. William, que era organista, para discutir Música, até mesmo sobre a construção de aparelhos musicais. Stafford estava, ele e seus colegas espíritos eruditos, ciente de todos os assuntos. O Sr. Barkas ficou com os manuscritos dessas sessões, para publicar os textos, além das conferências que fez.

Depois de quatro anos de realizações mediúnicas, reuniões, sessões, produções *pinctográficas* e psicográficas, mesa girante, vidências, e após vários acontecimentos de perdas familiares (possivelmente sua mãe e seu marido, visto que depois ela segue sozinha para a Suécia), cuidados e inquietações, Elisabeth foi acometida de um estado gripal que chegou a afetar-lhe os pulmões. A conselho médico, viajou pelas praias do Mediterrâneo, mas mesmo assim baixou-lhe um estado de depressão psicológica. Desejava morrer, estava exausta. Em pouco tempo, porém, refez-se completamente, e esses problemas fizeram-na meditar e aceitar os conceitos espíritas e ser espírita, pois relutava, apesar de toda a sua mediunidade. Agora ela compreendia melhor os ensinamentos espíritas de seus guias espirituais.

Com sua saúde quase totalmente restabelecida, depois de uma prolongada estada no sul da França, Elisabeth foi passar alguns meses na residência do Sr. e da Sra. Fidler, amigos das primeiras sessões que, por essa época, residiam na Suécia, onde o Sr. Matthew Fidler havia se estabelecido, com um escritório, na cidade de Gotemburgo.

Nessa temporada, ela acompanhou alguns amigos a Leipzig, quando, por intermédio do Sr. James Burns, de Londres, esteve com o então renomado professor Friederich Zöllner, que, por essa ocasião, já era espírita convicto, e com ele fez alguns experimentos mediúnicos. Depois, esteve em Breslau, onde teve a chance de converter o Dr. Friese, professor universitário, amigo de Zöllner, ao Espiritismo, após muitas sessões de escrita automática (escrita mecânica), quando o Espírito Stafford pôde

discutir todas as ciências com o referido professor, que se declarou espírita. publicamente, e pediu demissão de sua posição na Universidade, que exigia fidelidade religiosa.

Assim que soube que seu amigo havia se convertido ao Espiritismo, o Dr. Zöllner foi encontrá-lo em Breslau. Isso também causou muito rebuliço na sociedade, a tal ponto que o salão de reuniões permanecia sempre cheio de gente. Certo dia, estava presente um senhor, atleta de muita força, amigo do Dr. Friese. Este lhe propôs um desafio:

— Por mais forte que sejas, não acredito que possas segurar a mesa, quando o Espírito Walter a estiver movimentando.

— Sério? Bem, se Walter permitir, enfrentarei esse desafio. Sempre quis encontrar um espírito ou um homem a quem não pudesse vencer. É, pois, aqui, uma questão de força.

Elizabeth consentiu no experimento e colocou-se a postos, junto à mesa. O senhor atleta segurou a mesa firmemente, mantendo-a presa no chão. A mesa, no entanto, nem dava sinal de querer movimentar-se. Quando cansado, ele afrouxava, a mesa dava uns saltos. Ficou a coisa assim: até que ele se cansou e largou a mesa. Nesse instante, a mesa começou a deslocar-se e o senhor atleta cobriu-a com o corpo e não conseguiu fazê-la parar nem sair de seu ritmo. Ele desistiu e tornou-se espírita, porque fora enganado pela mesa, que o cansou primeiro, para depois vencer a sua força.

Após vários meses em Breslau, Elisabeth retornou à Inglaterra e, tempos depois, formou outro grupo de estudos espíritas, com mais ou menos quinze pessoas, entre elas seus velhos amigos, Sr. e Sra. Fidler. As reuniões eram efetuadas no seu ateliê de pinturas, duas vezes por semana.

Nessa oportunidade, pôde retratar muitos espíritos, e esses retratos eram logo fotografados para documentação e posterior publicação. Contudo, muitas outras experiências foram realizadas.

O grupo resolveu tentar a leitura de cartas lacradas, e a primeira tentativa foi um grande sucesso: a carta estava dentro de sete envelopes lacrados, uns dentro dos outros, e escrita em língua desconhecida da médium. Ela, então, soletrou, letra a letra, até completar a leitura. De outra vez, foi mais difícil:

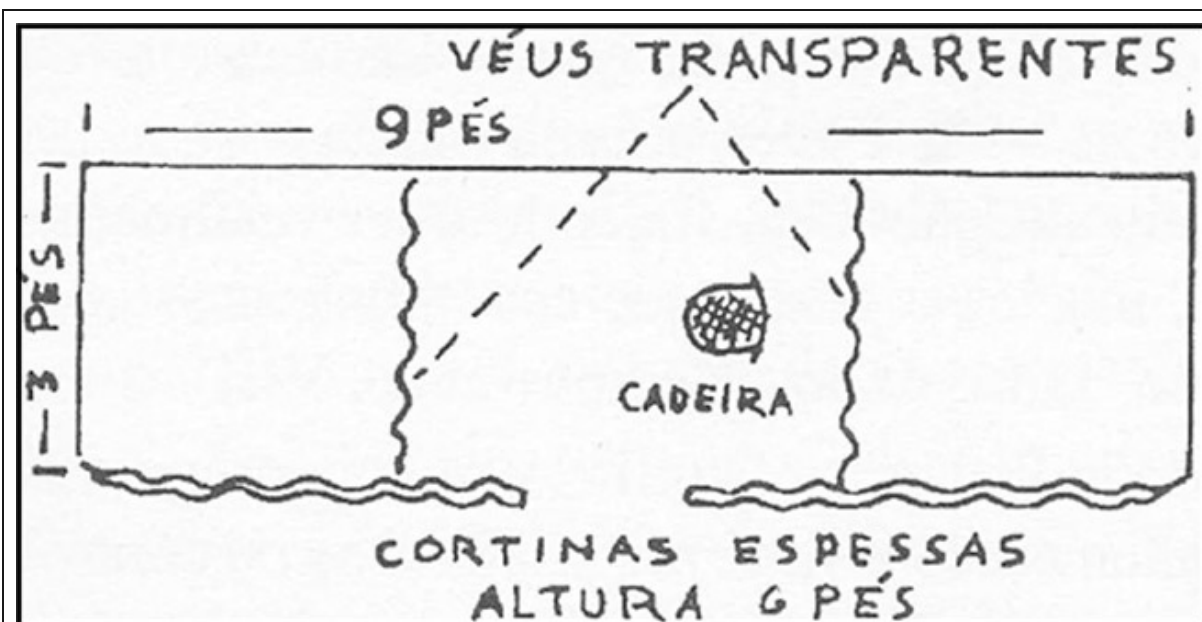
“Deram-me para ler uma carta, porém não pude realizar a leitura, embora o seu conteúdo me fosse completamente visível. Tentei diversas vezes e depois resolvi copiá-la palavra por palavra, pois estava escrita em

sueco, língua incompreensível para mim.”

Elisabeth conseguia ver a escrita através dos envelopes. Umas vezes, eram bem fáceis as leituras; outras mais difíceis. Logo depois, começaram experimentos com materializações, pois estivera com o grupo uma senhora médium que conseguia obter espíritos materializados. Essa médium teve que abandonar os experimentos, por causa de certa enfermidade. Elisabeth, ao experimentar a cabine que fora feita para a tal médium, também conseguiu produzir materializações. A primeira, bem nítida, foi a do rosto do Espírito Walter.

O grupo de amigos espíritas foi reforçado e um novo gabinete foi constituído (3 pés de largura X 9 de comprimento X 6 de altura), com véus repartindo os espaços, pois a médium tinha repugnância pelas formas materializadas.

Nas primeiras sessões próprias para materialização de espíritos, houve movimentação nas cortinas e algumas vezes surgiam cabeças materializadas. Uma vez, o Espírito Walter foi reconhecido. A Sra. Fidler perguntou se ele não queria sair do gabinete. Ele, então, respondeu que de boa vontade, mas estava despido e não ficaria bem, assim diante das senhoras presentes. Quiseram emprestar-lhe roupas, mas ele não aceitou. Foi aí que a médium e a Sra. Fidler fizeram-lhe roupas de musselina branca (alguma coisa de espiritual). Saiu uma espécie de “chambre” com mangas largas e abertas. Colocaram-no no compartimento central do gabinete e esperaram.



Croqui do gabinete

Uma espécie de cabine nova foi construída para isolar a médium durante as sessões. Um biombo com cortinas, especialmente preparado para as sessões. Não havia necessidade de amordaçar ou manietar a médium.

Walter chegou e pediu que se enrolasse a roupa e a devolvessem à Sra. Fidler, pois não havia necessidade dela. Daí, saiu do gabinete, trajando uma vestimenta de tal beleza, maciez e graça, que envergonhou as costureiras. (Ver *O Livro dos Médiuns*, Cap. VIII.)

Tudo indica que o Espírito Walter conseguiu dominar completamente a arte de materializar-se ou controla toda a equipagem mediúnica, o que outros espíritos não conseguiam fazer. Estes apenas escreviam ou materializavam-se com a ajuda de Walter, visto que o mais difícil, segundo a própria Elisabeth, era a materialização de roupas.

Logo, porém, surgiu uma outra entidade, Iolanda, árabe, aparentando quinze a dezesseis anos de idade, que dispensou a ajuda de Walter. Era morena e esbelta. Encantava a todo o grupo. Iolanda era extremamente curiosa e gostava muito de música. Conseguia permanecer, por bastante tempo, o mais naturalmente possível, no meio do grupo. Elisabeth, certa vez, pôde, ela mesma, ver Iolanda materializada e a descreveu assim:

“A luz batia em cheio sobre o seu corpo e permitia que eu a visse e

pude, assim, fazer um exame completo de sua pessoa. Seus vestidos eram finos e a cor azeitonada de seu pescoço, espáduas, braços e pés sobressaía. Seus cabelos eram longos, anelados e negros, sempre cobertos por uma espécie de turbante. Suas feições eram delicadas, olhos grandes, fundos e cheios de vida; era como uma menina.”

Numa das vezes em que houve oportunidade, uma das amigas do grupo levou para Iolanda uma faixa de seda da Pérsia. Ela logo se interessou e a colocou nos ombros e não mais a deixou. Nesse dia, quando Iolanda desapareceu, tal faixa não foi mais encontrada. Quando, num outro dia de sessão, Iolanda voltou a materializar-se, a dama, que a havia presenteado com a faixa de seda, perguntou-lhe o que era feito dela. Iolanda parou por uns instantes, agitou suas mãos no ar e, ao tocar em seu próprio ombro, logo a faixa apareceu ali, como na sessão anterior. Escreveu sobre isso Elisabeth:

“Às vezes, quando Iolanda gradualmente se dissolvia, perante todos — éramos vinte pessoas — ficando a faixa no chão, alguém comentava: ‘Desta vez ela a esqueceu’. Mas, não; logo a faixa desaparecia, tal como o próprio espírito.”

O Espírito Nínia materializou-se também, algumas vezes, e, por duas vezes, uma outra entidade exuberante e bela, chamada Y-Ay-Ali, mostrou-se por inteiro. Era como uma Instrutora Espiritual, responsável por muitos dos fenômenos ocorridos, principalmente pela produção de flores belíssimas que eram trazidas ao ambiente, em raros fenômenos de aporte.

Quando apareceu certo visitante no grupo, o Sr. William Oxley, muito conhecido na cidade de Manchester, alguns fenômenos de transporte de plantas ocorreram. Ele e mais dois senhores, muito conhecidos na Alemanha, os Srs. Armstrong e Reimers, pediram permissão para assistir às sessões. O Sr. Oxley disse que estava ali com um objetivo e que só o revelaria quando obtivesse o que esperava:

— Um espírito disse-me, por outro médium, que conseguiria satisfazer o meu desejo, se pudesse participar destas sessões.

O Sr. Oxley era muito conhecido por seus trabalhos filosóficos sobre assuntos espíritas e por seus estudos sobre as pirâmides do Egito. Logo na primeira sessão em que participou, o espírito Iolanda veio e convidou o Sr. Reimers a aproximar-se do gabinete e verificar os preparativos que ia fazer. Ela pediu areia e água. Pediu ao Sr. Reimers que colocasse a areia num jarro de vidro e depois acrescentasse água. Iolanda cobriu o jarro com um

pano e voltou ao gabinete. O Sr. Armstrong colocou o jarro no centro da sala. Após breves momentos, Iolanda veio e foi levantando o pano que cobria o jarro, lentamente. Ao retirá-lo totalmente, o jarro continha uma belíssima planta. Iolanda levantou o jarro com a planta e atravessou a sala, para entregá-la ao Sr. Oxley. Iolanda retirou-se, e ninguém conseguiu, de imediato, classificar tal planta. Após algum tempo, uns minutos, com grande surpresa para todos, a planta ostentava uma inflorescência tipo umbela circular, que se formou ali mesmo, espontaneamente, de uma cor salmão, nunca vista por aquelas bandas.

Esta sessão do dia 4 de outubro de 1880 foi memorável para o Sr. Oxley, pois a planta era uma *Ixora Crocata*, originária da Índia. Fora transportada, pois, porque era uma planta que estava viva há alguns anos. Apresentava cortes e lugares onde já haviam existido algumas folhas. O Sr. Oxley, então, declarou:

“Os espíritos haviam me prometido um espécimen desta rara planta para minha coleção. Pois, agora, estou satisfeito e foi realizado o objetivo de minha visita.”

Muitos outros espíritos materializaram-se: uns, para consolar os seus parentes que estavam presentes; outros, para concluir tratamento espiritual nos muitos enfermos que eram conduzidos para a sessão. De algum modo, o povo associa os fenômenos espíritas à medicina divina, numa mística em que há uma busca do milagre, fazendo com que a mediunidade sempre esteja ligada a curas ou esperanças de curas, físicas ou psíquicas.

Houve um momento de grande problema e experiência dolorosa, tudo em relação ao aspecto da segurança da médium. O êxito das sessões era evidente, e houve uma espécie de relaxamento quanto à questão da segurança. Uma coisa eles sabiam: que a presença de certas pessoas favorecia os fenômenos e de outras contrariava a força empregada na produtividade medianímica.

Naquela sessão, quase à véspera de Elisabeth retirar-se para uma espécie de descanso fora da Inglaterra, na residência da Sra. Fidler, na Suécia, aconteceu um fato bastante desagradável. Contou ela suas impressões:

“O que senti foi uma sensação horrível e angustiosa, como se alguém estivesse a esganar-me, como se eu fosse uma boneca de borracha, apertada

de modo violento num abraço de força. Fiquei aterrorizada, em agonia e dor; parecia que ia perder a razão e cair num despenhadeiro escuro e feio. Nada via nem compreendia, a não ser um grito que ouvia à distância. Caía, mas não sabia onde. Desmaiei. Despertei e pensei que havia recebido um golpe mortal. Depois, me contaram que alguém havia agarrado o Espírito Iolanda, que estava materializado no meio da sala, achando que era eu e querendo desmascarar-me.”

Os resultados foram funestos. Elisabeth adoeceu; suas forças esvaíram-se. Uma hemorragia pulmonar, que parecia estar curada, quando de sua estada no sul da França, voltou. Uma longa enfermidade a prostrou e sua viagem à Suécia teve que ser adiada por muitas semanas. Ela, porém, sofreu mais com as calúnias que vieram por parte de um ex-membro do grupo do que pelos danos físicos da enfermidade.

Durante alguns anos, Elisabeth não pôde realizar suas sessões. Ficou a recuperar-se, tanto física quanto psicologicamente; o que só conseguiu sete anos depois. O ambiente pacífico da Suécia, no entanto, possibilitou seu restabelecimento. Logo ela raciocinou que somente por sua mediunidade poderia levar alívio. E os doentes vinham de longe, em busca de medicamentos que tinha estocados. Sua clientela aumentou e constantemente pediam o auxílio dos seus Amigos Espirituais.

Nesse ponto, descobre-se que Elisabeth mantinha um receituário mediúnico. O médico local, que desprezava seus clientes pobres, por causa das distâncias a serem percorridas, sabendo que ela não receitava substâncias extravagantes ou tóxicas, fazia que não via e não se importava. Elisabeth registrou o seguinte:

“Digo, apesar da surpresa que isto possa causar, que, por essa época, aconteceram apenas dois casos de óbito, e, mesmo assim, de pacientes que estavam sob os cuidados exclusivos do tal médico local.”

Por algum tempo, Elisabeth fez uso apenas dessa sua potencialidade medianímica. Começaram, então, a surgir novos companheiros espíritas, mais teóricos que práticos, e logo organizou-se, em torno da mediunidade de Elisabeth, uma série de sessões com o precípuo objetivo de se obter fotografia de espíritos materializados. Essas sessões foram cobertas de muito êxito. Um relatório completo, segundo a própria Elisabeth, foi publicado no jornal *Medium and Daybreak*, do dia 28 de março de 1890, sendo que as fotografias obtidas foram reproduzidas no número de 18 de

abril. Nessa oportunidade, Elisabeth percebeu que as fortes luzes do magnésio em combustão produziram sérios danos em seus nervos, que se tornavam muito sensíveis durante as sessões.

Ainda na Suécia, outra série de sessões para fotografias foi organizada. Devido aos cuidados praticados, tudo foi perfeito. Muitas fotos, principalmente do espírito Leila. Outra vez, ela foi caluniada pelos jornais, sem razão nenhuma, e isso a magoou muito. Mas seguiu em frente. Foi realmente desencadeada uma campanha difamatória e as pessoas acreditavam em todas as calúnias. Ela perseverou. A perseguição jornalística favoreceu um campo bastante amplo para debates e começaram a surgir defensores. Foi nesse momento crucial que um velho amigo aproximou-se mais. Tratava-se de Alexander Aksakof, de São Petersburgo.

Nova série de sessões aconteceu e muitas fotos foram tiradas. Os resultados foram publicados no *Medium and Daybreak*, de 21 de abril de 1893; depois, sob forma de uma brochura — *Os Mortos Estão Vivos* — publicada na Alemanha e na Escandinávia.

Em 3 de abril de 1890, quando Elisabeth estava escrevendo cartas, sua mão escreveu automaticamente o nome “Sven Stromberg”. Sem saber o que era, perguntou para o Espírito Walter se conhecia tal pessoa:

“Claro, faleceu no Canadá, no dia 13 ou 31 de março. Disse-me que residia em Jemland, era casado e tinha seis filhos. Pede que comunique sua morte à sua família.”

O Sr. Fidler cuidou desse caso, que será reproduzido aqui, em capítulo à parte, pois trata-se de uma comunicação comprobatória, em relação aos fenômenos espíritas (veja-se capítulo adiante).

Durante uma das sessões de Aksakof, aconteceu a última aparição do Espírito Iolanda. Foi na sessão do dia 28 de junho de 1890. Sob iluminação branda, Walter escreveu que Iolanda desejava fazer uma experiência. A sessão continuou. Lá fora, uma tempestade de vento. Surgiu um perfume, que foi aumentando de intensidade. Walter solicitou que fosse mantida a tranquilidade, e que ninguém falasse com a médium, pois as condições exteriores não eram boas; mas, assim mesmo, Iolanda iria trazer uma flor. Sempre era mantido por perto um jarro para flores, areia e água.

Aksakof segurava a mão da médium e percebeu que ela recebia uma série de choques elétricos. Cada choque fazia-a transpirar. Caiu algo por sobre a médium, que estava sentada; para ela, era um corpo inerte, uma

coisa viscosa.

Iolanda, auxiliada por Aksakof, ajeitou a areia no jarro, molhou-a e tudo ocorreu como descrito para o aparecimento da *Ixora Crocata*, na célebre reunião da Inglaterra. Desta vez, era um lírio dourado (*Lilium Auratum*), com 2,27m de altura. Iolanda informou que precisava levar o lírio de volta; daí, que fotografassem logo que fosse possível. Esse espírito colocou-se ao lado do grande lírio e o Sr. Boutlerof fotografou duas vezes.

Iolanda quis desmaterializar a planta, mas não havia energia nem condições para isso; Walter solicitou que guardassem a obscuridade, até que Iolanda a pudesse levar. Nos dias que se seguiram, novas fotografias foram tiradas do lírio. Somente no dia 5 de julho seguinte é que a planta desapareceu, após uma semana.

Depois disso, Elisabeth continuou na Suécia, mas sua força mediúnica diminuiu muito e ela deixou de realizar as sessões. Dedicou-se às suas pinturas. Nisso ela havia se aprimorado de tal modo que obteve o primeiro prêmio numa exposição artística. Com a venda dos quadros, reuniu recursos suficientes para passar algum tempo na Noruega. Queria ir lá para desenhar. Sua permanência na Noruega fez-lhe muito bem e, diante dos amigos de lá, ela resolveu, agora com mais experiência, reavivar as sessões de materialização. Desde o início, ela sempre permanecia consciente ante todos os fenômenos, embora fizesse transe de grande repercussão psíquica, a ponto de alcançar estágios psicoscópicos muito bons.

Assim, resolvera que não mais ficaria atrás das cortinas. Isso prejudicou muito o trabalho e por algum tempo era quase impossível ver os espíritos materializados, mesmo porque as sessões não eram realizadas na obscuridade completa: sempre havia luz suficiente até para ler e escrever. Contudo, pouco a pouco, as condições foram melhorando. Essas reuniões na Noruega eram realizadas na cidade de Kristiansand (Cristiânia), onde ótimos resultados foram conseguidos, inclusive as materializações de Ana e Nepenthés.

Numa reunião dessas, alguém arrancou um pedaço de pano das vestes de um espírito. Elisabeth percebeu, depois, que faltava um pedaço de sua saia: havia sido arrancado. Diante desse fato, e lembrando-se de outros, nos quais as suas vestes estavam danificadas após as sessões, Elisabeth concluiu que não apenas as suas vestes, mas também as dos assistentes, eram verdadeiros reservatórios de onde os espíritos tiravam os diversos tipos de

substâncias para construírem as suas, sempre mais finas e rarefeitas.

Ainda na Noruega, houve uma manifestação do Espírito Ana, uma figura delicada. No momento em que esta surgiu no ambiente, levantaram-se duas senhoras, uma das quais dizia:

“Ana, Ana! Minha filha, meu amor!”

As três abraçaram-se. Choraram de alegria, por encontrarem-se novamente. Louvores a Deus; graças a Deus. A médium sentia-se puxada, ora para um lado ora para o outro, e quase desmaiou. Sua sensação era de que estava sendo abraçada. Sentia que o coração de alguém batia contra seu peito. Elisabeth começou a ter uma sensação esquisita. Confundia-se, e perguntava quem seria ela realmente: seria ela mesma ou ela seria Ana? Elisabeth sentia os abraços e os beijos; seu rosto estava regado das lágrimas das duas damas; era como se perdesse a sua própria identidade; na verdade, estava havendo um fenômeno de “imissão psíquica” (vide capítulo com este nome), uma interação psíquica.

“Seria eu Ana ou Ana é que seria eu?” — perguntava-se Elisabeth. Foi quando um dos meninos que participava da reunião tocou em suas mãos, como que a acordando daquele transe.

Nesse caso, embora o espírito tivesse sido abraçado, beijado e acariciado, não houve danos para a médium, como aconteceu no tempo de Iolanda. Havia uma diferença de sentimentos. Com Iolanda, o homem que a agarrou o fez com intenções hostis, mas com Ana foi puro amor. Nos fenômenos medianímicos, há grande força psíquica em movimento. Assim, as atitudes mentais têm maior significado que os atos físicos em si mesmos.

Meditando sobre todas essas coisas que aconteceram com ela, Elisabeth fez um transe de saída consciente do corpo, projetando-se e indo ao encontro de suaves entendimentos da vida espiritual, deixando distante o seu corpo. Fez um êxtase, participando intimamente de um ser de luz imensurável. Voltou do transe fortalecida.

Elisabeth fez diversas tentativas de obter fotografias transcendentais e, muitas vezes, em sua maioria, não conseguiu grandes efeitos, mas, em alguns lances, as fotos foram perfeitas. De 1878 a 1880, nas reuniões de Aksakof, em Gotemburgo, foram conseguidas algumas fotos; em 1896, na Inglaterra, foram realizadas fotos, mas não agradaram muito. Em 1897, Elisabeth foi novamente a Gotemburgo, Suécia, para uma viagem de dois meses quando entregaria os manuscritos do seu livro *Shadow Land* ao seu

editor. Ficou sabendo que seus amigos de lá haviam adquirido uma ótima máquina fotográfica e todos os apetrechos para uma nova série de experimentos. Isso foi em janeiro, mas somente em fevereiro é que começaram os trabalhos.

No início, nada foi conseguido; mas, no dia dois de fevereiro, vislumbraram formas nebulosas nas chapas fotográficas e começaram a obter resultados. Primeiro, um rosto reconhecível; depois, formas mais visíveis. No dia doze, conseguiram fotos melhores. O trabalho foi num crescendo e uma série de fotografias transcendentais foram obtidas.

Após uma vida dedicada à mediunidade, Madame d'Espérance, ou seja, Elisabeth Hope, faleceu a 20 de julho de 1918, aos 69 anos de idade. Viveu, sofreu, combateu o bom combate, na perseverança e na caridade. Venceu!

Segunda Parte



— *Autobiografia e* — *Impressões*

AUTOBIOGRAFIA DA MÉDIUM [7]

Meu pai chamava-se George P... ; minha mãe, Elisabeth Jane P... Eles contraíram matrimônio em 1846. Tiveram nove filhos, quatro dos quais morreram jovens, e estão agora vivos três filhos e duas filhas. Eu sou a filha mais velha. Nasci no dia 20 de novembro de 1849 e tenho, hoje (14 de fevereiro de 1876), vinte e seis anos de idade. Passei a minha infância em Londres. Vivi ali até os meus cinco anos. Fui para a Irlanda do Norte, onde, em *County of Donegal*, permaneci por dois anos, e frequentei ali uma escola, por poucos meses. Depois, retornei a Londres e permaneci lá por dez anos. Logo depois, fomos viver em Simonside Cottage, próximo a South Shields, cerca de quatro anos, e retornei a Londres, ficando naquela cidade por quase um ano, antes do meu casamento com Mr. H... Estou casada há pouco mais de cinco anos.

Inicialmente, na infância, fui para uma escola na Irlanda, e, quando do meu retorno para Londres, entrei para uma escola mista, para meninos e meninas, e foi assim até meus doze anos de idade. Durante esse tempo, frequentemente estava indisposta ou adoentada, e minha frequência escolar, desse modo, foi muito irregular. A instrução dada nessa tal escola não era de muito boa qualidade; pelo que me lembro, não era ministrada ali

nenhuma ciência em particular, seja qual for. Era uma escola Wesleyana, e o nome de minha professora era Swan.

Eu também vivi em Wapping, e não frequentei novamente uma escola até os meus quinze anos de idade. Durante esse período, nós tínhamos doenças bem significativas na família, e tive que auxiliar na administração do pessoal da casa.

Como eu mesma não era muito forte, ocasionalmente viajava com meu pai, que era capitão do navio a vapor, o “Sardinia”, para o Mediterrâneo e outros lugares. Durante esses períodos, e, de fato, geralmente, quando não havia ninguém por perto, tinha a impressão de que tanto pessoas visíveis como invisíveis acercavam-se de mim. Mencionei isso numa ocasião para minha mãe, e ela, sendo uma mulher muito prática, reprovou-me e disse que era tudo imaginação minha. Certa vez, quando estava sentada no quarto com minha mãe, olhava ao redor com frequência, e ela, vendo-me girar o corpo agitada e a olhar para os espaços vazios do ambiente, perguntou-me por que eu não prestava atenção no meu trabalho. Chamou minha atenção e bateu-me nas orelhas. O nosso médico de família, que nessa ocasião esteve lá em casa, foi informado daquilo que eles supunham ser fantasias minhas, e ele também conversou comigo e disse-me que se eu continuasse com essas fantasias, ele teria que me dar algum remédio; no caso, um purgante. Não gostei nada disso: nem do tapa em minhas orelhas nem de purgantes. Após essa época, guardei meus sentimentos e impressões só para mim.



Quando fiz quinze anos de idade, minha mãe, que tinha recebido várias contas, colocou-as em minhas mãos, para somar e ver se estavam corretas. Olhei-as superficialmente, fiz as adições, mas não as multiplicações. Devolvi o material para ela e disse que as contas pareciam corretas. Ela, entretanto, depois de um exame pessoal, descobriu que havia alguns erros; pediu-me, então, que lesse para ela, e minha leitura não foi boa, estava muito imperfeita. Em consequência desta deficiência em minha educação, ela enviou-me para a escola. A escola era mantida pela Sra. W... , que morava na Commercial Road, em Londres. Era uma escola para meninas. Havia cerca de trinta alunas, algumas internas e outras em regime de semi-internato. Fui matriculada no semi-internato, por seis meses, e, depois, como interna, por nove meses. Ali eu recebi instruções nas áreas do saber comum: Leitura, Redação, Aritmética, Geografia, História, etc. Apenas algumas coisas de Ciências foram ensinadas, não tudo. Música foi ensinada e embora possa parecer que aprendi, não, não tenho e nunca tive a menor inclinação para Música.

Desenho e Francês foram ensinados, e adquiri algum conhecimento de Desenho, porque gostava dessa disciplina. Do Francês, aprendi um pouco, isto é, o Francês de uma escola de meninas, mas não havendo ocasião para usar essa língua, eu a tenho deixado de lado, completamente.

Aos dezesseis anos e meio de idade, deixei a escola. Quando entrei para a escola eu era muito ignorante, até mesmo dos rudimentos da Educação, e fui colocada nas classes inferiores, mas, não tendo passado mais que seis semanas, alcancei a classe mais adiantada. O clérigo foi informado de que eu era uma espécie de prodígio. Ele encheu-se de grande afeição por mim e deu-me lições de elocução e composição. Minhas lições de ditado e composições eram sempre superiores às das outras meninas da escola. Os professores não entendiam como eu conseguia escrever tão original e corretamente.

Após ter deixado a escola, raramente eu lia alguma outra coisa que não fossem novelas e muito mais raramente ainda literatura comum. Nunca li um livro científico em minha vida e nunca possuí um. Não tinha interesse em estudos científicos. Nunca ouvira uma leitura, discussão ou conversação sobre um tema científico, até que pude ouvir as leituras do Sr. Barkas, durante o inverno de 1875/76.

Embora minha mãe fosse muito prática, sua mãe foi o que o mundo

denominou de visionária, e quando eu falei para ela sobre minhas experiências, ela admitiu totalmente a sua realidade, bem como havia ela mesma frequentemente visto tais aparições e sonhado esse tipo marcante de sonhos. Minha avó disse-me que, numa certa noite, ela teve ocasião de ir ao jardim e pegar um par de periquitos que havia sido esquecido do lado de fora.

Assim que pegou os pássaros e retornou pelos degraus da casa, ela viu um homem estranho em pé. Ela perguntou-lhe se estava querendo entrar na casa. Ao entrar na casa dela, para que não fosse surpreendida na presença de um homem estranho naquela hora avançada da noite, ela despertou seu pai e ele procurou no jardim, juntamente com outras pessoas, mas foram incapazes de achar alguém.

No dia seguinte, ela foi para a casa de uma amiga, que residia num local consideravelmente distante da sua residência, com o propósito de assistir a um casamento, e quando um dos convidados chegou, ela o reconheceu como sendo o homem que havia visto no jardim. Quando cobrou dele a situação, ele negou ter estado lá, mas, de fato, já havia estado na vizinhança há algum tempo. Este assunto foi discutido por minha avó e ele, mas, finalmente, ele a acompanhou até sua casa. Ao entrar no jardim, ele disse: “Eu já estive aqui antes”. E pareceu que já conhecia o lugar. Finalmente, ele casou-se com minha avó.

Quando no mar com meu pai, ele usava dos momentos de diversão para me dar lições sobre navegação, e eu tinha algum conhecimento teórico desses assuntos, em consequência de suas instruções. Nunca me interessei pelo estudo da Matemática; frações eu havia estudado antes de deixar a escola, mas estou agora bastante fora de forma.

Eu tenho tido algumas experiências de impressões, como se eu tivesse visto lugares, pessoas e objetos, antes de ter estado com eles. Quando criança, meu pai levou-me a Swansea para estar com alguns amigos em um hotel. Eu vi um velho coxo sentado, pareceu-me já o ter conhecido antes, mas não tinha. Ele levantou-se, veio coxeando, meio atravessado, em minha direção, e como ele veio, eu pensei que ele diria: “Bem, minha pequena senhora, estou contente em ver-te”. Ele bateu-me no ombro e repetiu exatamente aquelas palavras.

Na hora de dormir, fui conduzida por uma servente e pela dona da casa para meu quarto. Indo adiante, a servente parou para acender o gás.

Enquanto ela parou, eu entrei num dos três quartos, e a madame e a servente ficaram admiradas de que eu mesma achasse o meu próprio quarto. Eu não tinha ideia por que entrei ali, mas pareceu-me que já conhecia aquele lugar.

Quando morei próximo de Durham, eu não andei bem de saúde, e já estava assim por alguns meses, quando escutei a voz de meu irmão no jardim. Levantei-me da cama, abri a janela, e falei com ele. Quando retornei para a cama, eu desmaiei e caí no chão. Minha mãe achou-me estendida no assoalho, despida e insensível. Levou-me para a cama e conseguiu aquecer-me, mas eu não tinha forças para falar nem me mover. Minha mãe ficou muito preocupada e chamou o cirurgião, Dr. Train, de South Shields. Eu escutei toda a conversação em volta, ele aqueceu meus pés, fez sangria em meu braço, e deixou-me ali num estado de transe consciente, incapaz de ver, mover-me ou falar por vinte e quatro horas. Ao fim desse tempo, acordei; e, finalmente, recuperei minha saúde.

DEPOIMENTO DA MÉDIUM ACERCA DE SUAS IMPRESSÕES DURANTE AS MATERIALIZAÇÕES

Além de ter escrito e publicado sua autobiografia (*Psyc. Review*, 1878, p. 221) e um livro narrando suas experiências mediúnicas (*Shadow Land*; 1897), Elisabeth ainda prestou enorme colaboração à ciência espírita, respondendo às perguntas do Sr. Aksakof a respeito de suas impressões durante os fenômenos de materializações de espíritos (Aksakof, 1896) e publicando no jornal *The Medium*, (1893) o artigo “O que sente um médium quando os espíritos se materializam”.

É o momento de esmiuçar essas informações, visando a um melhor entendimento do que ocorre, ou o que pode ocorrer, com o médium durante tais experimentos. Com relação ao que sentia no início das sessões de materialização, ela disse:

“Tenho a nítida impressão de que meu rosto e minhas mãos estão cheios de teias de aranha. Procuo sacudir o rosto e as mãos, para desvencilhar-me dessa sensação desagradável. Logo isso passa e percebo o ar carregado de substâncias, a ponto de sentir certa dificuldade de respirar. Assim que passa também essa impressão, sei que uma forma se materializou.”

O ectoplasma, escapando pelos orifícios naturais da cabeça, boca, ouvidos, narinas, impregna as faces, causando a sensação de teia de aranha. Outros médiuns já descreveram esse fato. Assim que o ectoplasma é usado, a sensação passa. Elisabeth queixou-se de que no momento em que há uma interrupção do fenômeno, essa sensação de teia de aranha no rosto volta, acontecendo, também, que essa sensação permanece muito desagradável quando a sessão não se desenvolve bem. Outra informação importante acerca dessa movimentação de ectoplasma a médium documentou:

“Quando há luz dentro do gabinete ou quando essa luz penetra por aberturas na cortina, vejo uma massa branca e vaporosa movendo-se, tipo

vapor de locomotiva. Muitas vezes, tive oportunidade de introduzir a mão nesse vapor, para experimentá-lo, porém, era como tocar em coisa alguma.”

Esse vapor apresentava comportamento diverso: permanecia ali movimentando-se, durante minutos, algumas vezes até meia hora, e num momento parava. Nisso, surgia uma forma materializada. De outras vezes, o vapor surgia por um instante e logo se via uma forma.

A médium sempre sentia uma espécie de vácuo, que começava tão logo havia a sensação de teia de aranha nas mãos e no rosto. No início, ela começava a agitar-se, momento em que perdia a consciência, sem poder saber o que fazia sua própria mão, se ela iria parar de mover-se ou não.

Uma outra impressão importante, nesse início de sessão, era a forte sensação de supressão da gravidade, depois uma inércia, um vazio, e, para ela, o pequeno espaço do gabinete ampliava-se, como se desaparecesse, não havendo mais limites materiais. Essas sensações, que também já foram descritas por outros médiuns em situações semelhantes, são indícios do transe medianímico, quando há dissociação psíquica anômala, consciente ou não. No caso de Elisabeth, ela permanecia consciente, isto é, com participação cerebral, mas aqui anotamos que, por um momento, ela não sabia o que fazia, registrando apenas o que estava acontecendo.

Quando o tal vapor transformava-se num ser vivo essa transformação era muito rápida, como se a entidade aparecesse à sua frente. No caso das materializações de Iolanda, parecia que ela vinha de muito longe e a médium não sabia que seria ela a aparição daquele momento. Na descrição que fez sobre a materialização desse Espírito a médium comentou o seguinte:

“Quando Iolanda se aproxima de mim, tenho colocado a mão nela e tocado seus cabelos; sem, contudo, examiná-los mais detidamente. Na segunda-feira passada, ela colocou sua cabeça nos meus joelhos e senti seus cabelos nas minhas mãos; seus ombros e braços estavam nus.”

Aksakof ficou intrigado depois de uma observação que fez: quando o Espírito Iolanda surgia entre as cortinas, a médium não respondia às suas perguntas.

Elisabeth tentou explicar-lhe que quando Iolanda surgia, na cortina e podia vê-la, sentia-se muito distraída e indiferente a tudo. Alegou que a causa disso era uma fraqueza quase absoluta que a acometia, não havendo ânimo para se inquietar com qualquer coisa:

“Assim que me interrogam sobre algo, preciso, em primeiro lugar, reunir meus pensamentos e minhas forças, para poder, então, dar alguma resposta. Sinto e penso de um modo vago, como num sonho. Posso pensar e sentir, mas não me mexer, pois que permaneço como que paralisada.”

A movimentação do Espírito Iolanda materializado, de alguma forma, incomodava a médium. Bastava que o espírito fizesse uma movimentação mais abrupta para que ela começasse a transpirar, de modo fácil. Todo esforço do espírito produzia uma sensação de esgotamento em Elisabeth. Sua transpiração era de tal modo abundante, que ela precisava trocar de roupa:

“No meu estado normal, pelo contrário, nunca transpiro, e quando tomo banhos turcos, é necessário um calor bem mais forte para que eu transpire.”

Muitas das análises de Aksakof e da própria médium foram baseadas nas materializações do Espírito Iolanda, que eram mais frequentes e conhecidas. Contudo, segundo a médium, não havia assim um laço especial entre ela e o Espírito Iolanda; mas quando Iolanda se desmaterializava longe de suas vistas, Elisabeth sentia-se mais forte. Havia porém, um receio, quando Iolanda se encontrava materializada fora do gabinete, pois a médium disse:

“(...) fico receosa de que ela cometa algo que não deve. (...) como se tivesse aos meus cuidados uma criança atrevida.”

Com outras entidades materializadas, tal sentimento não se dava. Essa interação da forma exteriorizada com a médium era um fato, e isto transparece à medida que ela narra suas impressões:

“Quando Iolanda esbarra ou toca em algo, nada sinto; porém, quando agarra alguma coisa, sinto meus músculos se contraírem, como se eu é que tivesse agarrado. Naquela vez que Iolanda modelou a mão na parafina, experimentei uma sensação de queimadura; recordo-me, também, de que na sessão ocorrida na casa do Sr. Hedlund, Iolanda bateu com o pé num cavalete de pintura, e senti imediatamente o efeito doloroso no meu pé; Iolanda não sentiu nada. A minha dor passou e só voltou quando a sessão terminou. Lembro-me, também, de que, há alguns anos, em Newcastle, Iolanda segurava uma rosa, e um espinho entrou-lhe no dedo; senti a picada em meu próprio dedo. O interessante é que ela foi a um dos assistentes para que lhe tirasse o espinho, mas como não foi compreendida, veio a mim para

que eu o retirasse.”

Essas informações são suficientes para que seja possível estabelecer o grau de interação que existia entre a médium e o fantasma. A matéria que formava o fantasma era, por assim dizer, substância nervosa da médium. Elisabeth foi uma médium que permanecia lúcida, consciente em seu transe, mesmo durante as materializações, e por isso sua contribuição para o estudo psíquico e espírita dos fenômenos correlatos é muito grande. Escreveu ela mais sobre essa interação com os fantasmas que usavam de suas energias:

“Fora o sofrimento, alguns causados pela movimentação de Iolanda, não sinto que haja entre nós uma ligação que atinja minha personalidade. Não perco coisa alguma, a não ser uma certa sensibilidade corporal; não perco a força de pensar nem a de julgar, quando Iolanda está presente, materializada, pois, ao contrário, minha razão torna-se mais lúcida que nunca. Ela, certamente, toma algo de meu corpo, mas não se apodera dos meus atributos intelectuais.”

Em certo momento, foi importante para Aksakof saber se Elisabeth tinha visto Iolanda em seus passeios fora do gabinete, talvez para tentar uma vez mais estabelecer as diferenças existentes entre as duas. Isso era realmente importante. Elisabeth respondeu-lhe:

“Uma vez, a vi tocar o órgão, fora do gabinete. Ela havia afastado, sem querer, a cortina. Também a vi do lado de fora, durante a sessão na casa do Sr. Hedlund. Via-a muitas vezes, enquanto ela experimentava a luz, para definir qual intensidade eu conseguia suportar. Algumas vezes, ela prendia as cortinas para que eu pudesse vê-la, pois, quando eu queria vê-la, muitas vezes faltavam-me forças para abrir as cortinas. Fora do gabinete, vi Iolanda pelo menos umas seis vezes. Um dia, em Newcastle, ela aproximou-se de mim, fora do terceiro compartimento do gabinete. Ela atravessou a câmara. Vi-a sair, depois perdi-a de vista. Depois, voltou e chegou perto de mim. Enlaçou-me com o seu braço e ajudou-me a caminhar até o órgão. Outras vezes, materializou-se bem ao meu lado, fora do gabinete, ocasião em que pude vê-la tão bem como os assistentes.”

Durante a formação dos fantasmas, seus movimentos e desmaterializações, Elisabeth era possuída de sensações de vazio, vácuo e paralisia, que passavam, assim que o fantasma desaparecia. O contrário se sucedia com o seu estado intelectual. O poder de sua lucidez era muito mais vivo na primeira fase do que quando estava em seu estado normal, sem

produção de fenômenos. Sua lucidez era aumentada na primeira fase, sem fenômenos físicos, pois primeiro é preciso que aconteça o transe apenas no nível psíquico, depois no biológico, com emissão de ectoplasma:

“Percebo e sei tudo o que se passa fora do círculo. Sei quando uma pessoa caminha em qualquer parte da casa; ouvi o sinal do relógio da torre da igreja; os apitos dos navios, no porto; ruídos distantes, dos trens. Nada disso é possível em meu estado normal.”

Bem notado o fenômeno de telepatia de que fica dotada, fora os fenômenos de percepção auditiva exacerbada, pois ela sabia, em seu transe inicial para as materializações, o que pensavam os assistentes das sessões. Mesmo com Iolanda materializada, Elisabeth sabia o que as pessoas falavam com Iolanda, fosse em que língua fosse:

“Não os conheço pelo que falam, mas pelo que pensam.”

Telepatia pura. Há muito de animismo nessa possibilidade estabelecida por Elisabeth, quando quis permanecer consciente nas sessões.

Quanto ao fantasma ser um outro corpo, bem diferenciado do corpo da médium, mesmo que essa matéria seja do corpo da médium, isto ficou bem esclarecido por ela própria, quando narrou interessante episódio na conversa que teve com Aksakof, que foi estenografada pelo Sr. Fidler:

“Pude perceber Iolanda, na sessão do dia 5 de julho de 1890, um sábado, quando ela, muito preocupada com algo que poderia ter acontecido na sala, lançou-se sobre mim. Senti todo o seu corpo, as batidas do seu coração e o arfar de sua respiração. Não sei bem a causa de seu temor; o som da guitarra deixava-a agitada. Seus dedos estavam molhados; quando tocaram em meu rosto, pareciam sujos de terra, areia. Concluí que ela estava trabalhando na planta transportada.”

Elisabeth, muitas vezes, tentava tocar Iolanda materializada e não sentia coisa alguma, como se ali naquela aparência nada houvesse. Era apenas uma formação visível e não tangível. A médium deu mais informações sobre a natureza dessa formação, inicialmente vaporosa, e depois tomando a figura de Iolanda ou de outra entidade, mas sem tangibilidade:

“Não me lembro de ter percebido Iolanda em meus joelhos; quase sempre, ela está sentada no chão, aos meus pés, e deita a cabeça nos meus joelhos; depois, levanta-se diante de mim, e parece caminhar entre mim e as cortinas; embora não haja mais que um espaço de três ou quatro polegadas,

ela pode passar por aí, o que, entretanto, não me causa a menor sensação. Quando está aos meus pés, ou em meus joelhos, não sinto peso algum. Contudo, ainda, no dia 5 de julho (1890), senti o peso completo do seu corpo; habitualmente, porém, ela não tem peso algum.”

Todos esses depoimentos de Elisabeth são valiosos para o estudo das materializações e formações ectoplasmáticas. Em Cristiânia, teve ela interessante experiência, quando afirmou que nunca tinha visto o Espírito Iolanda desmaterializar-se:

“Mas — disse ela — suspeitava disso após a sensação que tinha da volta das minhas forças. Quando estava em Cristiânia, lembro-me perfeitamente de ter tido a sensação da falta de ar respirável na câmara; e, por duas ou três vezes, como eu o aspirasse fortemente, ouvi os assistentes exclamarem: ‘Agora, ela (o fantasma) esvaiu-se!’ Uma outra vez, repeti essa situação com intenção de verificar a ocorrência, e ouvi a Sra. Fidler dizer: ‘Neste momento, ela se esvaiu de novo!’”

Isso mostra quão sutil é a formação ectoplasmática: num momento apresenta solidez, densidade e peso; noutra é como uma aparência sem consistência, dependendo das possibilidades da médium, das condições dos assistentes ou do conjunto, além dos objetivos a serem alcançados com as aparições do momento. Por exemplo: se o espírito precisa utilizar as mãos para alguma tarefa, somente elas tornar-se-ão suficientemente sólidas e não necessariamente toda a aparência.

Quanto ao final da sessão, seria importante anotar aqui as impressões da médium, não só para simples curiosidade, mas para entendimento do mecanismo geral das ocorrências em situações em que há grande exteriorização de energias ectoplasmáticas. Vejamos as sensações de Elisabeth:

“No dia da sessão, um bom banho far-me-ia bem, porque não me sinto muito à vontade. Suponho que a razão disso seja que, para se materializar, Iolanda absorva uma certa quantidade de substâncias dos assistentes; no final, resíduos dessas substâncias que me são estranhas, recaem sobre mim, e me produzem bastante indisposição.” Fato que justificaria um banho após a sessão, mas, por incrível que pareça, Elisabeth preferia tomar banho antes:

“Atualmente, tomo banho antes das sessões; mas, até então, tomava-o depois, e não acredito que me tenha feito mal, embora não esteja certa disso.”

Essa insegurança veio devido às sensações que a médium sentia antes das sessões, mesmo várias horas antes. O banho em nada influencia, mesmo porque as substâncias residuais tóxicas que permanecem no ectoplasma são provenientes de fumo, alcoólicos, condimentos e carnes em excesso, por parte dos assistentes, como veremos adiante. O médium começa a sentir movimentações energéticas horas antes das sessões:

“Sempre antes das sessões, mesmo com oito ou nove horas de antecedência, experimento uma forte sensação de formigamento no corpo; quando sei que vai haver uma sessão, sinto pontadas nos pés, exatamente como se eu segurasse uma bateria elétrica. Depois, não tenho interesse por mais nada; alguma coisa me impede de pensar na sessão.”

Evidentemente, as ligações, interações psíquicas, começam assim que o médium pensa na sessão. Isso o faz lembrar de todas as nuances ocorridas anteriormente e da movimentação energética necessária à sessão. O transe começa aí. Há necessidade, então, de uma certa preparação, mesmo psicológica, para que as coisas aconteçam bem encadeadas. De certa forma, é um parâmetro para total segurança da sessão e do médium. Elisabeth escolheu tomar banho antes do trabalho, talvez pensando que isso a livraria dessas sensações desagradáveis, o que certamente não ocorreu. O banho seria interessante depois, se necessário; contudo, em nossas observações junto à mediunidade, os acometimentos dessas sensações anteriores às sessões são inevitáveis. Vejamos as sensações posteriores:

“Depois que as sessões se desenvolvem, tenho, geralmente, náuseas seguidas de vômitos; provêm de eu ter absorvido os resíduos de substâncias que Iolanda retira dos assistentes para completar o material de que precisa para materializar-se.”

Elisabeth chegou a essas conclusões depois que participou de algumas experiências em Cristiânia, em 1893, quando ficou admirada de não ter se sentido mal após as sessões. Indagando dos anfitriões, foi informada de que estes exigiram que todos os que quisessem participar dos trabalhos se abstivessem de álcool e fumo. Foi o suficiente para que a médium não ficasse intoxicada depois das sessões, pois que, no final de cada uma delas, o ectoplasma volta misturado à fonte, o médium, e este acaba recolhendo os resíduos tóxicos advindos dos fluidos retirados de um ou de outro assistente.

Gustave Geley, em sua obra *Resumo da Doutrina Espírita*; observou a

realidade desse fenômeno, quando, ao descrever reuniões semelhantes, confirmou que muitos dos assistentes reclamavam de certo cansaço ou fraqueza pós-sessão.

Em seu inquérito, Aksakof perguntou à médium se ela alguma vez teve oportunidade de segurar o espírito materializado Iolanda, e a resposta foi a seguinte:

“Num outro dia, tomei a tesoura e tentei cortar uma mecha de cabelos de Iolanda, porém não consegui segurá-la; ela era mais forte do que eu. Ela apertou-me os punhos, ficando eu impossibilitada de movê-los; permiti isso, porque estava desejosa de experimentar sua força.” Para precisar melhor a diferença que existia entre a forma materializada de Iolanda e a médium, temos um resumo das anotações de Elisabeth:

“Sempre que Iolanda estava fora do gabinete comigo, seu rosto permanecia velado, e eu não podia vê-la; porém, uma vez, em Newcastle, vi-a no meio da câmara, quando a cortina se abriu e a luz a iluminou; vi-lhe as espáduas e os braços, como os de uma outra pessoa. Nunca observei nos traços fisionômicos de Iolanda alguma semelhança comigo, ou melhor, nunca tive ocasião de poder verificar isso. Porém, quando vi o espírito que conhecemos como a ‘dama francesa’, percebi-o como se estivesse vendo a mim mesma num espelho, tal era a semelhança desse espírito comigo.”

Aksakof, pesquisador arguto, querendo garantir que havia uma diferença de individualidades entre a médium e o Espírito Iolanda materializado, perguntou a Elisabeth se havia algo em sua consciência que estivesse ligado àquela entidade. A resposta, como as outras, foi esclarecedora:

“Não é como se eu fosse uma parte dela; ao contrário, ela é que parece ser uma parte minha. Quando me toca, sinto como se eu estivesse tocando a mim mesma. Ela pode estar em outro lugar, mas eu sei que me acho no meu próprio lugar. Por mais que me reconheça e saiba que essa parte de mim sai e respira e escapa à minha verificação, sei também que ela é alguma coisa que me pertence e que está por conta de uma outra pessoa. Sei, contudo, que não perdi nada do meu ser e sei também que aquele novo ser que saiu de mim me pertence. Iolanda é uma individualidade separada, à parte de mim; estou certa disso. Ela tem tantas vontades e é muito caprichosa, como uma criança, como uma jovem de treze a quatorze anos, não muito inteligente e muito curiosa.”

Realmente, o comportamento da entidade era bem diverso do da médium, e muitas outras provas se têm a respeito disso. A mais contundente é o testemunho de muitos assistentes das sessões. Por diversas vezes, em diferentes sessões, foi vista andando pela sala, ao lado do Espírito Iolanda. Esse espírito passava à médium um copo com água, quando esta tinha sede. De qualquer modo, o espírito Iolanda esteve ligado a ela muito mais do que qualquer outro, visto que as sensações descritas, quando de suas aparições, não aconteciam com a presença de outras entidades.

É inegável a contribuição de Elisabeth para a compreensão desses fenômenos de teleplastia e aparições. Há matéria liberada do corpo do médium, que continua a lhe pertencer, sendo que, após o seu uso, essa matéria é recolhida novamente à fonte.

Terceira Parte



Investigadores, a Médium e os Fenômenos

RESPOSTAS CIENTÍFICAS

Serão relacionadas, aqui, as respostas obtidas por Elisabeth, de improviso, às questões formuladas pelo Sr. P. T. Barkas (membro da Sociedade de Geologia da Inglaterra), cujos resultados ela publicou no *Light*, 1885, p. 85 e seguintes, e, depois, numa série de artigos que vinham sob o título: “Respostas improvisadas a assuntos científicos, por uma médium, mulher de educação comum”.

As perguntas, quase todas, foram escritas pelo Sr. Barkas, e nem os assistentes as conheciam. A médium Elisabeth escrevia em estado de vigília (transe superficial) e no escuro. Barkas começa o seu artigo:

“No ano de 1875, fui convidado a frequentar uma série de sessões mediúnicas que seriam realizadas no modesto aposento de uma jovem senhora, médium não profissional, residente em Newcastle-on-Tyne. Todas as perguntas eram registradas num caderno, no momento de serem enunciadas, e a médium escrevia as respostas ali mesmo, logo em seguida. Todos os cadernos estão em meu poder e coloco-os à disposição de todo aquele que deseje vê-los.



“Eis o problema principal que se apresenta nesse caso: uma mulher de instrução comum deu respostas a diversos assuntos científicos que foram cuidadosamente elaborados durante trinta e sete noites, prolongando-se a sessão por três horas de cada vez; a natureza das respostas é tal que talvez não se encontre na Inglaterra alguém que pudesse fazer outro tanto, isto é, dar respostas tão precisas, nas mesmas condições, a todos os assuntos que foram apresentados.”

“Um relatório dessas sessões, uma autobiografia da médium, bem como alguns exemplos das questões acham-se publicados na *Psychological Review*, de 1878 (T. I, p. 215).”

“Não se pode olvidar que a médium é uma senhora de instrução comum, que permanecia cercada de pessoas que a observavam com atenção; que as perguntas eram anotadas e lidas em voz alta, no decorrer da sessão; que as respostas eram escritas pela mão da médium, nesse mesmo caderno, muito rapidamente; que eram improvisadas, sem nenhuma correção posterior; também não se pode esquecer de que essas perguntas referiam-se a diversos assuntos científicos e outros geralmente pouco familiares às mulheres; que a médium, ela mesma confessa, é completamente ignorante nessas matérias; que escrevia automaticamente, sem se preocupar se suas respostas estavam corretas. As pessoas de sua amizade garantem que ela nunca demonstrou predileção pelas ciências, e que não era afeita a livros científicos.”

Se revirmos a autobiografia da médium, em capítulo anterior, veremos que o Espírito Humnur Stafford, um estudioso do Mundo Espiritual, havia concordado em participar daquela experiência, colocando-se à inteira disposição do Sr. Barkas. Todas as vezes em que não dominava um assunto, procurava a resposta com outros entendidos da espiritualidade. Vejamos alguns exemplos dessas perguntas, visto que não há espaço, aqui, para a publicação de todos os cadernos do Sr. Barkas, pelo menos de toda a matéria que foi publicada a respeito:

1º) “De que modo a percepção do som sensibiliza a nossa consciência?”

— Trata-se de um tema muito controverso. Bem sabes que o som, assim como a luz e o calor, é resultado de um movimento vibratório, e que é devido à vibração das moléculas do ar. O que é chamado de amplitude vibratória nada mais é do que a excursão total do movimento de vaivém, ou da oscilação dessas moléculas do ar, de onde resulta a formação de uma

onda sonora que se propaga de modo sucessivo; essa onda atinge a concha da orelha, que a conduz à membrana do tímpano, cuja vibração é transmitida aos terminais do nervo auditivo; assim é que a sensação do som chega ao sensorium.

2º) Por que dois sons idênticos podem fazer silêncio, ao passo que dois sons não idênticos não o podem?

— Porque duas ondas sonoras idênticas e de sentidos opostos se encontram e se aniquilam reciprocamente em seu movimento vibratório. Tendo em cada mão um diapasão igual, percute esses diapasões com igual força, apóia seus ramos sobre dois vértices de uma mesa; verás então, as duas ondas, caminhando uma para a outra absorverem-se reciprocamente por seus ápices. Essas experiências devem ser realizadas.

3º) Que diferença há entre os harmônicos de um tubo aberto de oito pés e os de um tubo fechado de quatro pés?

— Nos tubos abertos, o primeiro nó vibratório acha-se no centro; o primeiro harmônico superior se formará, então, numa distância equivalente entre esse primeiro nó e a abertura do tubo; os outros achar-se-ão a distâncias correspondentes a $1/4$, $1/7$, $1/8$, $1/10$. Nos tubos fechados, a extremidade forma um nó que corresponde àquele que se encontra no centro de um tubo aberto; a onda sonora refletida forma um primeiro nó a uma distância, da extremidade, igual a $1/3$; outros nós se seguem em intervalos de $1/5$, $1/7$, $1/9$, etc.” (*Light*, 1875, p. 128.)

Como o Sr. Barkas não era versado em Música e conhecimentos correlatos, não era, no caso, um especialista no assunto, providenciou que o acompanhasse às sessões um professor de Música (parece ter sido o organista William Rae, músico de Newcastle):

“Entre as pessoas que estavam na sessão do dia 30 de agosto encontrava-se um professor de Música, muito erudito, a quem eu havia rogado que me acompanhasse para que formulasse perguntas a respeito do assunto, às quais não se pudesse responder sem se ter previamente estudado, pois que a médium possuía, quando muito, apenas conhecimentos primários sobre a matéria.”

As perguntas eram passadas para o caderno, lidas em voz alta e entregues à médium, que imediatamente escrevia as repostas. Barkas ainda considerou quanto às respostas dadas para um total de vinte e cinco perguntas:

“Não sou competente o suficiente para dizer se essas respostas são ou não corretas, mas, certamente, estão de acordo com as perguntas assaz difíceis que foram proferidas, e não acredito que um músico dentre cinco mil pudesse respondê-las, com tal critério, nas mesmas condições.”

As respostas eram de improviso, escritas no escuro, sem condições de consultas prévias. O Sr. Barkas teve o trabalho de procurar alguns músicos e submetê-los a essas questões, a fim de verificar a capacidade média de respostas esperadas dentro das condições normais:

“Realmente, não encontrei músico que conseguisse responder a essas perguntas tão rapidamente e tão bem; não encontrei entre eles muitos que as tivessem compreendido bem, segundo o sentido das respostas que lhes foram dadas.”

Vejam os exemplos das respostas obtidas pela médium Elisabeth, ainda no campo da Música, embora hoje em dia o estudo do som esteja ligado à Física:

“— Podes dizer-me como é possível calcular a relação que interliga os batimentos específicos do ar sob volume e pressão constantes, segundo a velocidade observada no som e na velocidade determinada por meio da fórmula de Newton?

— Isso só poderá ser calculado da maneira seguinte: suponhamos que se percutam simultaneamente duas cordas ou dois diapasões; se a intensidade do som é a mesma, ou quase a mesma, para as duas, os batimentos produzir-se-ão da seguinte maneira: admitindo-se que o número das vibrações seja, de uma parte, 228, e, de outra, 220 por segundo, o número dos movimentos que impressionarem o ouvido será de $228-220 = 8s$, isto é, oito movimentos por segundo; é o número máximo de movimentos que podem impressionar os ouvidos.”

“— Podes explicar-me a origem dos movimentos resultantes das consonâncias imperfeitas?

— Isso faz parte do estudo da Acústica. Todo som, movimento ou pulsação, é percebido graças ao movimento vibratório que imprime ao ar; muitos sons significam muitas ondas, e os sons que nascem em determinado lugar, em um quarto ou sala, enchem o ar em sua proximidade imediata, o que faz se entrecruzarem as ondas, cujas interferências dão lugar a batimentos ou pulsações mais ou menos nítidos, se os sons pouco se diferem.” (*Light*, 1885, p. 189.)

Numa das questões sobre Anatomia é possível verificar que, não importava a natureza do assunto, o Espírito Stafford conseguia a resposta:

“— Como podes querer descrever o conhecimento popular do olho humano, se não conheces as teorias de Helmholtz?

— Não conheço esse senhor, nem suas teorias, nem suas obras. O olho humano é um corpo convexo, cuja parte anterior, saliente, constitui a córnea. Ele é recoberto por três membranas, ou antes, quatro, o que não é admitido por todos: a *esclerótica*, a *coroide* e a *retina*, que não é uma membrana propriamente dita, porém uma expansão do nervo óptico. No exterior, a *esclerótica* é recoberta por uma membrana que se estende também sobre a córnea; ela é conhecida pelo nome de *membrana adnata* ou *conjuntiva*. A *coroide* forra a *esclerótica* pela face interna; é impregnada por uma matéria corante escuro forte — o pigmento coroidiano — e serve para absorver todos os raios luminosos inúteis. Consideremos a córnea a janela do olho. Trata-se de uma substância luminosa, transparente, semelhante ao talco, no interior da qual se encontra o humor aquoso, contido em um pequeno saco; por trás dessa, acha-se a íris, que funciona como anteparo, desviando todos os raios luminosos exteriores, que, senão, penetrariam através da pupila. O cristalino é um corpo lenticular convexo, ou antes, biconvexo, mais recurvado do lado do corpo vítreo, humor que enche a grande cavidade do olho e faz com que todos os raios luminosos, que entram pela pupila, se tornem convergentes; esses raios se reúnem em um foco situado sobre a *retina*, onde formam uma espécie de fotografia dos objetos donde emanam; a *retina*, impressionada pelos raios que penetram no olho, reage sobre o nervo óptico, que transmite ao cérebro a impressão recebida. O olho propriamente não vê, como sucede também com um aparelho óptico qualquer; ele apenas reflete e fotografa os objetos. Não sei se esta descrição é suficientemente clara. Poderia, contudo, dar-te uma descrição melhor da estrutura do órgão.” (*Light*, 1883, p. 202.)

O Sr. Barkas proferiu muitas conferências e, nessas oportunidades, divulgou as respostas do Espírito Stafford; publicou, também, em diversos jornais e revistas, suas opiniões e seus testemunhos de investigador. Aksakof selecionou alguns textos, que estamos compilando, por serem muito interessantes. Segue-se, então, a parte final da conferência proferida pelo Sr. Barkas, em Newcastle, em 1876, e que foi publicada no *Spiritualist* (1876, pp. 146-188):

“Todos convirão em que essas respostas só podem vir de uma pessoa muito versada nas diversas áreas de conhecimento da Ciência. Não há ali trivialidades. Ao contrário, essas respostas alcançam o verdadeiro motivo das perguntas e vão muito além. A médium obteve tratados completos sobre o calor, a luz, a fisiologia das plantas, a eletricidade, o magnetismo, a anatomia humana, e pode-se afirmar que cada texto dessas respostas faria honra a um versado em Ciência. Todos os textos são improvisos, executados sem a mínima hesitação e sem preparação alguma.

Durante todo o tempo da sessão, a médium parecia estar em seu estado normal. Ela conversava conosco durante todo o tempo e respondia com aparência natural, quando alguém lhe dirigia a palavra, em assunto de conversa comum. A influência oculta que a dominava só se manifestava no movimento automático da mão.

Atesto que concebi e apresentei, eu mesmo, a maior parte das perguntas, e que a médium não podia, assim, ter conhecimento prévio delas: além de mim, nenhum dos assistentes conhecia a natureza das perguntas, que foram apresentadas sempre sem premeditação, e as respostas foram escritas pela própria médium, à nossa vista; ter-lhe-ia sido impossível, do ponto de vista físico, saber de antemão de quaisquer informações acerca das respostas que deveria dar.

Acrescentarei que ela nunca recebeu um centavo de remuneração, por todas as horas — em torno de cem — que consagrou com tanto desinteresse ao estudo de seus notáveis fenômenos mediúnicos.”

Conforme os comentários de Aksakof, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres negou todo o valor dos experimentos acima, pois havia um certo número de erros nas respostas. Aksakof, no entanto, considerou que erros são sempre possíveis e, além disso, o Sr. Barkas não divulgou aquelas respostas como sendo cientificamente infalíveis. O interesse principal era muito mais que isso. Mesmo que 50% das respostas não estivessem certas — e a crítica publicada no boletim da Sociedade não mencionava mais que uma dúzia de equívocos —, seria preciso, ainda, explicar a origem das outras muitas respostas corretas, mais de cem, que parece não terem merecido crítica. Finalmente, Aksakof solicitou ao Sr. Barkas que desse algumas explicações a mais, acerca dos experimentos, e ele respondeu, numa carta datada de 8 de fevereiro de 1888, a qual tentaremos resumir, a seguir, em seus termos mais importantes:

“Com respeito à Física, devo dizer que eu poderia responder a um certo número das perguntas, mas bem menos do que ela conseguiu. Em relação a certas especialidades, eu não teria recorrido a uma fraseologia tão técnica e precisa.

As respostas recebidas pela médium eram, em geral, notavelmente superiores às que eu poderia dar mesmo hoje, isto é, passados doze anos, se eu tivesse de escrevê-las sem me preparar de antemão para tal.

Estudei uma boa parte das questões antes de submeter as perguntas relacionadas à médium; contudo, devo confessar que não teria conseguido redigir as respostas com a mesma exatidão e com a mesma elegância de linguagem como as que foram transmitidas pela médium.

As respostas têm muitos termos técnicos que, certamente, eu não conseguiria lembrar de pronto, por falta de uso deles. Como também existem ali expressões para mim desconhecidas; por exemplo: ‘membrana adnata’, para designar a conjuntiva. Aliás, encontrei aqui apenas um médico que conhecia esse termo.

Posso afirmar que eu não estava em condições de responder, de maneira tão minuciosa, à maioria das perguntas de Física e a tantas outras.

É certo que, também, não saberia responder às perguntas sobre Música. Nas três sessões consagradas às ciências musicais, duas foram assistidas por um professor de Música. (Na Revista *Médium*, 1887, p. 645, Barkas afirmou não ter conhecimento musical.)

Nas primeiras sessões consagradas à Música, ninguém, dos que estavam presentes, era capaz de dar uma resposta aceitável, assim também com as perguntas de Química e de Anatomia e aquelas sobre Física.”

Sob as condições visualizadas por Barkas, temos uma série de manifestações que podem caracterizar a escrita automática perfeita. A médium demonstra ter a capacidade de escrever o que não conhece, com sabedoria, rapidez e coerência:

- Enquanto sua mão escrevia sob uma direção inteligente de grande cultura, ela conversava com qualquer um que lhe dirigia a palavra.
- Escrevia no escuro.
- Suas respostas estavam além de suas possibilidades intelectuais.
- Ela não sabia o que ia escrever e se admirava com os resultados.
- Os centros motores da escrita, no cérebro, estavam, por certo, dissociados, em transe parcial e localizado, permitindo a interferência da

entidade espiritual que, por esse meio, movimentava-lhe a mão e escrevia.

NEPENTHÉS

Neste capítulo estão compilados os dados referentes às materializações completas do Espírito Nepenthés, feitas por intermédio das emissões ectoplasmáticas de Elisabeth d'Espérance. Esse espírito, de aparência feminina, dizia que havia vivido na época heroica da Grécia Antiga. Para confirmar o que dizia, escreveu uma mensagem em grego antigo, sendo que ninguém que ali estava presente sabia grego, nem grego antigo tampouco.

Experimentadores noruegueses, da Universidade, médicos, magistrados, pastores luteranos, homens e mulheres cultos reuniram-se em torno da mediunidade de Madame d'Espérance, com diversos objetivos de estudo, entre eles o de saber sobre a influência das condições fisiológicas dos assistentes em relação à produção dos fenômenos psíquicos. Nesse grupo, havia trinta pessoas, de ambos os sexos, em igual número.

Os resultados de uma série de doze sessões, realizadas em Kristiansand, na Noruega, foram publicados em livros e jornais da época. As observações da Baronesa Peyron foram publicadas na revista *Light* de 1907, p. 439; um magistrado, componente desse círculo de estudos, publicou suas anotações no livro *Harper i Luften*; a própria Madame d'Espérance fez muitas declarações e conferências, uma delas publicada na *Light* de 1903, pp. 547-571.

O coordenador das sessões foi o Dr. Von Bergen, cientista, conhecedor da metapsíquica, e o dirigente das sessões foi o Sr. Sjostedt. Segundo o relato de Bozzano, em sua obra *Metapsíquica Humana*, Nepenthés apresentou-se logo nas primeiras sessões: era uma forma de mulher de rara beleza; mostrava-se à luz, junto da médium, que, por sua vez, se mantinha acordada e permanecia sempre fora do gabinete, entre os demais assistentes. Materializava-se no meio do grupo, colocava-se à disposição dos investigadores, deixava-se fotografar e dispunha-se a produzir moldes em parafina liquefeita. Seria interessante transcrever testemunhos de alguns

fenômenos produzidos por esse espírito.

1) Mensagem Escrita em Grego Clássico.

“Nepenthés se apresentou mais bela que nunca, afirmou o Dr. Von Bergen. Não obstante toda a admiração e o respeito que nutro para com as amáveis e encantadoras senhoras das minhas relações, devo dizer que meus olhos jamais viram coisa alguma de comparável a essa criatura sublime — mulher ou deusa, pouco importa — e estas minhas palavras mais não fazem que traduzir a opinião geral. A entidade por uns instantes parou e ficou a observar o Sr. E... tomando notas em sua caderneta. O Sr. E... convidou-a a escrever alguma coisa e lhe entregou o lápis e a caderneta, que ela aceitou. Ele, então, levantou-se e posicionou-se por detrás dela, atento. Estavam ambos próximos da médium, um pouco para trás. Olhávamos os três e ficamos na expectativa. O Sr. E... disse, então: ‘Ela está escrevendo’. E víamos as duas cabeças inclinadas sobre a mão que escrevia, sendo esse movimento bem percebido. Nepenthés devolveu o lápis e a caderneta ao Sr. E..., que voltou a sentar-se, jubiloso.”

Ao examinarmos a escrita, vimos que era composta de caracteres gregos bem distintos, ininteligíveis para todos os presentes. No dia seguinte, procuramos um especialista e providenciamos a tradução da mensagem do grego antigo para o moderno e, finalmente, para a nossa língua. Estava escrito:

“Eu sou Nepenthés, amiga tua; quando tenhas a alma oprimida pela dor, invoca-me e eu — Nepenthés — célere, acorrerei para aliviar-te os sofrimentos.”

“Nós, então, é que acorremos para felicitar o Sr. E... ‘Feliz mortal!’ — dizíamos.”

2) Molde em Parafina.

Em seguida, mais uma narração do Dr. Von Bergen, sobre a obtenção de um molde em parafina liquefeita, produzido por Nepenthés.

Diz ele que, enquanto aguardavam alguma movimentação vinda do gabinete da médium, havia impaciência e ansiedade. Este estado de espírito foi percebido pela médium, que ralhou:

“Não me dirijam a palavra; preciso ficar quieta; procurem guardar a calma e a serenidade.”

Ouviu-se, então, um leve barulho de algo que mergulhava na parafina derretida e dela saía. Esse movimento perdurou por alguns minutos, por

detrás da cortina, enquanto víamos, de modo completo, a forma branca debruçada sobre o recipiente. Depois, Nepenthés ergueu-se e voltou-se para nós, olhando como quem procura. Ao ver o Prof. E..., sentado por detrás de um outro pesquisador, volitando, suspensa no ar, dirigiu-se a ele e entregou-lhe um objeto.

“Ela me estende um pedaço de cera,” — disse ele, para depois corrigir-se: “Não, é o molde da mão, que está envolta até o punho e que se dissolve no interior do seu modelo”.

Enquanto ele ainda falava, Nepenthés já deslizava tranquilamente de volta ao gabinete. Havíamos conseguido obter o fenômeno desejado. Terminou assim essa sessão e procuramos examinar o molde. Do lado externo, parecia informe, granuloso, como em camadas superpostas de parafina. Pela abertura do punho, via-se o espaço da mão, dos dedos; era uma mão extremamente pequena.

No dia seguinte, levamos o molde a um modelador profissional (Sr. Almiri), para que tirasse o modelo em gesso. Ele e seus operários, espantados, ao examinarem o molde, verificaram que, depois de produzido, a mão que ali estava não poderia ter sido retirada sem que o estragasse. Consideraram o fato como um resultado de feitiçaria.

Assim que o modelador entregou o modelo em gesso, pudemos examinar a mão muito pequena e completa até o punho, na qual se viam as unhas e, bem nítidas, as linhas mais finas das articulações e da palma. Os dedos fusiformes e bem torneados causavam admiração aos artistas e os convenceram da origem supranormal do molde, ainda mais porque os dedos se apresentavam dispostos de tal maneira, que mão humana não teria conseguido sair assim da forma.”

3) Desmaterialização do Fantasma.

Por falar em desmaterialização da formação ectoplasmática, Von Bergen ainda fez o seguinte relato:

“Nepenthés permanecia entre nós, de modo bastante despreocupado, baixava lentamente a cabeça, em que brilhava o seu diadema. Logo, sem que se percebesse o menor ruído, a sobre-humana, a espiritual Nepenthés, bela, real, viva, transformava-se em pequena nuvem luminosa, do tamanho de uma cabeça humana, sobre a qual brilhava ainda o diadema; pouco a pouco sua luminosidade se extinguia e o diadema dissolvia-se e desaparecia.”

4) Nota de Bozzano:

Sobre essas anotações, Bozzano, em seu livro *Metapsíquica Humana*, teceu algumas considerações que são oportunas:

“O local estava sempre iluminado por claridade suficiente para que todos pudessem se ver e reconhecer, para que as anotações fossem feitas e tudo se distinguisse de modo claro. A médium ficava sentada no meio dos assistentes, visível a todos e bem acordada. Permanecia de costas voltadas para o gabinete medianímico onde os fantasmas materializados se formavam, saindo depois para se deixarem examinar pelos investigadores.

Quanto a Nepenthés, ela se materializava e se desmaterializava, quase sempre, na presença de todos. As condições experimentais eram absolutamente ideais para impossibilitar qualquer tipo de fraude.”

5) Conclusões.

Os fenômenos espíritas identificados só com as materializações de Nepenthés aqui arroladas, portanto, foram:

- Materialização luminosa total de uma individualidade feminina, bela, vestida e com adereço (diadema).
- Moldagem, em parafina derretida, de uma mão, que para sair da luva teve que se desmaterializar.
- Escrita ectoplasmática, em que o espírito materializado toma do lápis e escreve numa folha de papel.
- Captação telepática, pela médium, dos pensamentos, preocupações e ansiedades da assistência.
- Escrita inconfundível em grego clássico, determinando a inteligência da entidade espiritual; essa língua era desconhecida de todos os presentes — xenoglossia.

TRANSPORTES DE PLANTAS

A própria Elisabeth, em sua autobiografia, fez referências aos trabalhos de transporte de plantas inteiras utilizando-se a energia mediúnica. Seria importante, aqui, constatar tudo sob a ótica de diversos experimentadores. Inicialmente, e principalmente, vamos recorrer às anotações de Aksakof (1890), um dos mais importantes observadores da mediunidade de Elisabeth:

“Os fatos mais notáveis desse gênero são os que se produziram pela mediunidade da Sra. d’Espérance, de Newcastle, e que são referidos, *in extenso*, em *Médium* de 1880, pp. 528, 538 e 542, e também em *Herald of Progress* de 1880, publicado em Newcastle. Esses fenômenos manifestaram-se de três maneiras: 1^a) em um copo d’água; 2^a) em uma caixa com terra fresca; 3^a) em uma garrafa com areia e água. Isso se passava em sessões de materialização; a médium se tinha retirado para um gabinete, e o operador era uma figura materializada que se apresentava como uma jovem árabe chamada Iolanda.”

Vejam os exemplos da primeira maneira, publicado na Revista *Médium*, 1880, p. 466: “O Sr. Fidler havia colocado na palma da mão um copo com um pouco de água, à vista de todos; nada mais havia no copo, mas, após Iolanda ter feito alguns gestos, o Sr. Fitton viu um botão de rosa no copo; esse botão entreabriu-se em pouco tempo; Iolanda apanhou-o e entregou-o ao Sr. Fitton, que, por sua vez, o mostrou à Sra. Fidler e, quando o recebeu de novo, viu que, naquele instante, a rosa havia desabrochado.”

Para a segunda maneira, temos as narrações publicadas também na revista *Médium* (1880, pp. 306 e 466): “Para a reprodução de uma planta inteira, o operador espiritual pediu uma caixa com terra fresca e uma planta viva e sadia que serviria como médium (substrato), o que foi fornecido por um dos componentes do grupo. Na sessão do dia 20 de abril de 1880, a caixa que continha a terra foi colocada no centro da sala, e a *planta-médium*

(substrato), um pé de jacinto, perto da caixa. Iolanda regou a terra com a água que lhe deram, depois cobriu a caixa com um pano e retirou-se para o gabinete. Dali ela saía, de instante a instante, fixava o pano durante alguns momentos ou fazia passes, em seguida retirava-se de novo. Vinte minutos depois, o pano pareceu levantar-se e aumentar em altura e largura. Então, Iolanda retirou o pano, e viu-se na caixa um grande e belo *pelargonium*, em toda a sua frescura, vinte e cinco polegadas de altura, com folhas de uma a cinco polegadas de largura; ele foi transplantado para um jarro comum e continuou a viver, enquanto que a planta *médium* (substrato) não tardou a definhar (p. 306). Na sessão de 22 de junho, em meia hora, obteve-se, nas mesmas condições, um morangueiro, com frutos em diversos estágios de maturação; a planta que serviu de médium, dessa vez, foi um *geranium* (p. 466)”.

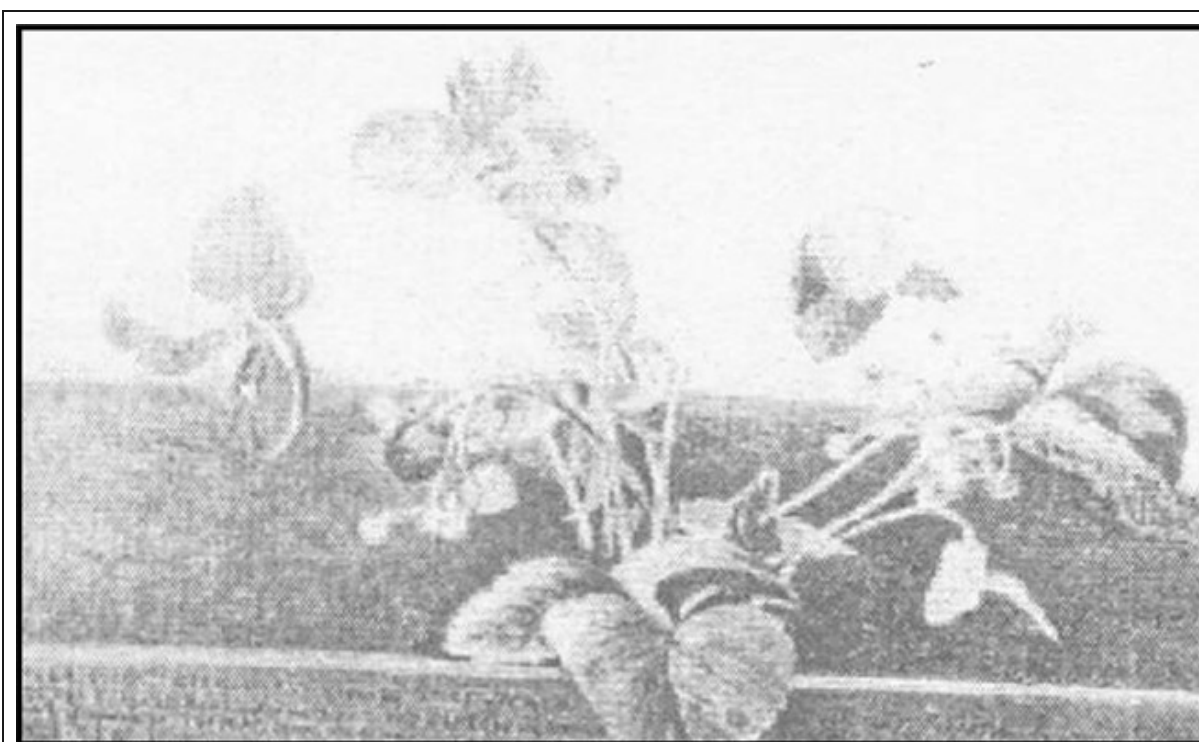
Aqui, temos um problema aos vermos a expressão “planta-médium”. Na verdade, a planta não pode ser um médium. Diríamos que a planta viva fornece matéria e energia vital; ela, então, é um substrato, posto que é bem mais fácil transportar matéria que criar matéria. Digamos que, primeiro, tivemos notícia de um botão de rosa que depois desabrochou rapidamente. Isto quer dizer que se injetou matéria na planta, bem como energia vital.

O caso que segue, ocorrido na sessão de 4 de agosto, publicado pelo Sr. William Oxley, em *Herald of Progress* (1880, nº 8), é bem mais completo e confirma a descrição de Elisabeth. Trata-se de uma referência ao transporte de uma *Ixora Crocata*:

“Saindo do gabinete, Iolanda pediu, por meio de sinais, que lhe dessem uma garrafa, água e areia (o que havíamos providenciado justamente antes da sessão); em seguida, agachando-se, diante de todos, chamou o Sr. Reimers, que, conforme suas instruções, deitou na garrafa um pouco de água e de areia. Iolanda colocou a garrafa no centro da sala, fez alguns passes, cobriu-a com um pano pequeno e leve e voltou ao gabinete, numa distância de três pés da garrafa. No mesmo instante, percebemos que algo se levantava debaixo do pano e aumentava em todas as direções, atingindo uma altura de quatro polegadas. Quando Iolanda se aproximou e retirou o pano, verificamos que se tinha desenvolvido, na garrafa, uma verdadeira planta, com raízes, haste e folhas verdes. Iolanda tomou a garrafa entre as mãos, aproximou-se do lugar onde eu estava e me entregou. Recebi-a em uma das mãos e examinei-a, juntamente com o meu amigo John Calder; a

planta ainda não continha flores. Coloquei a garrafa no chão, a dois pés de mim. Iolanda foi para o gabinete, onde ouvimos o som de pancadas que significavam, segundo o alfabeto convencionado: Agora, olhem para a planta.

Calder segurou a garrafa e a suspendeu, exclamando, admirado: ‘Vejam, há uma flor!’ Sim, a planta apresentava, agora, uma grande flor e, nos poucos minutos em que a garrafa havia ficado a meus pés, a planta cresceu seis polegadas, e cresceram muitas folhas novas e uma bela flor de cor vermelho-dourada ou alaranjada (p. 529).”



Legenda Parcial: Morangueiro “Rainha Inglesa”, crescido pela força espírita ou psíquica, no endereço 28, New Bridge, Newcastle-on-Tyne; médium: Mme. d’Espérance, 22 (terça-feira) de junho de 1880. A planta estava carregada de flores e frutos, tendo os frutos maduros sido distribuídos entre os que estavam presentes.

Segundo ainda informações do Sr. Oxley ao próprio Aksakof: “Nunca menos de vinte pessoas eram testemunhas desse fenômeno, que se deu à luz moderada, suficiente para se ver o que se passava. O pano tocava

imediatamente no gargalo da garrafa, e pudemos, muito distintamente, vê-lo elevar-se gradualmente”.

Oxley enviou ao experimentado Aksakof uma parte da planta, uma *Ixora Crocata*, para ser comparada com a fotografia. Aksakof, não ainda satisfeito, procurou saber quem mais havia participado daquela reunião. Descobriu que o Sr. O. W. Sellin, de Hamburgo, havia assistido a essa sessão e enviou-lhe uma espécie de questionário com cinco quesitos, ao qual o Sr. Sellin respondeu, numa carta datada no dia 5 de maio de 1886. Tentaremos resumir as respostas do Sr. Sellin:

1º) Com que grau de luz se produziu esse fenômeno?

A sala estava iluminada a gás, através de uma janela disfarçada por uma cortina vermelha: a chama podia ser graduada no interior da sala; aumentava-se ou diminuía-se. Enquanto durava o crescimento da planta, a iluminação era fraca, porém suficiente, não só para poder-se ver Iolanda e a garrafa, coberta pelo pano branco, como para acompanhar a elevação gradual daquele pano à proporção que a planta crescia.

2º) O senhor está bem certo de ter visto o próprio vaso no qual a planta se desenvolveu, e está convicto de que não havia nesse vaso mais do que água e areia?

O vaso empregado naquele experimento (uma garrafa com um gargalo de menos de uma polegada de diâmetro) é absolutamente semelhante ao que é reproduzido por um desenho em *Herald of Progress*; vi-o antes e depois da sessão, e pude examiná-lo minuciosamente, pois, quando traziam a garrafa, a areia, a água e a folha de jornal, a luz foi aumentada. Essa circunstância não pode ser posta em dúvida de maneira nenhuma.

3º) Tem certeza de ter visto a planta elevar-se gradualmente da garrafa, para atingir as dimensões indicadas na descrição?

Logo que se diminuiu a luz, Iolanda saiu do gabinete, chamou com um aceno o Sr. Reimers e lhe fez um sinal para que colocasse a folha de jornal no chão e enchesse a garrafa, que foi colocada em cima do jornal aberto, com areia até uma certa altura e um pouco de água. O Sr. Reimers fez o que se lhe pedia, estando de joelhos, próximo ao jornal, enquanto Iolanda estava defronte dele, também de joelhos, do outro lado do jornal. Logo que Reimers terminou, Iolanda deu-lhe um beijo na testa e fez-lhe um sinal para que voltasse ao seu lugar. Ela própria levantou-se e cobriu a garrafa com o pano branco. De onde ela havia tirado esse pano? Era uma parte de seu

vestido, ou ela o tinha produzido ali? No momento em que a garrafa foi coberta, eu estava no caso de examinar, perfeitamente, a garrafa e o fantasma, até o momento em que ele retirou o pano.

4º) Reparou bem que não havia flor na planta, quando ela foi entregue ao Sr. Oxley? Que ela só apareceu mais tarde?

Posso garantir que não havia flores na planta, no momento em que o pano foi retirado. Não posso afirmar que a planta não tinha botões; não os vi. Sobre esse ponto, preciso basear-me no testemunho do Sr. Oxley e do respeitável John Calder. Quando, após alguns minutos, a luz foi aumentada e todas as pessoas presentes examinaram a planta pela segunda vez, via-se que já havia um botão bem desenvolvido. A garrafa foi colocada em cima do armário, onde ficou até o fim da sessão, na qual surgiram umas cinco ou seis figuras materializadas, que saíam do gabinete e se aproximavam das pessoas presentes. Quando, finalmente, o Sr. Oxley retirou a garrafa do armário para levá-la para sua casa, aproveitei-me e verifiquei que três botões de cor amarelo-alaranjada haviam desabrochado.



Ixora Crocata

Planta originária da Índia, que, por um fenômeno de transporte (*apport* ou trazimento), foi trazida para o ambiente das sessões com a médium d'Espérance. William Oxley, cientista e colecionador de plantas raras e exóticas, depois dessa sessão de 4 de outubro de 1880, disse: “Os espíritos haviam-me prometido uma espécie dessa planta rara, para que pudesse completar minha coleção. Agora estou realizado e o objetivo de minha visita aqui foi alcançado”.

No dia imediato, ao levarmos a planta à residência do fotógrafo, notamos que a copa inteira se tinha desenvolvido, conforme se vê na prova. Depois, num exame ainda mais minucioso das folhas, notei que uma delas possuía uma dilaceração já endurecida. Posteriormente, na sessão de 5 de agosto, na qual se formou, da mesma maneira, em jarro cheio de terra, um

Anthurium Scherzerianum, uma planta da América Central, perguntei como é que semelhante dilaceração tinha sido feita numa planta que acabava de nascer. Informaram-me que Iolanda, ao retirar o pano com muita precipitação, tinha deteriorado a folha, e que aquela dilaceração tinha cicatrizado em tão pouco tempo devido ao crescimento rápido da planta.

5º) Tem qualquer dúvida sobre a autenticidade do fenômeno, e, no caso contrário, como o explica?

Conforme a maneira por que as coisas se deram, não tenho a menor dúvida acerca da autenticidade dos fenômenos. Examinei o local, antes e depois, não havia nenhum alçapão ou qualquer coisa que pudesse indicar truques. Quanto a explicar os fenômenos, há um enigma, como na maioria dos fenômenos espíritos. É possível que fosse um caso de “transporte”, como sucede com as rosas que ela tira do copo. Aquelas rosas são de origem natural; guardei-as até que murchassem. No presente caso, a dificuldade está em introduzir a planta na garrafa com um gargalo tão estreito. Observe-se que é praticamente impossível introduzir na garrafa as raízes de uma planta formada, implantá-las na areia úmida, dando-lhes direção normal. Tal suposição está em contradição com a elevação gradual do pano. Poder-se-ia supor também que, durante o tempo em que Reimers enchia a garrafa com areia molhada, ou num outro momento qualquer, o fantasma tivesse ali colocado uma semente de *Ixora* e, com uma força que nos é desconhecida, provocasse uma germinação e um desenvolvimento muito rápido. Digo isso porque o próprio Sr. Reimers realizou uma experiência de aceleração do crescimento de uma planta por meio da eletricidade.”

Segundo o parecer de Aksakof (p. 138), tal fenômeno da *Ixora Crocata* não foi um simples fenômeno de transporte, pois houve um desenvolvimento gradual, que é um dos caracteres dos fenômenos de materialização. Esse tipo de crescimento indica que havia na planta, em sua primeira fase, uma grande quantidade de fluido vital e de elementos materiais latentes. A *Ixora* formou-se sem nenhum auxílio de outra planta; por isso, Aksakof considerou que, na primeira fase, a planta foi transportada; numa segunda fase, houve materialização: essa planta teria sido desmaterializada na ocasião e, sendo conservada sua essência típica, teria sido gradualmente rematerializada durante a sessão, com recursos vitalizantes.

Uma coisa nos parece certa: não se trata de uma materialização ectoplasmática, visto que as plantas permaneciam verdadeiras, passíveis de serem cuidadas e regadas. Era feito o transporte de sementes ou mudas pequenas e, a partir dos recursos ambientais e da utilização de forças psíquicas vitalizantes, havia a produção de um desenvolvimento muito rápido, seguindo a ideia diretriz do duplo psicobiofísico da própria planta.



Algumas plantas produzidas a partir de crescimento, mediante a força psíquica de Elisabeth, utilizada pelos espíritos (Iolanda), na sessão de 8 de março de 1890.



Lilium Auratum

Obtido por transporte e crescimento visível, na sessão do dia 28 de junho de 1890. Media, quando esticada e ereta, pelo menos 2,2736m (7 pés), e curvada, 1,9488 (6 pés).



Foto mostrando a médium Elisabeth de pé, ao lado do lírio dourado, numa foto de 28 de junho de 1890.

SVEN STROMBERG

O Sr. Matthew Fidler, o principal investigador da mediunidade de Elisabeth, publicou um interessante fato mediúnico de comunicação de um espírito que havia se identificado por Sven Stromberg. O relato desse caso surgiu, pela primeira vez, em 1893, nas revistas suecas, alemãs, francesas e canadenses, tendo sido depois narrado pela própria médium, em artigo publicado na revista *Light* em 1905:

“A 3 de abril de 1890, às dez horas da manhã, estava em minha escrivaninha, escrevendo meus assuntos de negócios, (a médium ganhava sua vida trabalhando como ‘correspondente’, hoje seria ‘representante’ da importante firma comercial Fidler & Cia., de Gotemburgo, Suécia. — Bozzano, E., *Xenoglossia*, 1949, p. 191), diversas correspondências que precisavam ser expedidas antes do meio-dia. Havia colocado a data em uma folha de papel e nela traçado o nome do destinatário, parando um momento para verificar-me da ortografia correta de certa palavra. Quando voltei para continuar a carta, verifiquei que, de forma inconsciente, por alguma razão desconhecida, havia escrito nela as palavras *Sven Stromberg* ; de modo que a folha ficou inutilizada; nome esse sueco, mas inteiramente desconhecido para mim.

Um tanto contrariada, pois tinha ainda muito que escrever antes da hora do Correio, abandonei aquela folha e comecei outra, esquecendo-me do fato, até que, no final, quando fui colocar a papelada em ordem, a deparei-me com a tal folha, que, então, despertou mais a minha atenção. Perguntei aos funcionários se algum deles conhecia alguém com o nome de Sven Stromberg. Ninguém conhecia. Mais tarde, ao escrever o relatório diário que enviava ao Sr. Fidler, que estava na Inglaterra (a médium estava em Gotemburgo, na Suécia), fiz referência ao incidente.

Esse relatório, como sempre, foi passado ao copiador de cartas, onde ficou arquivado, circunstância que não devo omitir porque documenta a

data da ocorrência e a torna incontestável. O copiadore a folha em que o nome havia sido escrito foram guardados.

Dois meses depois, o Sr. Fidler, de volta da Inglaterra, numa das sessões de Aksakof, lá estava ele discutindo com o próprio Aksakof mais o Sr. Boutleroff e outros amigos russos, sobre o meio mais prático de se conseguir fotografar fantasmas materializados.

O nosso Guia Espiritual Walter, sempre disposto a cooperar nesses experimentos, interferiu, escrevendo:

Ia-me esquecendo de dizer ter estado aqui um espírito que diz chamar-se Stromberg e que desejava informar os seus da sua morte. Acredito ter-me dito haver morrido em Wisconsin, a 13 de março, e ter nascido em Jemtland. Esse lugar existe? O fato é que ele morreu e deseja comunicar isso a seus pais. Era casado e tinha seis filhos.”

A quase ninguém interessou esta mensagem. Apenas o Sr. Fidler mostrou-se interessado, e pediu:

— Quem sabe se não se trata daquele Stromberg que escreveu o nome, há alguns meses, numa folha de papel? Se ele morreu em Jemtland, que nos faça o obséquio de dar o endereço de sua mulher.

Walter respondeu:

— Não, ele morreu na América e são os seus pais que moram em Jemtland.

— Pois bem, replicou Fidler, que me dê o endereço destes últimos e eu lhes escreverei.

No dia seguinte, após toda uma preparação para o início de uma série de fotografias de espíritos, o Sr. Boutleroff, a quem estava confiado todo o trabalho fotográfico, solicitou um momento para experimentar a intensidade da luz e verificar-lhe os efeitos. Entramos, então, para a sala de sessão, a fim de assistirmos à experiência.

Estando tudo pronto, o Prof. Boutleroff pediu-me que me colocasse no lugar que me estava destinado, bem diante do aparelho de fotografia, de tal maneira que meu rosto pudesse ser também fotografado. A luz foi apagada, descobriu-se a chapa e provocou-se a explosão do magnésio. Naquela fração de segundo, senti claramente um contato na cabeça, mas, antes que falasse qualquer coisa, alguém gritou: “Por trás da médium está uma figura de homem”. “Eu também vi.” “E eu também,” foram falando os presentes. Eu disse ter sentido um contato, sem, no entanto, ver ninguém.

Esperamos, impacientes, a revelação da chapa e a obtenção de uma cópia. Na fotografia, verificou-se a presença, por detrás de mim, de uma cabeça de homem, de aspecto calmo e sereno, de traços bem diferentes dos meus, um tanto alterados pela explosão de magnésio.

Na primeira chance que teve, o Sr. Fidler perguntou ao Espírito Walter se ele podia dizer quem era a entidade fotografada.

— Sim, respondeu o espírito, é o tal Stromberg, de quem já lhes falei. Devo mesmo retificar que ele não morreu em Wisconsin, mas em New Stockholm e que a data do falecimento é 31 de março e não 13, pois inadvertidamente inverti a ordem dos algarismos. Seus pais habitam Strom Stocking, ou um nome semelhante, na província de Jemtland. Se a memória não me falha, disse-me ele que emigrou em 1886, ser casado e ter três filhos e não seis. Morreu querido e pranteado de todos.

— Muito bem, replicou Fidler, pode agora dizer-me o que ele de fato deseja? Talvez queira que mande o retrato à viúva?

— Ainda não compreendeste bem, escreveu Walter, eu disse que são seus parentes de Jemtland que ignoram sua morte, e não sua mulher; o que ele quer é que estes sejam informados e que saibam, ainda, ter ele morrido, chorado e querido dos seus.

— Verdadeiramente, compete mais à viúva — observou Fidler — fazer tal comunicação, mas, desde que isso lhe dê prazer, vou escrever, ou pelo menos tentarei obter informações a respeito.

— Agradeço-te por ele. Disse-me, ainda, que todos o conhecem em sua terra. Penso, então, que, se mandares a fotografia para Jemtland, alcançarás o objetivo. Deves mandar também uma prova para a viúva, porque Stromberg pensa que todos receberão a notícia com prazer.

No dia imediato, o Sr. Fidler escreveu ao pastor de Jemtland, perguntando se um rapaz chamado Stromberg, emigrado para a América, lá pelo ano de 1886, havia morado na sua paróquia; no caso afirmativo, pediu que lhe mandasse o endereço e o nome de seus pais.

Em seguida, o Sr. Fidler se pôs a procurar nas cartas geográficas, mas sem resultado, onde ficava New Stockholm. Pediu informações a diversas agências de emigração, mas sempre em vão. Escreveu, por fim, a um seu amigo, o Sr. Ohlen, vice-cônsul em Winnepeg, no Canadá, contando-lhe o ocorrido e pedindo que mandasse dizer se por lá existia localidade com esse nome.

Logo em seguida ao envio dessa carta, chegou a resposta do cura de Strom (Jemtland), que dizia haver consultado os registros da paróquia e não haver encontrado o nome indicado. Informava, contudo, que um tal *Sven Ersson* casou-se e partiu para a América, naquela ocasião, e que muitos Sven havia na região, mas nenhum com o nome de Stromberg.

Essas informações, mais o fato de ninguém conhecer o lugar denominado New Stockholm, que nem estava nos mapas, indicavam que tínhamos sido mistificados. Pedi, então, ao Sr. Fidler que não mais se ocupasse com esse caso; porém, a carta para o Sr. Ohlen já havia partido.

Certa manhã, ao ler um jornal canadense que lhe havia chegado pelo Correio, o Sr. Fidler encontrou um artigo assinado “A-S.”, cujo título era New Stockholm. O Sr. Fidler escreveu para o autor do artigo e enviou a carta para a redação do jornal. Pedia informações sobre Sven Stromberg, falecido naquela cidade na primavera de 1890.

Nesse meio-tempo, o cônsul Ohlen havia recebido a carta do Sr. Fidler. O cônsul não era espírita nem simpatizante do Espiritismo, mas empreendeu todos os esforços para atender o amigo. Houve intensa correspondência entre os dois, o que culminou com a ida do cônsul à Suécia. Enfim, “A-S” forneceu também esclarecimentos importantes. Somando tudo, eis o que se conseguiu apurar:

Sven Ersson, natural de Strom Stocken, paróquia de Strom, província de Jemtland, Suécia, contraiu matrimônio com Sarah Kaiser e com ela emigrou para o Canadá. Estabeleceu-se e adotou o nome de Stromberg. É muito comum esse comportamento entre os camponeses da Suécia, cujas famílias não têm o nome que lhes é próprio. Por exemplo: um camponês chamado John tem um filho cujo nome é Charles; este então é conhecido como Charles Johnson, isto é, “filho de John”. Se sua filha se chama Maria, o seu nome será completado Maria Johndaughter, isto é, “filha de John”. Por isso, como tal costume tem seus inconvenientes no estrangeiro, os suecos que emigram adotam um nome de família para se perpetuar. Geralmente, escolhem o nome da terra natal. Assim, Sven Ersson, isto é, “filho de Ers”, adotou o nome de “Stromberg” logo que se tornou proprietário, no lugarejo que depois veio a se chamar New Stockholm, em homenagem à sua terra: Strom. Sven Stromberg prosperou, nasceram três filhos do casal e ele veio a falecer na noite de 31 de março de 1890.

Essas informações foram conseguidas com a viúva do médico que o

havia tratado e com o pastor que o assistira na hora da morte. Um dos seus últimos desejos era que seus parentes e amigos da Suécia fossem informados de sua morte. Uma carta havia sido escrita com essa finalidade, contudo, pela distância enorme da próxima agência do Correio e outras dificuldades, essa carta não foi enviada. Depois do alvoroço causado pela correspondência do Sr. Fidler, a viúva do médico, cheia de remorso, foi pessoalmente a Whitewood enviar tal carta.

Logo que essa carta chegou a Strom, em Jemtland, o pastor escreveu ao Sr. Fidler, narrando, então, o que já era do conhecimento dele através do cônsul Ohlen, do pastor canadense e de “A-S” Resultado: foi-nos dado verificar que todos os detalhes obtidos mediunicamente eram reais.

A fotografia de Sven Stromberg foi também identificada por muitos de seus conterrâneos. Penduraram-na na sacristia da igreja de Strom, para que os que nela reconhecessem o patricio morto deixassem ali suas assinaturas. Essa fotografia foi-nos devolvida com muitas assinaturas e alguns comentários, como, por exemplo, sobre o bigode que não possuía quando havia partido e que a fotografia mostrava.

Essa investigação durou um ano, mas foi coroada de êxito. Toda a correspondência, certificados, documentos e atestados, devidamente assinados, que fazem parte do dossiê “Sven Stromberg”, tanto na Suécia como no Canadá, foram guardados pelo Sr. Fidler e, depois do seu falecimento, passaram para as minhas mãos e os tenho hoje em meu poder.

A investigação mostrou que a agência postal mais próxima de New Stockholm é a de Whitewood, a vinte e quatro milhas de distância. Atualmente, existe um serviço postal semanal regular entre essas localidades, mas que antes de 1890 era irregular e menos frequente; o trajeto era realizado a cavalo ou a pé; até 1893 a estação telegráfica mais próxima estava a cem milhas e não havia estrada de ferro nas proximidades. Todas essas circunstâncias impediram qualquer possibilidade de se noticiar a morte de Stromberg por via normal, naquele pequeno espaço de tempo decorrido entre o falecimento e a mensagem mediúnica.

Está, pois, provado que sessenta horas depois de sua morte, ocorrida em New Stockholm, no norte do Canadá, Sven Stromberg escrevia o seu nome em uma folha de papel, no escritório do Sr. Matthew Fidler, na cidade de Gotemburgo, na Suécia.

Segue-se que Sven Stromberg havia prosperado no Canadá e estava

orgulhoso disso; queria, assim, que seus conterrâneos soubessem de seu êxito, e que havia conseguido no Canadá o que, provavelmente, nunca teria em sua terra natal.

Possivelmente, esse desejo, junto a um sentimento de nostalgia póstuma, deu-lhe energia suficiente para conseguir o seu intento e fazer-nos trabalhar um ano inteiro, a fim de estabelecermos provas incontestáveis de que o espírito de um morto havia voltado a se comunicar na Terra.

Light, 1905, pág. 43

E. d'Espérance.

Dos fenômenos mediúnicos ocorridos neste caso, é possível estabelecer uma relação das diversas modalidades de efeitos psíquicos de Elisabeth:

- Capacidade de escrever mecanicamente (psicografia automática), não estando consciente disso, isto é, em transe profundo e momentâneo, numa forma de alheamento providencial, e não epiléptico.

- Capacidade de ceder ectoplasma (transe biológico), possível de ser utilizado por uma entidade espiritual, que com ele fez-se visível e sensibilizou a chapa fotográfica.

- Apenas neste caso, Elisabeth demonstrou possuir a faculdade do transe mediúnico, parcial e mecânico, psicográfico, e ectoplasma, seguida de teleplastia ou materialização. Todos os fenômenos, utilizados de forma inteligente, para se chegar a um objetivo. De resto, a própria narração de Elisabeth fala por si mesma.

IMISÇÃO PSÍQUICA

O termo imisção significa “ação de misturar-se ou intrometer-se; mistura, intromissão, ingerência.” (Aurélio). A imisção psíquica é justamente uma espécie de mistura de psiquismo, ou uma intromissão de um psiquismo no outro. Uma ocorrência com Madame d’Espérance deu-se, caracterizando uma imisção psíquica, e, pelo que consta, o fenômeno não ficou muito bem entendido, nem valorizado. Entretanto, trata-se de uma das mais interessantes possibilidades medianímicas, capaz de vasculhar um outro psiquismo, sem que nada possa permanecer oculto, porque o espírito do médium se projeta e se intromete na mente à qual se ligou, ou a comunicação de um espírito é tão íntima em sua influência sobre a mente do médium, que os dois se confundem.

Presumimos que o estudo desse fenômeno poderá levar ao esclarecimento de muitos casos de loucura, esquizofrenia (divisão da mente) ou de outros estados de dupla personalidade, de confusão mental, além de proporcionar aos entendidos uma nova possibilidade de varredura psíquica.

O fato que ocorreu com Elisabeth é por demais sugestivo e, por certo, leva a muitas considerações. Foi narrado por ela mesma e depois repetido por muitos autores, inclusive Aksakof. Inicialmente, ela o publicou no jornal *The Medium*, numa série de artigos, nos anos 1892 a 1893, sob o título: “O que sente um médium quando os espíritos se materializam” (*The Medium*, 1893, p.146); posteriormente, esse fato constou de seu livro *Shadow Land*, no capítulo intitulado “Serei Ana ou Ana será eu?” Esse caso de imisção psíquica ocorreu numa ocasião em que a médium estava em Cristiânia, na Noruega, e consta do seu diário:

“Era cedo, quando chegamos a Cristiânia, e preferimos tomar uma xícara de chá, antes de nos dirigirmos para o local da sessão. Estava um tanto desanimada, e uma excitação nervosa crescia dentro de mim, à medida

que se aproximava o momento da sessão.

Janey percebeu e perguntou-me:

— Não estás muito satisfeita, pois não?

— Certamente que não posso estar, respondi-lhe. Perturbo-me só de pensar no trabalho que todos tiveram para garantir a minha segurança e o êxito da sessão.

Deixei de lado os meus pensamentos desagradáveis, preferindo distrair-me tomando chá e ouvindo os companheiros, sobre as medidas tomadas para que tudo saísse a contento.

Ao entrar no ambiente da sessão, encontrei antigos conhecidos e verifiquei que estavam presentes três meninos; um deles, filho da Sra. Peterson, médium também.

A visão das crianças animou-me, e elas vieram a mim e se colocaram ao meu lado, como se tudo ali lhes fosse bastante natural. Começaram a conversar entre si e, de vez em quando, dirigiam-me a palavra.

Diminuiu-se a luminosidade, de tal modo que a luz permanecesse suficiente para que todos os objetos do salão pudessem ser visualizados; via as horas do relógio, quase na sombra, do lado oposto da sala. A meu ver era ainda muita luminosidade, mas não era motivo para modificações; seriam feitas se necessário.

Deram-me duas fatias de bolo, mas, como não costumo sobrecarregar o estômago antes das sessões, e com o cuidado de evitar distrações, pedi a uma das pessoas próximas que as guardasse, juntamente com minhas luvas.

Depois, deram uma fatia do bolo para o menino Jonte, instruindo-o para que o repartisse com um irmãozinho seu desencarnado, Gustavo, caso ele se materializasse ali.

Livre de qualquer objeto incômodo, ajeitei-me tranquilamente na poltrona, apertando nas minhas mãos as dos meus amiguinhos. Contudo, um pensamento veio-me à mente: “obrando assim, absorveria energia dos meninos, o que seria contraproducente para as crianças.”

Larguei-lhes as mãos, imediatamente.

Ficamos todos ali sentados por um certo tempo. Nada houve de diferente, mas alguma coisa agitava-se no gabinete, por trás de mim. Para distrairmo-nos nessa longa espera, cantamos alguns hinos, evitando também sobrecarga de preocupação quanto ao que ocorria no gabinete.

De repente, a luz foi diminuída em sua densidade, e, imediatamente,

saiu do gabinete um espírito que, por sua rapidez, assustou a todos nós.

Logo em seguida, veio um outro espírito, de baixa estatura, deu a volta ao meu redor e foi encontrar-se com o menino Jonte, o qual lhe ofereceu a fatia de bolo guardada, dizendo:

— Guardei para ti, Gustavinho, pega.

O fantasma, para mim uma sombra branca, afastou-se com o pedaço de bolo, desembrulhou-o e o deu à menina Maja que, por sua vez, tirou um pedaço e colocou-o em meus joelhos, empurrando-o para Jonte, que, inquieto, aguardava sua parte. Alguém perguntou:

— Quem é esse? É teu irmão, Jonte? É Gustavo?

Diga-me se é Gustavo.

Jonte, com a boca suja de chocolate, disse:

— Sim, é Gustavo. Vai ver, mamãe, Gustavinho; e oferece-lhe alguma coisa; vai, eu te conduzirei, não tenhas medo, cuida de ti.

Gustavo, o espírito, sem ajuda de ninguém, colocou o que sobrou de seu pedaço de bolo nos joelhos da mãe, afagou-lhe a face e voltou a ocupar seu lugar entre o irmão e a irmã. Sua mãe, então, pediu-lhe:

— Vai ter com o papai, Gustavinho. Ele te ama tanto! — falava assim, parecendo agitada; mas Gustavinho não atendeu. Permaneceu mais alguns minutos e foi como que se evaporando lentamente e desapareceu.

Por esse momento, mostrou-se uma outra figura.

Uma forma alta e corpulenta, que avançou alguns passos para o meio do círculo e dirigiu-se para o Sr. Lund, que, por sua vez, foi-lhe ao encontro. Não sei quem era esse espírito; esqueci-me de perguntar sobre ele. Ele causou alguma surpresa entre os assistentes, visto que, geralmente, as figuras materializadas pareciam indecisas e tímidas.

Esse espírito caminhava no meio de nós, sem nenhuma cerimônia. Passou por mim como se nem me conhecesse. Um minuto antes, eu era considerada na reunião; agora, já não reparavam mais na minha presença. Queria olhar nos olhos dessa majestosa personagem; no entanto, deu-me as costas e só pude reparar sua estatura, que era alta. Ao lado do Sr. Lund, mostrava-se quase tão alto. Retirou-se majestosamente. Queria fazer-lhe notar a minha presença, mas ele desapareceu. Senti-me muito fraca; só conseguia pensar, sem forças para fazer qualquer coisa.

Apresentou-se um outro espírito, uma figura menor, mais delgada e com os braços estendidos. Alguém se levantou do outro lado do círculo,

dirigiu-se para o espírito e caiu em seus braços. Ouvi exclamações extremadas:

— Ana! Ó Ana! Minha filha! Minha cara filha! Meu amor!

Alguém mais se aproximou e abraçou também o espírito: lágrimas, soluços, louvores a Deus. Sentia meu corpo jogar-se daqui, dali; ora para a esquerda, ora para a direita, e tudo se tornou negro diante de meus olhos. Sentia também estar abraçada, mas encontrava-me só em minha cadeira. O coração de alguém batia de encontro ao meu peito, embora só as crianças estivessem próximas. Ninguém prestava atenção em mim, só viam aquela figura branca e delicada abraçada por aquelas mulheres de luto.

Meu coração pulsava distintamente; assim, de quem seriam esses braços que me cercavam? Nunca havia sentido um contato tão real, e comecei a perguntar-me:

“Quem sou eu? Seria aquela figura branca ou a pessoa sentada na cadeira? Seriam minhas as mãos que rodeavam o pescoço da anciã, ou só eram minhas as mãos que descansavam nos joelhos da pessoa sentada na minha cadeira? Serei eu o fantasma, ou como deverei chamar àquela que está sentada na cadeira? Com certeza, os meus lábios foram beijados; o meu rosto está banhado em lágrimas que rolavam das faces das damas. Como pode ser isso?” Um sentimento horrível de perda de identidade. Quis levantar uma das mãos do corpo que estava na cadeira e tocar em alguma coisa; queria saber se existia mesmo ou se estava sendo vítima de um sonho; quis saber se Ana era eu, se a minha personalidade e a dela eram a mesma coisa.

Continuavam os abraços trêmulos da anciã, os beijos, as lágrimas e os afagos da irmã. Enquanto ouvia os louvores e bênçãos, permanecia uma agonia de dúvidas e angústias, e eu perguntava a mim mesma:

“Quanto tempo haverá de durar isso? Quanto tempo ficaremos juntas? O que se dará? Eu serei Ana, ou Ana será eu?”

Foi quando senti duas mãozinhas segurarem as minhas, que estavam inertes. Aquele contato fez-me voltar a mim mesma, e foi com alegria que verifiquei que eu era eu. O menino Jonte, cansado de ter ficado esquecido, por causa do espírito materializado e das duas mulheres que se abraçavam, sentindo-se isolado, agarrou-se nas minhas mãos, procurando consolo. Ah! como me fez bem esse contato infantil! Minhas dúvidas cessaram: eu era eu própria... Enquanto me sentia assim, refazendome, o fantasma branco de

Ana voltou ao gabinete, as duas damas retornaram aos seus lugares, chorosas, mas cheias de contentamento.

Tal o relato completo do diário de Elisabeth, mostrando o transcorrer de toda a sessão e o desfecho perfeito, sem nenhum perigo para a médium. As preocupações dela eram naturais, quando se viu misturada a um outro psiquismo, recebendo todas as impressões do espírito, observando toda a cena e ainda vendo o próprio corpo inerte. Neste caso, ocorreram vários fenômenos conjugados:

- 1) Transe superficial (consciente).
- 2) Desdobramento e projeção do corpo espiritual.
- 3) Letargia (inércia total do corpo).
- 4) Materialização de um espírito (teleplastia total).
- 5) Imisção psíquica (mistura de mentes).

O espírito da médium, emancipado, confundia-se com o espírito materializado, visto que suas auras ou campos de influência estavam unificados, para que a energia ectoplasmática liberada do corpo da médium pudesse ser utilizada com tal segurança, a permitir abraços e beijos, vindos, é claro, de intenções amigas, diferentes da situação, anteriormente descrita, da agressão sofrida pelo Espírito Iolanda.

Pudemos observar um caso de imisção psíquica com a médium Maria do Socorro Peres França, em Vitória. Solicitamos a ela que, em transe canalizado, entrasse em contato com determinada pessoa que havia pedido auxílio espiritual. Maria do Socorro entrou em transe, provocado por ela mesma, procurou a solicitante e a encontrou:

- Encontrei-a!
- Você está vendo essa senhora?
- Estou; mas acontece algo diferente!
- O quê?
- Estou dentro dela, ela está em mim...
- Como assim?

— Sei tudo dela, vejo-a por dentro, ela não pode esconder nada de mim. Ela pede ajuda, mas, na verdade, não faz nada por se melhorar. Quer que as coisas caiam do céu. Incrível, tudo que ela pensa, eu sei.

A médium permanecia ao nosso lado extática, com os olhos arregalados e fixos, existindo numa outra realidade. Sentia-se a própria outra, vivendo dentro da outra, sabia de tudo, desvendou tudo. O assunto

fica em aberto para futuras investigações.

A MATÉRIA VEM DA MATÉRIA

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.”

Lavoisier

Aksakof escreveu um opúsculo sobre os experimentos que vivenciou com a médium Elisabeth d’Espérance, quando a esteve visitando em Gotemburgo, em 1890. Ele havia ido a Gotemburgo, para participar de uma série de sessões de materialização, programadas anteriormente:

“Privilégio que a Sra. d’Espérance ainda não havia concedido a ninguém, ela autorizou-me a submetê-la a toda espécie de provas que eu considerasse necessárias para convencer-me dos fenômenos.”

Na sessão do dia 5 de junho, ele permanecia sentado bem próximo ao lugar no gabinete onde a médium se achava, aliás, como era de costume a essa altura. Só a cortina cuja abertura lateral estava próxima ao seu ombro direito os separava. Para ver a médium, tinha apenas que puxar um pouco a cortina. Iolanda surgiu materializada. Esse espírito, por diversas vezes, já havia estado entre eles e, mesmo, apoiando-se no seu braço, fez a volta no círculo. Apenas uma lâmpada, no fundo da sala, coberta com folhas de papel encarnado, fazia uma certa claridade; e Aksakof, junto ao espírito, podia ver bem os seus traços fisionômicos:

“E mesmo sob a lâmpada, havia claridade bastante, para que eu pudesse reconhecer, sem dúvida, os traços fisionômicos da médium, no semblante da forma materializada.”



Espírito Iolanda

Foto registrada em 8 de março de 1890, mostrando o Espírito Iolanda totalmente materializado. “Quando veio pela primeira vez, sua curiosidade não tinha limites; tudo a interessava muito, desde os nossos vestidos até a mobília da sala.” (Elisabeth d’Espérance)

Ao retornar ao seu lugar, Aksakof percebeu que Iolanda manteve-se metade do lado de fora, na abertura da cortina. Sem deixar de observá-la, passou o braço direito pela abertura lateral, para se certificar de que a médium estava em seu lugar. Deslizou a mão pelo encosto da cadeira da médium, ou pelo menos onde esta deveria estar; ela não estava lá. Mas, no mesmo momento em que sua mão se achava sobre o braço da cadeira, Iolanda entrou no gabinete, uma mão caiu sobre a dele e repeliu-a.

Logo, a médium pediu-lhe água. Elisabeth estava no seu lugar, com seu

vestido encarnado, de mangas estreitas. Iolanda, momentos antes, estava visível e com um vestido branco, os braços nus até as espáduas, os pés descalços, com um véu branco que lhe caía pelo corpo desde a cabeça. Aksakof perguntou:

“Como Iolanda, que estava com metade do corpo fora do gabinete, pôde perceber os movimentos do meu braço do outro lado da cortina, dentro do gabinete?”

Considerou também:

“Sendo a obscuridade quase completa, ela não poderia ver o movimento do meu braço sobre a cadeira, ou mesmo que eu o tinha introduzido atrás da cortina. Menos possível ainda era ver o que o meu braço estava fazendo; entretanto, a ação da mão que repeliu a minha foi deliberadamente precisa.”

Aí, de qualquer modo, existia um problema. Se era a médium que, consciente ou inconsciente, representava Iolanda, e se a cadeira estava vazia, ela não poderia perceber os movimentos da mão do investigador. A sessão parece que terminou aí. No dia seguinte, quando questionada por Aksakof, Elisabeth, um tanto receosa, disse o seguinte:

— Pelo fim da sessão, alguma coisa remexia em minha volta, em volta de minha cabeça, dos meus ombros; estou muito amedrontada. Aliás, amedrontei-me e deixei minha mão, que segurava a cabeça, cair, quando encontrei outra mão, fato que me assustou mais ainda.

Para o investigador, tudo parecia estranho, pois que as impressões da médium eram exatamente as que teria, se estivesse no seu lugar; contudo ele não havia encontrado seu corpo na cadeira. Estaria ela invisível, mas com todas as sensibilidades perfeitas?

Aksakof quis saber, por meio da escrita automática da própria médium, o que, na verdade, havia acontecido. Conversou, então, com o Espírito Walter, que era o Guia responsável pelas manifestações ectoplasmáticas de Elisabeth:

— Por acaso, viu o que atemorizou a médium, na sessão de ontem?

— Sim; uma mão intrometeu-se no gabinete e encostou-lhe no joelho e depois em sua mão.

— De quem era essa mão?

— Não sei, porque minha atenção voltou-se para o fato apenas depois que a médium se assustou.

— Gostaria de ver o Espírito Iolanda e a médium ao mesmo tempo. Seria isso possível?

— Tudo vai depender do estado em que a médium ficar.

— Se olhar imediatamente para o gabinete, verei a médium no seu lugar?

— Provavelmente. Contudo, depende muito da pessoa de quem seja retirada a matéria para a composição da forma de Iolanda. Se houver bastante matéria disponível no círculo, de tal modo que não seja preciso que a tiremos apenas do corpo da médium, verá a médium muito claramente.

Numa próxima sessão, Aksakof preparou devidamente a médium, com medidas de segurança. Amarrou-a com um laço em volta do corpo, laço esse que tinha suas extremidades presas em um grampo cravado no chão, e que estavam fixadas na cadeira que ele estava usando para si mesmo.



Uma foto de junho de 1890, na qual apareceu um espírito de mulher, e a médium, que protege os olhos do *flash* de magnésio. O fantasma parece modelado no ectoplasma (teleplastia total), daí a aparência de uma boneca. As linhas anatômicas são as que a força mental do espírito consegue imprimir na substância exteriorizada do médium.

O Espírito Iolanda materializou-se e estava em atividade: entrava e saía do gabinete. Aksakof, depois que Iolanda saiu, perguntou para o Espírito Walter:

— Quanto ainda resta de matéria no corpo da médium?

— Quase nada, com exceção dos órgãos dos sentidos.

— E se eu passasse a mão no lugar em que a médium deveria estar, enquanto ela está desmaterializada, far-lhe-ia mal?

— Talvez, caso apoiasse a mão com força. Se se passasse qualquer coisa que pudesse tocar a forma materializada, a médium teria disso conhecimento.

— E se eu passasse a mão pelo corpo da médium?

— Isso o afetaria seriamente, caso não estivéssemos aqui para resguardá-lo. É uma experiência perigosa.

— E se eu puxasse o laço que prende a médium, eu a cortaria pelo meio?

— Claro, mas isso só se daria se a sua matéria fosse totalmente utilizada; mas só raramente isso acontece, embora, na maior parte das vezes, pouco fique do corpo.

— De acordo com isso, a invisibilidade do corpo do médium, quando se olha para ele, não constitui prova de que não haja ali um corpo?

— Claro que não; mostra, apenas, que não se possui vista penetrante o suficiente para o ver.

Uma das considerações de Aksakof é que a médium não havia demonstrado pressentir mudança alguma durante a produção do fenômeno de materialização; mas ela lhe disse que havia sentido. Havia uma sensação de que estava no vácuo.

Aksakof fez também importante observação sobre um pormenor da mediunidade de Elisabeth: é que ela era a única médium no seu gênero

(materializações) que não fazia transe profundo (sonambúlico e inconsciente), e tomava conhecimento de tudo o que se passava consigo e à sua volta, durante a produção dos fenômenos de materialização por seu intermédio.



Segundos após a foto anterior ter sido tirada, vendo o sofrimento da médium, o espírito cobriu-a com um manto ectoplásmico, mas a luz forte do magnésio traspassou-o. A formação de tecido branco mais parece um recurso para neutralizar a luz incidente, visto que o ectoplasma é uma substância fotossensível.

DESMATERIALIZAÇÃO PARCIAL DO CORPO DA MÉDIUM

Aksakof sempre esteve empenhado em esclarecer os problemas da movimentação de matéria durante a ocorrência dos fenômenos de efeitos físicos, mais detidamente quando das materializações de espíritos. Isso porque, havendo formação de matéria, de onde provinha a matéria “manipulada” pelos espíritos? Numa dada oportunidade, os próprios espíritos disseram-lhe que o médium cedia a matéria, bem como os assistentes, e eles contavam com outros recursos da Natureza, principalmente das plantas.

As provas para essa afirmação dos espíritos chegaram quando da visita a Helsingfors, onde ocorreram interessantes fenômenos. Diante da grandeza das observações, naqueles dois dias de 1893, em que a médium havia estado em Helsingfors, ela mesma pediu à Srta. Vera Hjelt (a Srta. Hjelt foi fundadora e diretora de uma escola de esculturas em madeira, em Helsingfors, e autora de livros técnicos e de artes em geral) que descrevesse os fatos para Aksakof, numa carta:

“15 de dezembro de 1893

Alexander Aksakof-Helsingfors, Suécia

Prezado Sr.

Conforme o desejo da Sra. d’Espérance, apresso-me a informar-lhe sobre a última sessão que ela deu aqui, no dia onze deste.

A sessão ocorreu na residência do Sr. Seiling, estando tudo disposto como nas sessões precedentes, com a diferença de haver mais claridade no ambiente. Anotei o seguinte:

Antes da sessão:

A médium entrou no gabinete, que estava ‘bem iluminado’, e sentou-se numa poltrona larga e estofada. Como o lugar era bem arejado e fresco, ela tirou o xale, que gostava de usar sobre os ombros. Posteriormente, ela

mesma propôs que o xale poderia ser utilizado para atenuar a luminosidade no gabinete, o que foi aceito. Tirou as luvas e as colocou no bolso. Antes do início dos trabalhos, ela não retirou nada dos bolsos, nem mesmo um lenço. Fiz questão de anotar essas coisas, porque, depois de algumas de nossas sessões, houve gente que perguntou se o xale não havia sido usado para escamotear e as luvas não poderiam ter passado por mãos materializadas. Preocupada em observar tudo, ao ligeiro movimento que a médium fez, para colocar as luvas no bolso, ouvi o barulho de chaves e moedas. Durante a sessão, não mais ouvi tais ruídos.

Observei ainda que a médium cruzava as mãos por trás da cabeça, e que, espreguiçando-se, estendia-se na cadeira, apoiando a nuca sobre as mãos. Esse movimento fez-me pensar que ela havia dormido mal, à noite, no trem que a trouxera a S. Petersburgo.

Durante a sessão:

No círculo, composto de quinze pessoas, eu era a terceira, do lado direito da médium. Estava numa posição privilegiada: ela estava diante de mim, num ângulo de quarenta e cinco graus, e a parte superior de seu corpo aparecia a meio-perfil na cortina branca da janela do gabinete.

A proximidade em que eu estava da médium permitia-me ver sua toalete clara, suas mãos e pés cruzados, estendidos para fora. Caso inclinasse um pouco para a frente, poderia ver e ouvir o menor de seus movimentos.

Não precisamos esperar muito tempo. Uma mão e um antebraço estenderam-se para fora do gabinete, isto é, saíram de dentro do biombo atrás do qual estava a médium. O punho era fino e a mão parecia ser de uma mulher.

Dessa mão pendia um panejamento largo e estofado de tecido transparente como a gaze, através do qual a cortina da janela era pouco visualizada. O estofado era mais incorporado que o da janela.

A mão estendeu-se por diversas vezes, quando apertava as das pessoas próximas. Depois retirou-se. Logo surgiu uma aparição luminosa que deu a mão às pessoas próximas. O Sr. Seiling entregou à forma materializada uma tesoura e pediu-lhe que cortasse um pedaço do seu véu. A aparição pegou-a e levou-a para a cabina onde estava a médium. Após alguns minutos, voltou e entregou a tesoura ao Sr. Seiling, que ficou pesaroso por não ter conseguido o fragmento de pano que pediu, mas, decidido, pediu permissão

para ele mesmo cortar o tal pedaço do véu. Para surpresa sua, isso lhe foi concedido. Ouvi o ranger da tesoura, e, logo, o Sr. Seiling disse-nos: ‘Ei-lo aqui.’

Enquanto ocorriam esses fenômenos, eu via claramente a médium e suas mãos. Num dado momento, ela inclinou-se para a frente e voltou a cabeça na direção do fantasma, como se também ela o quisesse ver.

Um fenômeno luminoso deu-se na tapeçaria, dentro do biombo; era uma figura situada atrás da cadeira da médium. Ela deu um longo suspiro penoso e depois falou:

— Alguém me tocou por detrás; eu o senti perfeitamente.

Esse fenômeno acabou, e alguém sugeriu que a médium tomasse papel e lápis para o caso de os espíritos quererem comunicar-se para novas instruções. Ela não se mostrou muito disposta a isso, mas disse:

— Não sei se vale a pena perturbá-los para escrever.

Entretanto, esperemos.

Alguém insistiu no pedido e passaram-lhe um lápis e papel.

— Pois bem, vamos ver o que se consegue.

Vi a médium segurando o papel com uma das mãos e cruzando a outra por cima. Do meu lado, na abertura lateral da cabina, uma mão, um antebraço e uma parte do braço surgiram, e essa mão apertou as mãos dos que estavam próximo. Quanto a mim, contentei-me em apalpar uma parte do longo véu que pendia da forma materializada: um tecido fino e úmido. A mão era bem maior do que aquelas que tinha visto até então.

Pouco depois, pude ver uma grande forma luminosa, que tentava sair do gabinete em que estava a médium (eu a via também muito distintamente), deu um passo para frente e desistiu.

Um braço saiu do gabinete; estava muito alto, abaixou-se lentamente, na direção das mãos da médium. Quando ia tocá-las, num gesto rápido, arrancou-lhe o papel e o lápis das mãos, levando-os para o gabinete. Ouviu-se o rasgar do papel, como em dois pedaços. A mão ressurgiu e entregou os dois pedaços de papel ao capitão Toppelius, que os deu à médium, que, por sua vez, os segurou entre as mãos. O braço luminoso voltou, lentamente, e depois, de modo brusco, arrancou o papel das mãos da médium e levou-o para o gabinete.

Ouviu-se o barulho de um lápis escrevendo; escrevia rapidamente. Logo veio a mão e mostrou o papel fora do gabinete. O Sr. Toppelius,

próximo, pegou-o e ia devolvê-lo à médium, quando a mão, todo o braço e uma parte do corpo tornaram-se visíveis, e, com um movimento decidido, impediram-no e empurraram o papel contra o peito do capitão.

Comprendemos que havia ali um recado para o Sr. Toppelius. Logo que a sessão terminou, achamos escrito o seguinte:

Jag skal hjälpa dig (Eu te ajudarei).

Era sueco, escrito com letras bem legíveis. Preciso esclarecer que não havia mesas ou cadeiras, no gabinete, sobre as quais se pudesse escrever. Tudo foi rápido, mas de modo bem nítido. Enquanto tudo isso ocorria, eu via muito bem a médium no seu lugar. Ela nos falava algumas vezes.

De tudo o que ocorria no gabinete, pelo menos duas mãos operavam e obedeciam a uma vontade bem determinada e independente. Aquelas mãos não poderiam pertencer à médium; eram da aparição que estava ao lado e por detrás dela, que estava sentada e com as mãos visivelmente controladas por mim, bem como o seu corpo, chegando a ouvir sua exclamação, um ‘oh!’, quando o papel foi arrancado de suas mãos.

Observei, também, que, entre um fenômeno e outro, a médium gozava de um momento de repouso, cruzava as mãos na nuca, como tinha feito antes da sessão. Procurei mostrar para as pessoas que esse gesto e essa posição eram devidos ao cansaço da médium, para que não interpretassem mal tais movimentos. Vistos de longe, esses movimentos poderiam ser mal interpretados; mas nunca, quando o eram de perto.

Passados alguns minutos, as mãos da médium caíram sobre os joelhos. Vi que os tateava, e observei que ela se agitava cada vez mais. Fiquei curiosa e inclinei-me para a frente, e procurei, decidida, compreender o que se passava. A médium deu novamente um suspiro profundo, fazendo supor alguma sensação bem desagradável. Depois, ela dirigiu-se ao Sr. Seiling, meu primeiro vizinho da esquerda:

— Dê-me a sua mão.

O Sr. Seiling levantou-se e estendeu-lhe a mão. Ela, então, lhe disse:

— Toque aqui.

O Sr. Seiling, em tom admirado, exclamou:

— É extraordinário: eu vejo a Sra. d’Espérance, ouço-a falar, mas, apalpando a cadeira, acho-a vazia; ela não está aqui. Apenas encontro aqui o seu vestido.

O tateamento produzia intensa dor na médium; ela, entretanto,

convidou, ainda, várias pessoas a verificarem por si mesmas e apalparem a cadeira.

Segurou as mãos do Sr. Toppelius e passou-as sobre a parte superior do seu corpo, até que, subitamente, tocassem o assento da cadeira; ele, então, exprimiu o seu assombro por diversas vezes.

A médium permitiu que cinco pessoas verificassem o fenômeno, e, em cada uma dessas vezes, sentiu uma grande dor. Por duas vezes, pediu para beber água, e o fazia com impaciência febril; mostrava-se visivelmente angustiada e, enquanto esperava a água, contorcia-se nervosamente.

Tendo ao fundo o branco da cortina da janela, eu via, nitidamente, a parte superior do corpo da médium, cada vez que ela se inclinava para a frente. Algumas vezes, tateava no ar, procurando uma mão que ela queria guiar para que tocasse nela e na cadeira. Via-lhe não só a frente do corpo, mas também as costas, que sobressaíam na cortina branca. A forma de sua cabeça era tão nítida que pude distinguir-lhe o cabelo. Não posso saber como a parte superior de seu corpo se prolongava abaixo do tronco, mas do que estou certa é de que ela se via ainda abaixo do tronco; o que me pareceu um fato importante é que eu via, o tempo todo, a médium da mesma altura que eu.

Uma vez, inclinou-se para a frente, como se faz quando se experimenta uma dor muito forte. A parte superior do seu corpo permaneceu, então, na atitude de quem, estando sentado, cruza as mãos sobre os joelhos e se inclina de modo acentuado para a frente.

Durante esse fenômeno inaudito, ela se encontrava diante do encosto da poltrona. Não poderia achar-se detrás; o encosto tê-la-ia impedido de tomar a posição que eu indiquei. As saias estavam estendidas, como haviam estado durante toda a sessão, e se adelgaçavam até os pés. A impressão que se tinha é que se tornavam mais fofas à medida que eram apalpadas pelos assistentes.

Um dos assistente propôs que se terminasse a sessão, visto que já se esgotavam as forças da médium; mas esta se opôs e pediu para continuar, até que suas pernas lhe fossem restituídas.

Continuamos com a sessão, e eu mantinha meu olhar muito atento para a parte inferior do corpo da médium, a fim de observar bem a reposição de suas pernas.

Sem que houvesse o menor movimento nos seus vestidos, ouvi-a dizer:

“Isso, assim vai bem”; depois ela exclamou: “Ei-las aqui!” Quanto ao panejamento do vestido, eu vi que foi enchendo, e, não sei como, os pés reapareceram cruzados, como estavam antes do fenômeno.

Durante todo o período em que acontecia tal fenômeno, a atenção de todos estava voltada para a médium. Não se conversou mais; nem com ela. Os assistentes estavam agitados, mudavam de lugar, andavam no recinto.

Quando o fenômeno terminou, o biombo atrás do qual se encontrava a médium foi mudado de lugar. Ela, com receio de que este lhe caísse em cima, puxou a poltrona para a frente. Enquanto ela permanecia assim, longe do biombo, eu podia ver bem suas mãos e seus pés. O biombo depois mudou várias vezes de lugar.

Após tudo isso, para assegurar-me de que estava lúcida durante toda a ocorrência que acabo de relatar, procurei manter meu pensamento naquilo que se passava à minha volta e não pensar em nenhum outro assunto. Quis saber se o meu pensamento obedecia à minha vontade. Concluí que sim. Em vista disso, ousei, pois, afirmar que os fenômenos relatados, por pouco naturais que pareçam à minha razão, foram efetivamente produzidos, e que a médium não fez nenhum movimento que contribuísse para a aparição ou desaparecimento dos ditos fenômenos.

Depois da sessão:

Vi o pedaço de tecido cortado; era um tecido fino como a gaze, um tipo de filó, e parecia uma teia de aranha espessa e forte. Não era luminoso na obscuridade.

Conversei com a médium e ela me disse desconhecer completamente o fenômeno que tinha ocorrido. Pareceu-me que ela própria não havia ainda observado e comprovado as desmaterializações.

Ficou muito surpresa, ao colocar as mãos nos joelhos: e notar que a cadeira estava vazia. Quis que os fatos fossem verificados por outros, e pediu ao Sr. Seiling que tocasse a cadeira. Informou ainda que sua sensação era de que a parte inferior do seu corpo estava sempre no mesmo lugar mas não podia ser percebida por suas mãos.

É preciso acrescentar que não foi a médium que comunicou o fenômeno às pessoas presentes, mas, sim, e Sr. Seiling, quando, após apalpar a cadeira vazia, voltou para o seu lugar.

Atenciosamente,
subscrevo-me.

A autora desta carta, Srta. Vera Hjelt, era uma pessoa ligada às artes, fundadora e diretora de uma escola de escultura em madeira, em sua cidade, Helsingfors, autora, também, de alguns manuais sobre artes e outras profissões. Evidentemente, Aksakof comparou as informações da Srta. Vera com a de muitos outros que estavam presentes àquela sessão e que também lhe escreveram. Além daqueles citados na carta da Srta. Vera, estavam também presentes os senhores e senhoras: J. Boldt, um jurista e escritor; Lörbom; Hjelt; Galindo; gen. Toppelius; Sra. Toppelius; Maria Toppelius; Sra. Seiling; Sra. Tavaststjerna; Dr. Schoultz; Raphael Hertzberg, que era doutor em Filosofia e presidente da Academia de Letras em Helsingfors; Charles Toppelius e o gen. Sederholm.

Dos fenômenos registrados na carta da Srta. Vera, é possível destacar alguns, tal a sua importância:

- Uma mão e um braço de mulher materializaram-se e apareceram, saindo do gabinete, por detrás do biombo. A médium continuava sentada. Portanto, trata-se de uma materialização parcial de um corpo. Essa mão apertou as mãos de diversas pessoas presentes.

- Um espírito materializado, todo luminoso, surgiu e apertou as mãos das pessoas próximas. Nesse caso, temos uma variedade de materialização bem mais rara, a materialização luminosa.

- Foi obtido um fragmento do pano do vestido do espírito. Ficou caracterizado um tecido de fina tecitura, tipo filó.

- Uma entidade materializada, um busto luminoso, surgiu por detrás da cadeira da médium e a tocou no ombro.

- Uma mão tomou lápis e papel e produziu, no escuro, uma escrita ectoplasmática, isto é, obtida com uma forma materializada que usa um lápis. Não é um fenômeno de pneumatografia, visto que as letras não aparecem, mas são escritas com lápis ou caneta, por uma mão materializada. Embora fosse escrito em sueco, não se pode afirmar que seja uma xenoglossia, pois a médium por diversas vezes visitou a Suécia.

- Desmaterialização parcial do corpo da médium. Como não há destruição da matéria, mas apenas uma desagregação e escape, como numa “sublimação” química, o corpo psíquico bio-organizador permanece, garantindo a possibilidade do retorno controlado da matéria orgânica que se

esvaiu.

INVESTIGAÇÃO DE AKSAKOF

A reunião de Helsingfors foi especialmente capaz de mexer com o espírito de pesquisador do Sr. Aksakof. Ele, assim que recebeu notícias das produções psíquicas, pela Srta. Vera Hjelte e por outros observadores, presentes no dia em que Elisabeth permaneceu semidesmaterializada, em condições de ser examinada por quase todos os que ali estavam, tomou providências para reconstituir toda a sessão. Haviam estado lá cerca de quinze pessoas, a saber: capitão Toppelius; o engenheiro Max Seiling; o jurista e culto J. Boldt; Lönnbom; Vera Hjelte, general Galindo; general Toppelius; Sra. Toppelius; Maria Toppelius; Sra. Seiling; Sra. Tavaststjerna; Dr. Schoultz; Raphael Hertzberg, Doutor em Filosofia e Presidente da Academia de Letras de Helsingfors; Charles Toppelius e o general Sederholm. Quase todos esses amigos remeteram relatório para o Sr. Aksakof, acerca dessa famosa reunião.

Aksakof não perdeu tempo. Percebeu que ali havia produções medianímicas, com sérias repercussões no que diz respeito à opinião científica sobre os fenômenos psíquicos. Tomou providências e fez um relatório sobre tudo. Façamos um resumo:

A rigor, escreveu ele, eu poderia contentar-me com todos os testemunhos e minúcias que me enviaram, e evitaria, assim, uma viagem a Helsingfors. O fato de que se trata, no entanto, é de tal forma extraordinário, inacreditável e, ao mesmo tempo, tão importante, que eu considerei um dever não desprezar nenhum meio para que a investigação fosse a mais completa possível. Uma investigação pessoal em Helsingfors pareceu-me necessária, pelo seguinte:

1º) Era preciso um conhecimento pessoal dos que foram testemunhas do fenômeno, para resolver a questão principal: tal fenômeno aconteceu ou não? visto que o valor de um testemunho depende da competência moral e intelectual de quem testemunha.

2º) Essencial que a cena fosse reconstituída, no mesmo lugar, na mesma disposição de cadeiras, etc., para surpreender tudo aquilo que pudesse ter escapado à descrição e que não escaparia aos olhos.

3º) A sessão foi realizada na residência do Sr. Seiling, e ele prometeu-me assistência para repetir aquela sessão, desde o início, tanto quanto possível. A Srta. Hjelt teve a gentileza de fazer o papel da médium, nessa sessão simulada. Usou um vestido igual ao da médium.

4º) Para mim, era de grande importância ter uma ideia exata da quantidade de luz que havia durante a sessão, tanto da luz interna quanto da externa. Naquele dia não havia luar, e eu deveria ir lá quando a lua estivesse nessa fase, por isso só fui a Helsingfors no dia 18 de fevereiro de 1894, após um trajeto de quatorze horas.

Procurei encontrar-me logo com o Sr. Seiling que, imediatamente, me apresentou à sua esposa. Fomos ao quarto onde a sessão havia sido realizada, e tudo já estava disposto como no dia da sessão, tudo: o biombo, a cortina, as cadeiras.

Uma coisa me chamou a atenção. Foi o espaço reduzido do local, onde mal cabiam as cadeiras, e não havia espaço entre a médium e seus vizinhos próximos. Excelente, pois essa condição afasta qualquer hipótese de movimentação da médium.

A Srta. Hjelt vestiu-se de acordo com minhas instruções, semelhantemente à médium, e explicou-me, de modo convincente, pois a explicação dada pelo general Sederholm não tinha fundamento (o gen. Sederholm, posteriormente, fez sérias acusações à Madame d'Espérance, pelos jornais), porque, colocando-se por detrás da cadeira, não se poderia cobri-la com o vestido, para que acreditassem que a médium estivesse sempre em seu lugar. Acontece que o vestido com o qual a médium estava na sessão não se desabotoa, nem pela frente nem por detrás; era de ser enfiado por cima, abrindo-se até a cintura somente. Depois, esse vestido precisaria de um forro completo de algodão, ao qual fosse cosido, pois, senão, por tão fino, não resistiria.

A Srta. Hjelt sentou-se no lugar da médium e as outras testemunhas foram para os seus lugares respectivos: o Sr. Seiling à esquerda, a Sra. Seiling à direita, a Sra. Tavaststjerna à esquerda do Sr. Seiling (o capitão Toppelius estava ausente de Helsingfors, nesse dia). Acompanhei tudo, tendo nas mãos o relato minucioso da Srta. Vera Hjelt. À medida que ia

lendo, interrogava as testemunhas e, assim, fui completando a descrição, nos mínimos detalhes.

Primeiro, Aksakof estabeleceu bem que houve o fenômeno da materialização e, depois, certificou-se da desmaterialização parcial da médium:

“Apliquei-me a estabelecer qual a diferença que a Srta. Hjelt poderia observar no aspecto do vestido da médium, durante a desaparecimento das pernas, como foi relatado pela Sra. Seiling. A Srta. Hjelt, estando sentada num ângulo diferente do da Sra. Seiling, não pôde ver o perfil do vestido da médium, que se mostrava bem para a Sra. Seiling; a claridade também favorecia a esta.”



O Espírito Leila materializado

O Espírito Leila, mostrando-se totalmente materializado, de pé, tem

um xale amarrado na cintura. Aparece uma de suas mãos, ainda não bem formada. Esta foto foi obtida no dia 13 de março de 1890, à luz de magnésio.

Assim, Aksakof foi reconstituindo toda a sessão e cada uma das testemunhas foi interrogada por ele. Até que chegou a vez do Sr. Seiling. O investigador pediu-lhe que demonstrasse, na própria cadeira, de que modo havia tateado a médium. Ele o demonstrou e Aksakof perguntou-lhe:

— Falta uma coisa no teu testemunho. Por que não te certificaste de que a médium ali não estava, pondo tua mão atrás da cadeira?

— Essa ideia não me poderia ocorrer, pois por que eu iria procurar a Sra. d'Espérance atrás da cadeira, quando eu a via na minha frente, sentada na dita cadeira? Não te esqueças de que eu mesmo dei de beber à Sra. d'Espérance e isso permitiu-me que soubesse, perfeitamente, que ela estava em seu lugar.

A Sra. Seiling confirmou o que a Srta. Hjelt já havia descrito quanto ao vestido esvaziado e depois inflado:

“O vestido da médium, após ter caído sobre a cadeira, retomou, pouco a pouco, as dimensões e os contornos que correspondiam à reparaçã das pernas e dos joelhos.”

Declarou, depois, o próprio Aksakof:

“Durante quatro horas, cansei aquelas quatro pessoas com meus questionamentos e réplicas, baseando-me na leitura dos autos, e adquiri uma forte convicção de que tudo havia ocorrido como me fora testemunhado por escrito.”

É preciso saber, por exemplo, que o Sr. Seiling, um homem de ciência positiva, estudioso de todo fenômeno da Natureza, mostrou-se totalmente desprovido de ideias preconcebidas. Era professor de Engenharia Mecânica e de instrução geral de máquinas, na Escola Politécnica de Helsingfors. Era um homem de Matemática, acostumado à precisão, à observação dos fatos. Pelo lado filosófico, ele era admirador de Mainlander, panteísta e discípulo de Schopenhauer, completamente oposto a toda doutrina de sobrevivência após a morte.



Uma foto do Espírito Leila, parcialmente materializado. Da massa de ectoplasma derramada no chão, a figura foi surgindo, tendo por suporte a poltrona de vime. O espírito preparou bem a aparência do seu rosto, despreocupando-se com o resto do corpo. O panejamento está sobre os braços da poltrona, sobe e faz o contorno da cabeça e dos ombros ainda não bem formados. Essa fotografia, como a anterior, foi obtida na sessão do dia 13 de março de 1890, com luz de magnésio.

As Sras. Seiling e Tavaststjerna foram testemunhas válidas: eram de uma educação completa, de espírito positivo e refletido. Quanto à Srta Hjelt, era de uma viva inteligência, ativa, prática e sã. Ela introduziu na Finlândia a marcenaria pedagógica e abriu, assim, um novo campo de atividade para as mulheres. Fundou sua escola de trabalhos em madeira em

Helsingfors, em 1885, onde podiam matricular-se crianças e adultos, de ambos os sexos, de todas as classes sociais. Pioneira, fundou, em Aggeby, uma usina a vapor, para trabalhos em ébano, onde se fabricavam móveis, aparelhos de ginástica, utensílios e outros.

Aksakof visitou o general Toppelius, para agradecer-lhe e, ainda, fazer-lhe alguns questionamentos sobre a Sra. d'Espérance, pois esta já havia residido em sua casa. Sua filha e o capitão Toppelius, que haviam assistido à sessão, estavam ausentes. Depois, Aksakof foi à casa do general Sederholm, que já era, inclusive, seu conhecido:

“Há alguns anos, ele visitou-me, com a finalidade de agradecer-me pela tradução das obras de Andrew Jackson Davies para a língua alemã, pois ficara visivelmente admirado por elas.”

Acontece que o general Sederholm foi o único que não pôde aceitar a realidade das materializações dos espíritos e declarou isso em importante jornal, caluniando a médium. Seria importante, aqui, resumir a defesa da médium feita por Aksakof:

“A Sra. d'Espérance foi a Helsingfors por causa dos incessantes pedidos do general. Ele foi em pessoa a Gotemburgo para convencê-la a ir. Ela ficou insegura quanto à ida, pois faria sessões no meio de pessoas desconhecidas, e ainda perderia um mês com essa viagem (outubro ou novembro), fato que prejudicaria muito os negócios da firma comercial que lhe estava confiada. Ela não deveria aceitar o convite, mas algo a fez mudar de ideia. Escreveu uma carta para seu amigo Aksakof, datada de 26 de agosto de 1895; e nessa carta ela contou-lhe que havia recebido a visita do general Sederholm, que ele era simpático à causa e estudioso do Espiritismo. Desejava algumas sessões e ela não pôde satisfazer-lhe o desejo, porque não havia ninguém em casa e ela própria não estava bem de saúde. Depois, ele enviou-lhe alguns livros que havia escrito em sueco, sobre os assuntos espiritualistas. Ela, por isso, estava pesarosa por lhe haver recusado as reuniões, logo para um homem estudioso como ele.”

Depois, em vinte e sete de setembro, Elisabeth escreveu ao mestre Aksakof uma outra carta:

“Minha visita a Helsingfors ainda não foi marcada e é muito difícil, para mim, deixar de ir lá, pois sei que não tenho direito de desprezar uma situação favorável para agir em benefício de nossa causa.”

A onze de outubro, uma nova carta confirmou sua ida a Helsingfors.

Mesmo após esse esforço sincero, o general Sederholm a brindou com um artigo desfavorável, num jornal de Helsingfors, dizendo que Elisabeth era quem fazia o papel dos espíritos. Segundo o próprio Aksakof, esse senhor ficou decepcionado, pois esperava que logo acontecessem aquelas maravilhosas ectoplasmias ocorridas em Cristiânia, das quais teve notícias. Só que se esqueceu de uma coisa: em Cristiânia, o círculo era cuidadoso e gastou muito tempo na consideração de muitos trabalhos preparatórios, antes de alcançar os frutos esperados.

Ao atacar a honra da Sra. d'Espérance, o general Sederholm não o fez com o pensamento científico, e Aksakof, em sua visita a ele, pôde constatar que, na verdade, ele era um incompetente nos assuntos espíritas. Os protestos das outras testemunhas em favor da médium foram veementes, mas a calúnia do general espalhou-se pelo mundo todo. Ao visitá-lo, Aksakof narrou-lhe os diversos testemunhos seus, diante das materializações, inclusive seu colóquio com o Espírito Katie King (*Animismo e Espiritismo*), e ele demonstrou surpresa, como se isso lhe fosse uma revelação.

A visita ao general Galindo não foi satisfatória, pois ele declarou que nada poderia dizer, visto que a obscuridade era muita, e recusou-se a dar seu parecer por escrito.

Os Srs. Hertzberg e Boldt encontraram-se com Aksakof em seu hotel, a pedido do Sr. Seiling. Eles faziam parte das cinco pessoas que haviam examinado a cadeira. Nessa ocasião, compareceram, também, o Sr. e a Sra. Seiling, e as Srtas. Hjelt e Tavastsjerna.

Hertzberg demonstrou como havia tateado a cadeira em que a médium estava sentada no momento da desmaterialização, movendo sua mão por toda a cadeira, incluindo o espaldar:

— Estás certo de que passaste as mãos, também, no espaldar da poltrona?

— Sim, exatamente como mostrei.

— E foste tu que deste água à médium, durante o fenômeno?

— Sim.

— Viste-lhe a cabeça, os braços, o rosto, como se fossem da pessoa que estava sentada?

— Sim, certamente; mas não observei tudo como deveria, pois eu estava sob a impressão de que tudo aquilo não poderia ser sério.

— Não passaste a mão detrás da cadeira?

— Deveria tê-lo feito, mas não o fiz.”

O testemunho do Sr. Boldt não foi conclusivo. Já o Sr. Lönnborn não foi encontrado, mas permaneceu uma possibilidade de que ele enviasse um relatório escrito.

Aksakof considerou que havia uma objeção a se fazer, em tudo o que verificou: foi o fato de a Sra. d’Espérance ter dirigido, ela mesma, as mãos que apalparam a cadeira, não tendo, por isso, o exame sido livre. Ao mesmo tempo, o próprio Aksakof considerou a excitação da médium diante do inusitado, do perigo, completamente insegura, com dores intensas, sem ter contato com a metade do seu próprio corpo. A dor que ela sentiu foi comparada àquela em que se tocam os nervos a descoberto. Aksakof, a seguir, destrói a possibilidade de fraude, diante dos testemunhos do Sr. Seiling e Hertzberg, que, embora tendo suas mãos seguras pela médium, puderam examinar todo o assento e o espaldar da cadeira.

Outra objeção seria a que lembrava que nenhuma das testemunhas verificou não haver ninguém atrás da cadeira da médium, durante a desmaterialização de suas pernas. Isso, porém, foi bem esclarecido, quando seis pessoas afirmaram ter visto muito bem a médium na cadeira, enquanto realizavam o exame. O capitão Toppelius afirmou que não apenas viu toda a parte superior do corpo da Sra. d’Espérance na cadeira, como também apalçou com as duas mãos, do encosto até embaixo, dos dois lados.

Junte-se a isso, o testemunho das Sras. Seiling, Hjelt, Tavaststjerna, que viram a médium, no decorrer de toda a sessão, na cadeira, especialmente durante a desmaterialização. Viram, também, o vestido pendido e depois cheio, isso sem que a médium nem sequer se mexesse.

Com todos os argumentos possíveis e lógicos para garantir a veracidade dos fatos, existe uma questão ainda não explicada, e que somente os próprios espíritos que providenciaram o fenômeno seriam capazes de explicar. Vejamos a questão, aventada pelo próprio Aksakof: *Metade de um corpo humano vivo desapareceu por um quarto de hora.* Como a outra metade pôde viver, falar, beber água, manter-se na própria cadeira e não se esvaír em sangue? Como então a estabilidade da corrente sanguínea?

Essas questões não foram ainda explicadas. Precisar-se-ia de repetições do fenômeno, com a médium despida e com maior claridade, para o exame

da estase sanguínea, na divisão entre as partes visível e invisível do corpo. Mas, em foto publicada em nosso livro *Mirabelli, um médium extraordinário* (1995), vê-se bem o médium Mirabelli com os dois braços desmaterializados. Os braços invisíveis não perturbaram em nada o restante do corpo. É como se essas partes do corpo continuassem a existir; apenas ficaram invisíveis.

Aksakof lembrou que a única questão verdadeiramente séria é que o fato aconteceu isolado e único com a médium d'Espérance, e seria de desejar a sua repetição o suficiente para ser estudado. O fato foi tão verdadeiro quanto aquele documentado fotograficamente com o médium Mirabelli.

Após a ocorrência desse fenômeno, Elisabeth esteve por três meses enfraquecida organicamente, e enfraquecida, também, em sua mediunidade. Ela mesma pensava ter perdido as suas possibilidades mediúnicas. Os seus nervos permaneceram muito abalados, a tal ponto que não pôde trabalhar e, ao menor esforço intelectual, ficava esgotada. Passou uns tempos na Baviera, melhorou, mas, assim que voltou a Gotemburgo, sofreu grande prostração novamente.

Resumindo, o fato foi verdadeiro, real; foi testemunhado e muito bem. Se admitirmos que há materializações (vide *Experimentações Mediúnicas*, Palhano Jr., 1996), como as do Espírito Katie King, a desmaterialização tem que ser um fato também, pois para que algo se materialize, alguma coisa (a fonte) deve desmaterializar-se; no caso, o corpo do médium que cede ectoplasma, uma espécie de transe (dissociação) biológico (Palhano Jr., *Transe e Mediunidade* 1993).

FOTOGRAFIAS TRANSCENDENTAIS

“Eu estava ainda muito pouco familiarizada com os assuntos espíritas, quando me falaram da possibilidade de se obterem fotografias do invisível, do oculto, transcendentais ou, como dizem os espíritas, conforme os nomes que lhes queiram dar.”
Elisabeth d’Espérance

Técnica Fotográfica

Depois que alguns amigos de Elisabeth adquiriram, em janeiro de 1897, um novo aparelho fotográfico, ela ficou mais animada a obter fotografias espíritas. Por essa época, ela estava em Gotemburgo. No dia vinte e oito daquele mês, tudo estava pronto para uma nova série de experimentos. As famosas experiências de fevereiro começaram logo no dia primeiro. Contudo, somente no dia oito é que começaram a ter resultados. Nos dias oito e nove, apareceram duas formas humanas, nebulosas, mas bem distintas, “como bonecos de neve” (vide Fotografias Espíritas 1 e 2).

Após muitas tentativas, o pequeno grupo decidiu aperfeiçoar o método de trabalho. Resolveram demorar menos com a exposição das chapas à luz e, também, que os experimentos seriam às quinze horas, fosse qual fosse o tempo, nublado ou não; que usariam a luz de magnésio, nos dias brumosos, e diminuiriam o tempo da exposição das chapas.

Foi, então, instalado um aparelho fotográfico numa posição no salão, e outras providências foram tomadas para melhorar os contrastes. Por exemplo: o biombo foi coberto com um pano preto, para favorecer a captação de formas brancas.

Eram cinco as pessoas que formavam esse grupo: o anfitrião, sua senhora, suas duas filhas e Elisabeth. Realmente, um grupo pequeno. Isso favorecia a harmonia. Quando davam quinze horas, todos entravam no salão. Um dos componentes colocava o biombo na posição devida, um outro controlava o aparelho fotográfico e focalizava aquele que se assentava diante do biombo. Uma outra pessoa controlava as venezianas, para melhorar o efeito da luz. Contavam trinta segundos, expunham a chapa durante cinco e disparavam o magnésio. Eram tiradas de três a quatro provas e, logo em seguida, reveladas e ampliadas.

No dia doze de fevereiro, foram obtidas formas de duas aparições quase nítidas (Fotografias Espíritas 3 e 4).

No dia quatorze, foram obtidos dois rostos. Um deles parecia ser o de Melanchthon (Fotografia Espírita 5).

No dia vinte, conseguiram a fotografia número 6, considerada do Espírito Nínia, uma amiga espiritual espanhola, falecida em Santiago (Chile).

Nos dias seguintes, de fevereiro, talvez por aceitarem pessoas estranhas posando, não tiveram êxito, mas a fotografia 7 mostra um fantasma quase nítido, obtido no dia vinte e sete.

Em março, das trinta chapas expostas, tem-se a fotografia 8, sugerindo ser do Espírito Iolanda.

Observe-se que a saúde da médium melhorou nesse período e ela quase não sentia a perda fluídica, tais as condições favoráveis do pequeno grupo.

Segue-se a sequência de fotografias transcendentais:



Fotografia Espírita 1

Logo que os experimentos de fevereiro de 1897 começaram, foi obtida esta fotografia espírita: um fantasma surgiu no filme, parecendo ser um exercício (8/2/1897).



Fotografia Espírita 2

A forma de um fantasma, um dos primeiros, conseguida no dia 9 de fevereiro de 1897. Ao fundo, o biombo dobrável, montado num canto da sala, especialmente para os experimentos.



Fotografia Espírita 3

Fotografia obtida no dia 12 de fevereiro de 1897. O Espírito Iolanda (supõe-se) apareceu quase nítido.



Fotografia Espírita 4

Num momento em que a Srta. Lily posou, foi obtida uma fotografia do bonito Espírito YAY-ALI, de rara beleza. Seu fantasma surgiu na foto disparada às quinze horas, do dia 12 de fevereiro de 1897.



Fotografia Espírita 5

Um retrato espírita, supostamente de Philipp Melanchthon, obtido no dia 14 de fevereiro de 1897.



Fotografia Espírita 6

Uma fotografia espírita, supostamente do Espírito Nínia, obtida às quinze horas, do dia 20 de fevereiro de 1897.



Fotografia Espírita 7

Uma foto obtida às quinze horas, do dia 27 de fevereiro de 1897. Na época, pensou-se que se tratava do Espírito Elias Ben Ammand, de Nazareth, que disse ter vivido entre os leprosos, na região da Palestina.



Fotografia Espírita 8

O Espírito Iolanda, fotografado às dezesseis horas, do dia 15 de março de 1897.

UM EPISÓDIO COM GABRIEL DELANNE

Nos dias trinta de novembro, um e dois de dezembro de 1996, estávamos em Itabuna, onde o nosso itinerário doutrinário foi intenso: uma palestra noturna no Instituto de Cultura Espírita de Itabuna (ICEI), com o tema “Meditação, Transe e Mediunidade”, no sábado; um seminário: “Procedimentos Científicos na Prática Espírita”, no domingo; outras duas palestras, uma no Centro Espírita Luz e Paz: “O Passe”, e outra no Centro Espírita Arapari: “O Pensamento, suas distonias e suas consequências”. Acresce que, nos intervalos dessas atividades, hospedado na residência do casal José Luiz e Noélia Bezerra, dávamos continuidade a esta pesquisa da vida mediúnica de Elisabeth d’Espérance.

Na segunda-feira, à tarde, quando fomos conduzidos ao Centro Espírita Luz e Paz, tivemos uma acolhida de grande fraternidade: a amizade estava estampada no rosto dos confrades, e isso era motivo de grande honra e satisfação para nós. Entramos no salão da palestra e percebemos que sobre cada cadeira havia uma revista *Reformador*. Antes de sermos convidados a compor a mesa, escolhemos uma cadeira, pegamos a revista que ali estava e sentamo-nos. A revista era um exemplar Ano 106, nº 1.908, de março de 1988. Abrimos a revista, de modo distraído. Qual não foi a nossa surpresa: uma foto da médium d’Espérance! “Não é possível, pensamos, não temos esta foto no arquivo.”

Enfim, procuramos saber do que tratava o texto, pois, possivelmente, haveria ali dados interessantes para a nossa biografia. Era um artigo do caríssimo confrade Sylvio Brito Soares, intitulado “Gabriel Delanne: Ciência e Espiritismo” (pp. 28-33), uma transcrição do *Reformador* de dezembro de 1977.

Qual seria a ligação entre Delanne e Elisabeth d’Espérance? Interessante! Lemos o artigo, desde o início com certa ansiedade, pois o tempo era curtíssimo, procurando tal vinculação entre os dois. Encontramos: o autor citava Canuto Abreu, num artigo seu publicado na

revista *O Revelador*, de março de 1948. Dizia ele:

“Há, no Brasil, um culto conterrâneo nosso, que teve a ventura de conhecer pessoalmente Gabriel Delanne; aliás, no último quartel de sua vida terrena. É com prazer que transcrevemos, da revista *O Revelador*, alguns trechos de uma sua entrevista. Trata-se do nosso confrade Dr. Canuto Abreu (desencarnado em 2/5/1980).”

Entre tantas notícias, Canuto Abreu contou interessante episódio, que Delanne segredava, com indizível prazer, para os íntimos:

“Em certo dia do ano de 1883, recebi uma carta em que a missivista, residente em Versailles, encarecia a minha visita, a fim de inteirar-me sobre assunto concernente ao Espiritismo.

A impressão que tive, ao receber essa carta, foi péssima, não apenas porque o papel era de inferior qualidade, mas, sobretudo, porque os termos em que estava vazada eram um tanto obscuros, além dos muitíssimos erros ortográficos e sintáticos.



P. Selam

Refletindo melhor, resolvi atender a essa solicitação.

Em chegando à residência da missivista, veio abrir a porta uma senhora já idosa. Ao saber que se tratava de minha pessoa, fez-me entrar imediatamente, conduzindo-me a uma sala bastante ampla e modestamente mobilada. A um canto dessa sala, havia uma grande mala, toda forrada de couro amarelo escuro, a qual, desde logo, despertou minha atenção. Com uma terrível acentuação inglesa, a senhora, sem se preocupar com o exame a que a estava submetendo, repetia-me, já um tanto enfarada, ser pensamento seu fundar um jornal para difundir o Espiritismo.

— Mas, minha senhora, respondi-lhe, para tal cometimento, torna-se necessário dinheiro, mesmo porque um jornal, para que se mantenha, exige muito dinheiro.

Nessa altura, a idosa senhora dirigiu-se, em passos pesados, em direção à mala. Abrindo-a, dela tirou um maço de papéis velhos e, do meio deles, uma grande carteira de couro, da qual retirou cinco cédulas de mil francos cada uma, entregando-me tranquilamente. Diga-se, de passagem, que, nessa época, 1883, cinco mil francos representavam soma muito elevada. E, ao entregar-me essa importância, disse: “Eis o necessário para as primeiras despesas. Estou pronta a oferecer-lhe, daqui por diante, o que se tornar preciso. Estará disposto a aceitar o encargo de dirigir esse jornal?”

Surpreso, diante do inesperado, emudeci. Ela, então, repetiu com firmeza: “Aceita?” “— Sim, articulei, e agradeço, Senhora, o interesse demonstrado em torno da difusão do Espiritismo.”

“— Para que agradecer?” Retrucou-me, acrescentando:

“— Logo que saia o primeiro número, peço-lhe procurar-me, para juntos prosseguirmos na propaganda do Espiritismo.” E, levantando-se e de modo um tanto brusco, deu-me a entender que a visita estava terminada.

Foi assim, graças à generosidade de uma inglesa, e que outra não era senão a Senhora Elisabeth d’Espérance — ainda desconhecida em França, nessa época — que surgiu a revista *O Espiritismo*.

*

* *

Seria injusto, depois desta e das outras informações catalogadas aqui, considerar Elisabeth d’Espérance apenas como mais uma das médiuns que colaboraram com os pesquisadores dos fenômenos psíquicos. É preciso

reconhecê-la como um dos baluartes do Espiritismo, uma pioneira, das primeiras horas. Não só se dedicou à tarefa medianímica esclarecedora, sujeitou-se aos investigadores, como empregou todos os esforços, físico, espiritual e financeiro, na divulgação das verdades espíritas.

Fez-se consciente em seus tranSES, para que pudesse, ela mesma, constatar a realidade dos fatos. Passo a passo, nasceram os fenômenos diferenciados, de natureza física (transportes, materializações, levitações, desmaterializações, etc.) e inteligentes (psicografia, psicofonia, vidências, *pinctografias*, etc.), num exemplo clássico de mediunidade, justificando a sua apresentação, aqui, num estudo das dimensões da mediunidade.



Dimensões da Mediunidade

Diante do próprio testemunho e dos resultados das investigações e dos pareceres dos homens de ciência, é justo arrolarmos como verdadeiros os fenômenos medianímicos produzidos por Elisabeth d'Espérance e admitirmos a grande contribuição dessa dama do Espiritismo, para as ciências psíquicas e para o próprio Espiritismo.

Sua mediunidade foi surgindo, à medida que crescia, como menina, como moça, como mulher; depois, de acordo com as chances e condições, essa ou aquela categoria mediúnica aparecia, tudo de uma forma natural, espontânea.

A vidência veio primeiro: menina ainda, via os Espíritos no ambiente de sua residência, com tal nitidez que pôde desenhá-los com detalhes. No correr dos anos de sua mocidade, houve ocorrências como estados letárgicos, *déjà vu* e telepatia. Quando deu início às sessões experimentais, começaram *raps*, tiptologia, sematologia, uso da “*mesa-de-girardin*”, levitação, diversos tipos de telecinesia, criptestesia (revelações de fatos desconhecidos), luzes tipo relâmpago, nuvens luminosas flutuantes, luminosidades bem definidas, fenômenos de transporte.

Em certo momento, sua clarividência alcançou melhores níveis, e começou uma psicografia mecânica, quando conseguia desenhar (*pinctografia*) e escrever no escuro. Num desses momentos de clarividência, conseguiu importante percepção de retropsicometria de uma pessoa. Produziu, certa vez, uma psicografia especular, isto é, invertida, possível de se ler apenas no reflexo de um espelho.

Utilizando-se da psicografia, nas orientações do Espírito Stafford, fez importantes profecias sobre aparelhos do futuro, relacionados com a comunicação humana. Em sua vidência, conseguia fenômenos de diascopia, lendo cartas fechadas e lacradas, em línguas desconhecidas para ela.

Sua mediunidade foi usada para consolar pessoas doentes ou que haviam perdido entes queridos. Mantinha uma espécie de receituário mediúnico, com distribuição de medicamentos. Obteve curas importantes e nunca houve um óbito dentre as pessoas que atendeu.

Os fenômenos de materialização de espíritos, sem segredos ou situações duvidosas, aconteceram com luminosidade adequada, nunca na escuridão, estando ela mesma participando de tudo. Ligados a essa produção de teleplastia, ocorreram fenômenos de fotografia transcendental, olorização, imisção psíquica, êxtase, xenoglossia e moldes em parafina.

Se estudarmos cada um desses fenômenos, veremos que pertencem a diversas das variedades da mediunidade ou dos poderes medianímicos: vidência, psicografia, telepatia, xenoglossia, materializações, transportes, êxtase, *pinctografia*, levitações, telecinesia, tiptologia, sematologia, produções luminosas, psicometria, profecia, curas, fotografia transcendental, olorização e outros.

Toda a vida mediúnica de Elisabeth d'Espérance esteve em torno de seus experimentos, acompanhados por pessoas sérias e desejosas de estabelecer os parâmetros de credibilidade necessários à confirmação das ideias espíritas de imortalidade da alma e da comunicabilidade dos espíritos.

Suas percepções mediúnicas começaram na infância:

“Para mim, os quartos da casa grande nunca estavam vazios. Quantas vezes, ao entrar neles, olhava ao redor, admirada de não encontrar algumas das figuras que já me eram familiares, e, então, de repente, me espantava por percebê-los cheios de gente estranha. Essas ‘sombras’, muitas das vezes, eram tão reais e cheias de vida, que as considerava visitantes comuns. Raramente eu entrava num quarto sem que procurasse nele algum fantasma, e raramente minha busca era inútil. Alguns entre eles me sorriam amistosa e gentilmente, e habituei-me logo com eles; outros não me davam a devida atenção, e passavam por mim nas escadas e nos corredores, como se nunca me houvessem visto. Às vezes, eu ficava indignada, quando o meu cumprimento amável passava despercebido.”

Tal era a naturalidade da vidência infantil de Elisabeth. Ela nunca perdeu essa faculdade, mesmo adulta. Suas possibilidades psicoscópicas apresentaram nuances diversas, como a de ver no escuro (escotoscopia) e através de objetos opacos (diascopia).

Concomitantemente, na infância, apresentava crises de sonambulismo, em transe profundos, sem consciência. Depois, na adolescência, essas crises não se deram mais, e ela teve um período de calma psíquica, até que, na sua primeira semana de casada, seus “fantasmas” reapareceram.

Um casal amigo convidou-a para uma sessão espírita, durante a qual se deram os primeiros fenômenos de efeitos físicos por seu intermédio: tremores e agitações na mesa, *raps* e outros fenômenos.

Esse casal, Fidler, orientou-a, no início, e as sessões prosseguiram. Utilizaram, nessa época, processos de sematologia, ou seja, comunicações por sinais, significando “sim” ou “não” e “não sei”; depois, as letras, formando palavras e frases.

Espetacular foi o transporte dos “botões de punho” ou “abotoaduras”, como diríamos por aqui: era matéria atravessando matéria.

Que dizer da psicometria de uma pessoa, do Sr. Fidler, vendo-lhe cenas do passado? Foi, realmente, precisa. Ela viu uma cena da vida daquele homem que somente ele conhecia.

De suas possibilidades psicográficas, é interessante saber dela mesma as primeiras sensações:

“Alguns, tentando escrever, não sentiram nada de especial no braço ou na mão, e abandonaram a experiência. Na minha vez de experimentar, tomei o lápis e notei, de início, um contato, formigamentos e uma dor no braço, uma dessas sensações que se tem quando se bate em algo com o cotovelo; depois, um entorpecimento, que ia do braço às pontas dos dedos. Minha mão ficou fria e insensível: podia mordê-la e não teria dor alguma. Depois, ela começou a mover-se lentamente, imitando os movimentos da escrita, tentando formar palavras, conseguindo escrever uma pequena e feia letra.”

Não é preciso lembrar que logo se lhe desabrochou uma psicografia automática genuína e os espíritos começaram a apresentar-se; entre eles, Walter Tracy, que se tornou seu Guia nas sessões; depois, Humnur Stafford, um conselheiro erudito; Nínia, uma menina espanhola; Felicia Owen, uma jovem inglesa, e outros.

As produções *pinctográficas* começaram e muitos desenhos em pastel foram produzidos; tanto de entidades que frequentavam o grupo, quanto de parentes de alguns dos presentes às sessões. Alguns desenhos eram feitos no escuro.

Vieram as respostas científicas, psicografadas de improviso, dadas ao Sr. Barkas, devidamente registradas aqui. É bom lembrar as frases xenoglóssicas obtidas, umas em línguas mortas.

Nos anos 1873 a 1880, houve uma febre de interesse pelos fenômenos psíquicos, e foi por essa ocasião que as materializações começaram a acontecer na presença de Elisabeth. Nas sessões de materializações, muitos outros espíritos se apresentaram e aconteceram variedades de interessantes fenômenos de efeitos físicos. O corpo perispirítico da médium exteriorizou-se por diversas vezes, e seu corpo carnal desmaterializava-se parcialmente nessas ocasiões, e de forma verificável.

Aconteceram os misteriosos transportes de plantas, num fenômeno muito mais completo, quando as plantas trazidas de outros países germinavam e se desenvolviam diante de todos, com luminosidade suficiente.

Por fim, em 1897, as tão esperadas, por ela, fotografias espíritas, com relativo sucesso, conseguindo-se sombras, contornos, formas humanas e alguns retratos.

Por isso e muitos outros fenômenos não catalogados, ou não lembrados aqui, é possível traçar o perfil das “dimensões da mediunidade” daquela que foi não só médium, mas uma das mais valiosas e conscientes damas do Espiritismo nascente.



Glossário

FONTES DE CONSULTA:

- Palhano Jr. - *Dicionário de Filosofia Espírita*.
- Allan Kardec - *Vocabulaire Spirite (Le Livre des Mediums. 1.ed.)*.
- Teixeira de Paula - *Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*.

A

Aksakof, Alexander N. Nascido em Repievka (Rússia), em 27 de maio de 1832, desencarnou em S. Petersburgo (Leningrado), a 4 de janeiro de 1903. Foi membro da nobreza russa, Doutor em Filosofia e Conselheiro de Alexandre III, Tzar de todas as Rússias. Doutor, foi lente da Academia de Leipzig, na Alemanha. Empenhou-se no campo da investigação psíquica, foi diretor do jornal *Psychische Studien*, de Leipzig (Alemanha). Publicou a sua obra mais significativa: *Animismo e Espiritismo*. Participou da investigação mediúnica junto a diversos médiuns do século passado e de muitos outros pesquisadores de renome. Sua contribuição ao Movimento Espírita Mundial foi enorme e, até hoje, seus trabalhos são citados pelos muitos pesquisadores que se aventuram pelo campo do psiquismo.

Anímico. (Do latim: *anima*, *ae* = sopro, emanação, ar; daí = Alma como princípio vital, vida. Espírito que escapa do corpo após o passamento). *Anímico* é tudo aquilo que é relativo ao *animismo*.

Animismo. Neologismo para significar que a alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro, pois, se há certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de espírito. Na prática espírita, trata-se de um estado de transe, no qual quem opera, produzindo fenômenos psíquicos e mesmo de efeitos físicos, é o espírito do próprio encarnado e não um

espírito desencarnado, pois neste caso seria mediunismo e não animismo. Desde que haja dissociação psíquica e o espírito de uma pessoa se emancipe, mesmo que seja parcialmente, ele pode produzir os mesmos fenômenos produzidos pelos espíritos que se comunicam através de médiuns. Os fenômenos espíritas são de duas naturezas: *anímicos* e *mediúnicos*.

Aparição. (Do latim: *apparitione*). Fenômeno pelo qual os seres do mundo incorpóreo se manifestam à vista (Allan Kardec; *Vocabulaire Spirite*). Aparecimento de um espírito, encarnado ou desencarnado. Uma aparição, geralmente, é também tangível; equivalente a uma materialização. Difere de uma visão, que é mais um efeito psíquico de psicoscopia (vidência). As aparições têm-se mostrado *vaporosas, translúcidas, opacas ou luminosas*, mas sempre com algum grau de tangibilidade. A aparição não deve ser confundida com um certo grau de vidência apresentado por alguns médiuns, no qual a visão torna-se tangível apenas para eles.

Aporte. (Do francês: *apporter* = trazer) Trata-se de uma modalidade de fenômeno de transporte, um tipo de fenômeno espírita de efeito físico, no qual há transporte de objetos ou mesmo de corpos de seres viventes, de um lugar para outro. Isso pode ocorrer através de grandes distâncias, ou para dentro ou para fora de recintos fechados. Aporte é a modalidade do trazimento, na qual algo é trazido para o recinto onde estão os observadores (Bozzano; *Fenômenos de Transporte*). Vide: *Transporte; Deporte*.

Asportação. (*Asportation*) O reverso de *aporte* (trazimentos, no caso dos transportes). O termo técnico é *asport*. O asporte acontece quando objetos são transportados do ambiente de pesquisa ou da sessão para fora dele, reaparecendo em outro lugar. O contrário de *aporte*. Vide *deporte*.

C

Ciência espírita. Segundo o próprio Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, o Espiritismo é a “ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo”. O Espiritismo mostra o mundo espiritual

“não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das coisas vivas e incessantemente ativas da Natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados, por essa razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso”. A base científica do Espiritismo está justamente na mediunidade experimental, cujas primeiras lições estão estabelecidas em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. É pelos fenômenos mediúnicos que o Espiritismo pode provar suas teorias; portanto é justo que ele seja considerado uma fonte de novos conhecimentos para a Humanidade, uma Ciência.

Clarividência. *Psicoscopia. Vidência. Dupla vista. Segunda vista.* Faculdade anímica ou mediúnica que consiste na percepção “visual” dos seres espirituais, de cenas espirituais, de imagens ou acontecimentos do mundo corpóreo que estão fora do alcance visual normal, perto, longe ou obliterados de alguma forma. A clarividência é, na maioria das vezes, resultado de um transe parcial, consciente ou não (neste caso: sonambúlico), quando as regiões sensoriais de referência do cérebro estão dissociadas ou em baixa tensão psíquica. Como se trata de uma percepção extracerebral ou espiritual, o vidente pode penetrar os meandros do passado (retropsicoscopia), do presente e do futuro (precognição, profecia, premonição). Vide: *Psicoscopia*. Diz-se *clarividência sonambúlica*, quando o vidente tem a percepção em estado de transe profundo ou sonambúlico; *onírica*: quando as visões vêm durante o sono físico; *profética*: quando se prevê o futuro; *telepática*: percepção dos pensamentos de outrem; *telestésica*: percepção de objetos, corpos, coisas, cenas à distância; *psicométrica*: leitura das referências psíquicas encontradas nas pessoas, objetos ou ambientes, podendo ser passadas, presentes e futuras. Gabriel Delanne define clarividência como faculdade de obter conhecimentos sem experimentar a influência do pensamento das pessoas presentes e sem servir-se dos órgãos dos sentidos. Hermínio Miranda aponta a inadequação do termo, para caracterizar os diversos fenômenos com ele rotulados e sugere a sua utilização apenas em relação ao fenômeno da visão à distância no espaço e os relacionados com deslocamentos ao longo do tempo, considerando que esta é uma faculdade anímica e não mediúnica.

E

Ectoplasma. (Do grego: *ektós* — indica movimento para fora; *plasma* = obra modelável, substância plástica). (Metapsíquica). Palavra utilizada por Charles Richet, para definir uma substância caracterizada como uma espécie de plasma, flexível, viscoso, incolor e inodoro, sensível ao pensamento, que escapa do organismo de certos indivíduos, através dos poros e dos orifícios naturais do corpo. Trata-se de um transe biológico, quando há não apenas dissociação psíquica, mas também biológica. Segundo o Espírito André Luiz, no livro *Nos Domínios da Mediunidade*; de Chico Xavier, “o ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanções da alma pelo filtro do corpo, e é o recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza. Em certas organizações fisiológicas especiais da raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos. É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a uma genuína massa protoplasmática, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que o exterioriza ou dos espíritos, desencarnados ou não, que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações, visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem mentalmente afinados com ele”.

Ectoplasma*

Definição: Substância que emana do corpo de um médium capaz de produzir fenômenos de efeitos físicos ou aparições à distância. Trata-se de uma exalação fluídica, sensível ao pensamento, visível ou invisível, plástica, inodora, insípida, originalmente incolor, que tem a semelhança de uma massa protoplasmática.

Natureza: Independe do caráter e das qualidades morais do médium, constituindo emanações do sistema psicofísico, das quais o citoplasma celular é uma de suas fontes de origem.

Elementos Essenciais:

1º) Fluidos sutis procedentes do mundo espiritual; 2º) Recursos fluídicos do médium e dos assistentes encarnados; 3º) Emanações fluídicas retiradas da natureza terrestre.

Propriedades:

Plasticidade: adaptabilidade às diretivas do pensamento; *penetrabilidade:* atravessa obstáculos materiais e penetra nas entranhas da matéria, produzindo alterações nas vibrações atômicas (desmaterialização); *condutibilidade:* é capaz de conduzir a energia em suas diversas modalidades, eletricidade, magnetismo.

Sensibilidade: responde a estímulos, reage à ação mental, à luz (fotossensível) e ao toque material. *invisibilidade:* pode ser encontrado em estado rarefeito e invisível.

Ectoplasmático. Relativo ao ectoplasma.

Ectoplasmia. Produção de ectoplasma e dos efeitos psicofísicos decorrentes de seu uso. Nome pelo qual Richet designou as materializações fantasmáticas. Myers empregou o termo *ectoplasia*, mas o termo *ectoplasmia* já está incorporado ao vocabulário espírita. Segundo um dos maiores estudiosos dos fenômenos psíquicos no Brasil, Dr. Hernani Guimarães Andrade, entre os termos *materialização* e *ectoplasmia*, ele prefere o segundo, pois significa forma modelada exteriormente ao organismo do agente plasmador. Em particular, a substância dócil à modelagem é o ectoplasma, quando se trata de um fenômeno paranormal. O fenômeno de *ectoplasmia* pode dividir-se em três tipos: a) A *psicoplastia*, quando o ectoplasma assume formas diversas, devido à ação psicocinética exclusiva do médium.

b) A duplicação ectoplasmática, em que o perispírito do médium serve de organizador do ectoplasma, produzindo uma réplica do médium. c) A

produção de agêneres ectoplasmáticos, na qual o médium funciona apenas como doador de ectoplasma. Sua modelagem opera-se à custa do perispírito de um segundo agente. É possível ainda que o espírito de uma pessoa encarnada sirva-se do ectoplasma de um doador e se manifeste em forma de *agêneres ectoplasmáticos*. (Andrade, H. G; *A Matéria Psi*. Matão: O Clarim. Sem data.) Vide *ectoplastia; psicoplastia; teleplastia; efeitos físicos; materializações*.

Ectoplastia. Produção de formas modeladas em ectoplasma, por ação anímica ou mediúnica. *Ectoplasma*.

Escrita automática. Uma das variantes da psicografia, quando o médium escreve mecanicamente e estando consciente ou não com movimentos involuntários do braço e da mão. *Escrita espírita; Escrita mecânica; Psicografia;*

Escrita direta. Escrita produzida diretamente pelo espírito, sem intermediário algum, também denominada *pneumatografia*, por Allan Kardec, no nº 146 do capítulo XII de *O Livro dos Médiuns*. Os fenômenos de efeitos físicos de escritas obtidas por intermédio de mãos ectoplasmáticas, à distância do médium, têm sido descritos indevidamente como *escrita direta* mas, na verdade, são *escritas ectoplasmáticas*: o médium cede ectoplasma, o espírito que se manifesta constrói uma mão, moldando o ectoplasma, toma um lápis, caneta, giz, e escreve num papel, na lousa, na parede ou em qualquer outro material. A *escrita ectoplasmática* não deve ser confundida com a *pneumatografia*.

Escrita ectoplasmática. Escrita mediúnica obtida por meio dos fenômenos de materialização total ou parcial dos espíritos, quando eles podem segurar o lápis e escrever. Em geral, os espíritos materializam as mãos para poderem segurar o objeto escrevente.

Escrita espírita. Mensagens escritas obtidas sob transe mediúnico: *Psicografia. Escrita direta. Pneumatografia. Escrita ectoplasmática.*

Escrita espontânea. O mesmo que *pneumatografia*.

Escrita inconsciente. Escrita automática, quando o médium está em transe profundo, sem lucidez, sem consciência do que faz. *Psicografia mecânica.*

Escrita involuntária. Escrita automática ou psicografia mecânica. *Psicografia.*

Escrita mediúnica. O mesmo que escrita espírita.

F

Fantasma. É preciso considerar os significados mais usuais do termo fantasma:

1. Etimológico: imagem ilusória; visão terrífica, medonha, apavorante. 2. Alucinativo: aquilo que só existe na mente, criação alucinatória, fantasia mental. 3. Espírita Aparição de um espírito desencarnado ou encarnado (fantasma de um vivo = espírito de um vivo em desdobramento espiritual. Espectro. Assombração, Abantesma, Avantesma. Do *Vocabulário Espírita* de Allan Kardec (1ª Edição do *O Livro dos Médiuns* tradução de Palhano Jr. temos: “Diz-se dos espíritos os quais se acredita terem voltado do outro mundo. Pode-se dizer que a crença na existência de fantasmas é universal; ela está, evidentemente, fundamentada na intuição da existência dos espíritos e da possibilidade de se comunicar com eles. Todo espírito que manifesta sua presença, seja pela escrita de um médium, seja simplesmente por um ruído numa mesa, seria um fantasma; mas a expressão *fantasma* é reservada, geralmente, se não quase de modo sepulcral, para aqueles espíritos que se tornam visíveis, como se acredita, ou, como dizem os acadêmicos, vêm nas circunstâncias mais dramáticas. Serão eles figuras dos contos da carochinha? O fato em si mesmo, não; as coisas que lhe são acrescentadas, sim. Sabe-se que os espíritos podem manifestar-se à vista, mesmo sob uma forma tangível. Eis aí o que é real, por mais que seja fantástico. Tudo o mais são fantasias acrescentadas ao fato das aparições, cujo medo exagera o que acompanha ordinariamente o fenômeno, que, por sinal, é muito simples, explica-se por uma lei toda natural e, não tem, por conseguinte, nada de maravilhoso nem de diabólico.

Por que, então, esse medo dos fantasmas? Precisamente, por causa dessas

mesmas fantasias com que a imaginação se apraz em tornar tenebroso tudo aquilo que a tem amedrontado, e faz com que ela acredite ter visto o que realmente não viu. Em geral, os fantasmas são representados sob um aspecto lúgubre, aparecendo, de preferência, nas noites mais escuras, nas horas fatais, nos lugares sinistros, vestidos de lençóis, ou bizarramente enfeitados. O Espiritismo nos ensina o contrário: os espíritos podem mostrar-se em todos os lugares, a qualquer hora, tanto de dia quanto de noite; eles aparecem, geralmente, sob a aparência que possuíam quando vivos no nosso mundo, e só a imaginação tem criado os avantesmas, espectros em tons místicos e sobrenaturais, frutos do medo e da credulidade; os espíritos que se mostram, longe de serem amedrontadores, são, o mais frequentemente, parentes ou amigos que vêm a nós por afeição, ou espíritos infelizes, inferiores, a quem podemos, inclusive, auxiliar e dar assistência com nossas preces por eles. Algumas vezes, eles são mesmo os galhofeiros do mundo espírita, que se divertem à nossa custa e riem do medo que causam; sabe-se que, com esse tipo de espírito, o melhor método de lidar é não lhes dar importância e lhes provar que não se tem medo deles; de resto, eles se restringem, quase sempre, a fazer algazarra e se tornarem visíveis, ainda que raramente; tornam-se um problema, se suas manifestações forem levadas a sério: eles redobram suas travessuras; seria como exorcizar um esperto “pivete” de cidade grande. Mas, em se supondo mesmo que seja um espírito mau, que mal ele poderá fazer? Não seria mais razoável temer um bandido vivo que um bandido morto que se tornou espírito? Além disso, nós sabemos que somos constantemente cercados de espíritos que não diferem daqueles que são chamados de fantasmas e que também não são vistos. Os adversários do Espiritismo não mais poderão acusá-lo de ser uma crença supersticiosa (Vide *Superstição*), devido ao fato de as manifestações visíveis serem averiguadas, explicadas por pareceres teóricos, e confirmadas por um número grande de testemunhas. Não se pode simplesmente fazer com que o fato não exista, porque não queremos isso, e todas as negações não o impedirão de se produzir. São poucas as pessoas que, em consultando suas lembranças, não se recordam de qualquer fato desta natureza de que não podem duvidar. Seria, então, bem melhor que o fato fosse esclarecido sobre o que há de verdadeiro ou de falso, de possível ou de impossível nos relatos desse gênero; é quando se explica uma coisa, à luz da razão, que se previne contra uma crença pueril. Nós conhecemos um

bom número de pessoas que tinham muito medo de fantasmas; hoje, graças ao Espiritismo, sabem o que eles são, e o maior desejo dessas pessoas agora seria o de os ver. Conhecemos outras pessoas que se amedrontariam muito diante das aparições; agora que compreendem, não estão de maneira nenhuma preocupadas. É bem conhecido o perigo que o medo causa às pessoas de mentalidade fraca; ora, um dos resultados do advento do Espiritismo é precisamente o de curar esse mal, e, olhe lá, se não é apenas uma de suas menores possibilidades de fazer o bem.”

Força psíquica. Expressão proposta por William Crookes, quando de suas experimentações com o médium Daniel Dunglas Home, para designar o tipo de energia movimentada em seus experimentos. Camille Flammarion, porém, já havia utilizado essa expressão na primeira edição de sua obra *Les forces naturelles inconnues* (1865). O Dr. Baréty a chamou de *força nêurica radiante*; o Dr. Morselli a designou de *força biodinâmica*; o Prof. Bar deu-lhe o nome de *força ectênica*. Vide *fluido*; *ectoplasma*.

Formas-pensamento. Formas ideoplásticas, plásmadas pela mente, produzidas e animadas por energia mental ou psíquica que constitui o pensamento. Podem ser vistas pelo próprio emissor, por videntes ou pelos Espíritos. Reflexos mentais.

Fotografia transcendental. Captação fotográfica de imagens do mundo espiritual ou do mundo mental (fotografia do pensamento), só perceptivo aos clarividentes. As primeiras fotografias transcendentais conhecidas se devem a W. H. Mümler datam do ano de 1861 (informação de João Teixeira de Paula). Muitas vezes, não há necessidade de câmera fotográfica bastando que se coloque filme virgem nas mãos do médium que tem fluidos próprios para esse fenômeno. Existem outras denominações: *fotografia do invisível*; *ectoplasmática*; *espírita*; *flúidica*; *paranormal*; *psíquica*; *super normal*; *supranormal*; *psicofotografia*.



Gabriel Delanne. François Marie Gabriel Delanne, filho de Alexandre Delanne, nasceu em Paris, França, no dia 23 de março de 1857, e

desencarnou na mesma cidade, no dia 15 de fevereiro de 1926, aos 69 anos de idade. Seu pai era amigo íntimo de Allan Kardec e sua mãe foi uma das médiuns que colaborou com a obra do Codificador do Espiritismo. Delanne era engenheiro eletricitista, muito dedicado aos estudos da Doutrina Espírita nascente; aos vinte e oito anos de idade, publicou os primeiros resultados de seus estudos, no livro *O Espiritismo Perante a Ciência*. Outras obras de suma importância na divulgação do Espiritismo foram escritas por ele: *O Fenômeno Espírita* (1893); *Evolução Anímica* (1895); *Pesquisa sobre a Mediunidade* (1898); *A Alma é Imortal* (1889); *As Aparições Materializadas* (1909); a obra *Documentos Úteis ao Estudo da Reencarnação* foi publicada alguns anos depois de sua desencarnação. Publicou também a revista *La Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*. Foi um dos fundadores e depois presidente da União Espírita Francesa; participou do Congresso Espírita de Bruxelas, em 1884, e, juntamente com Léon Denis, do Congresso Espírita Internacional, de 16 a 27 de setembro de 1900, e do Congresso Espírita Internacional, em Paris, em 1925. Colaborou algum tempo com o célebre Charles Richet e, juntamente com ele, presenciou as materializações do Espírito Ben-Boa. Foi diretor da Faculdade Espírita da Universidade Livre, criada por Durville, em 1896.

I

Imisção psíquica. Faculdade psíquica relacionada à psicoscopia, que possibilita ao sensitivo diante de um objeto, animal ou pessoa, perceber as emanções fluídicas deles, integrar-se a eles e imiscuir-se em suas intimidades, como se estivesse dentro do sujeito, nada lhe sendo oculto. Consciência cósmica. Vide *vidência*; *psicoscopia*.

L

Levitação. Ato ou efeito de levitar. Fenômeno psíquico, anímico ou mediúnico, no qual pessoa ou coisa ergue-se acima do solo, sem uma razão visível, apenas devido à força mental, de um encarnado ou desencarnado, que movimenta fluidos ectoplasmáticos capazes de produzir uma alavanca psíquica suficientemente forte para vencer a força da gravidade. É um fenômeno de efeito físico. Elevação de um corpo no espaço, sem contato

aparente, ficando suspenso, como se estivesse subtraído à ação da gravidade.

Levitar. Erguer-se uma pessoa (ou objeto) acima do solo, sem que nada visível a sustenha ou suspenda.

M

Materialização. Ato ou efeito de materializar(-se). O conhecido professor Hernani Guimarães Andrade, em seu livro *A Matéria Psi* faz judiciosas ponderações a respeito deste verbete: “O vocábulo *materialização* pode sugerir a ideia de transformação da *substância espiritual* em *substância material*. Isso não parece certo. Na ectoplasma não ocorre nem *materialização* nem *desmaterialização*.” O fenômeno em jogo tem as características da organização morfológica (modelação) de uma determinada substância material (o ectoplasma). No vocabulário espírita, trata-se de um fenômeno de ectoplasma (*teleplastia*), quando um ser ou objeto de outra dimensão (espiritual) torna-se visível e tangível, por condensação de substância sutil (*ectoplasma*) que se desprende do médium. A formação ectoplasmática dos espíritos pode ser parcial (dedos, mãos, braços, rostos) ou total (corpo inteiro), com substância luminosa ou não. Sob o aspecto da tangibilidade, as formações ectoplasmáticas podem ser do tipo rarefeito, de pouca densidade, mais denso e opaco com bastante nitidez e denso com solidez e tangibilidade total.

Mediamínico. (Do latim: *medius*, i = medianeiro, intermediário; do francês: *âme* = alma) Qualidade da faculdade dos médiuns; faculdade mediamínica. Com esta expressão *médiaminique*, Kardec demonstrou conhecer que a alma, isto é, o espírito encarnado, quando em um grau qualquer de emancipação, pode realizar os mesmos fenômenos que um espírito desencarnado pode provocar em um médium. Assim, considerando que há fenômenos amínicos associados aos mediúnicos, o autor os reuniu nesta expressão. Hoje em dia, os espíritas brasileiros conhecem mais o termo *anímico* (de *anima* = alma), devido aos trabalhos de Aksakof. Portanto, o termo mais usado em nosso meio é *medianímico*.

Medianímico. (Do francês: *médianimique*). Mediúnico. Qualidade da força dos médiuns. Faculdade medianímica ou mediúnica.

Médium. (Do latim: *medium* = meio; intermediário; medianeiro). Pessoa que pode servir de inter- mediária entre os espíritos e os homens. Aquele que, em um grau qualquer, sente a influência dos espíritos de modo ostensivo. Todas as variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Algumas variedades de médiuns são propostas por Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, o que pode ser muito útil àqueles que estudam e observam a mediunidade.

Mediúnico. Relativo ou pertencente à mediunidade.

Mediunidade. É uma faculdade inerente ao homem, que permite a ele a percepção, em um grau qualquer, da influência dos espíritos. Não constitui um privilégio exclusivo de uma ou outra pessoa, pois, sendo uma possibilidade orgânica, é hereditária e depende de um organismo mais ou menos sensitivo. Só se classificam pessoas como médiuns, se a mediunidade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade. Essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. *Medianimidade*.

Mediunismo. Alexander Aksakof, em 1890, empregou o termo *mediumnismus* (traduzido para o francês *mediumnisme*, e para o português *mediunismo*), para designar o uso das faculdades mediúnicas. A prática do mediunismo não significa que haja prática do Espiritismo propriamente dito, visto que a mediunidade não é propriedade do Espiritismo; ele apenas estuda e a pratica de modo científico, sem superstições, credices ou sincretismo religioso.

P

Parestesia. Em Medicina, diz-se de um distúrbio em que o paciente acusa sensações anormais (formigamento, picada, queimadura) não causadas por

estímulo exterior ao corpo.

Existe também o fenômeno de o paciente sentir sensações como essas, vindas de órgãos amputados. Este verbete também pode significar o fenômeno da sensação de um sentido sendo percebido por outro sentido: pacientes que leem com o cotovelo ou com os dedos dos pés.

Pericinesia. Diz-se da produção de fenômenos de efeitos físicos, tais como movimentos e levitações de objetos próximos do médium.

Pictografia. Termo indevidamente utilizado para os fenômenos psíquicos produzidos por médiuns desenhistas e pintores, porque, na sua dicionarização, define um sistema de escrita de natureza icônica, baseada em representação bastante simplificada dos objetos da realidade. Propomos *pinctografia*.

Pinctografia. (Do latim vulgar: *pinctura* = pintura) Pinturas psíquicas, realizadas por médiuns influenciados por entidades ligadas à arte da pintura. Exemplo: o médium Gasparetto. Esta palavra não está dicionarizada e foi criada aqui, especificamente, para designar o fenômeno em questão.

Pneumatografia. (Do grego: *pneumat(o)* = ar, sopro, espírito + *grapho* = escrita) Escrita direta dos espíritos, sem auxílio da mão de um médium. Escrita produzida diretamente pelo espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. (Capítulo XII, n^{os} 146-149, de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec). Hoje se conhecem dois tipos de fenômenos:

Escrita direta, que é a *pneumatografia* propriamente dita, e a *escrita ectoplasmática*, que, de modo equivocado, tem sido considerada como escrita direta. A *escrita ectoplasmática* é aquela em que o espírito escreve com sua mão materializada com ectoplasma de um médium, portanto não pode ser considerada direta.

Pseudópodo ectoplasmático. Formação ectoplasmática que se alonga à distância do médium, para produzir uma ação física. Exemplo: uma mão ectoplasmática que escreve ou ergue um objeto.

Psicoscopia. Vidência. Capacidade de ver a dimensão psíquica dos seres. Nome científico da *vidência*; *clarividência*, *lucidez sonambúlica*.

T

Tangibilidade. Embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, possibilitando a tangibilidade, no mundo em que vive. No mundo material, o perispírito só pode tornar-se tangível, se se revestir de matéria corpuscular, o ectoplasma de Richet, por exemplo, ou partículas dispersas no Fluido Cósmico. Vide ectoplasma e materialização.

Teleplastia. Formações ectoplasmáticas à distância do médium. Materializações parciais ou totais de espíritos ou do perispírito do médium, como na bicorporeidade.

Telergia. (Myers) Trabalho à distância. A força psíquica produzindo ação à distância do médium. Efeito físico.

Transe. (Do francês: *transe* = momento de angústia, sofrimento); transir (do latim: *transire* = ir além de; trespassar; ultrapassar). Estado anômalo da consciência que, em diferentes graus de intensidade, se dissocia global ou parcialmente dos centros psicossomáticos, mantendo ou não a sensibilidade e a lucidez, em condições de baixa tensão psíquica. Segundo a conceituação espírita, tem origem *endógena* e *exógena*. No *transe endógeno*, o indivíduo traz em si mesmo os fatores desencadeantes do estado de transe; são fatores anímicos, fonte dos fenômenos anímicos, provocados pelo espírito do próprio indivíduo que entrou em transe. Pode ser espontâneo ou provocado por ele mesmo, dependendo da consciência que tenha de seus próprios poderes. No *transe exógeno*, o indivíduo responde aos estímulos extrafísicos, oriundos da dimensão espiritual. É a mediunidade, em si, a realidade do transe mediúnico.

Transporte. É o fenômeno de efeitos físicos em que pessoas ou coisas são transportadas de um lugar para outro, sem a intervenção de quaisquer recursos materiais de transporte, podendo, inclusive, atravessar obstáculos

materiais, independentemente da distância entre os locais de saída e de chegada. O emprego da energia psíquica, de modo adequado, para a sobre-excitação molecular do corpo ou objeto, faz com que ele se desmaterialize (sem se desagregar), passando para outra dimensão, quando então é transportado, fora do sistema espaço-tempo, e novamente materializado em outro local. Os experimentos de trazimento de corpos ou objetos para um ambiente totalmente fechado, chamam-se *aporte* (do francês *apport*); da transferência de um corpo ou objeto para fora de um ambiente fechado, diz-se *deporte* (do francês: *déporté*).

V

Vestuário dos Espíritos. O capítulo VIII de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, trata do “Laboratório do Mundo Invisível”, tecendo considerações sobre a natureza das formações espontâneas dos apetrechos necessários aos espíritos ainda dependentes do mundo das formas. Os espíritos podem concentrar, à sua vontade, os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço e dar-lhes forma aparente que corresponda à dos objetos materiais. Essa ação pode ser automática naqueles objetos que fazem parte da vida diária de uma pessoa, como as roupas, por exemplo. Se uma pessoa morre depois de enfermidade prolongada no leito, quando desperta no mundo espiritual, vê-se logo de pijama e não despido; isso por uma ação ideoplástica automática. Sob certas condições de tranquilidade e equilíbrio, o espírito, ao tomar uma sopa, sentirá o gosto que gostaria que o alimento tivesse, e assim por diante.

Vidência. Faculdade anímica ou mediúnica que permite a uma pessoa perceber imagens da vida espiritual, e mesmo da vida corporal, independentemente do tempo e da distância. Vide *Clarividência*.

Vidente. Pessoa, “percipiente” ou médium, que possui a faculdade de vidência. É mais uma faculdade anímica que mediúnica, embora possa estar a serviço dos espíritos. *Clarividente*.

Voz direta. Fenômeno de efeitos físicos, ectoplasmático, no qual um espírito forma sua própria garganta (aparelho fonador) e fala, sem o auxílio

direto do corpo do médium. Há também uma modalidade em que as cordas vocais do médium sofrem transfiguração, possibilitando que um espírito possa falar com sua própria voz. Não confundir com *pneumatofonia*.

X

Xenoglossia. (Do grego: *xeno* = estrangeiro; *glossa* = língua) Segundo Charles Richet (*Metapsíquica*), é o uso de uma língua (escrita ou falada) que se não aprendeu e que se não conhece em condições normais. O médium, influenciado por um espírito, fala uma língua estrangeira que lhe é por inteiro desconhecida. *Xenopsicoglossia*; *Glossolalia*; *Xilolalia*; *Glossoteia*; *Xenopsicofonia*; *Xenopsicografia*.

Xenografia. (Do grego: *xeno* = estrangeiro; *grapho* = escrita). Escrita mediúnica em língua estrangeira e desconhecida do médium. *Xenopsicografia*.

Referências Bibliográficas

- AKSAKOF, Alexander - *Animismus und Spiritismus*. Leipzig: 1890 - Ed. Brasileira: *Animismo e Espiritismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: FEB, Vol. I e 11. 1978.
- _____. *Un cas de dématérialisation partiele du corps d'un médium*. Paris: Lib. De L' Art. Indép. 1896. Tradução brasileira FEB: *Um Caso de Desmaterialização*. 3.ed. Rio de Janeiro: 1979.
- BARKAS, T. P. "Recent Investigations in Psychology". *Psychological Review*. Vol. 1, 1878, pp. 215-225.
- _____. "Réponses improvisées à des questions scientifiques, par une femme médium d'éducation ordinaire". *Light*, 1885, p. 85.
- BOZZANO, Ernesto. *Xenoglossia, Mediunidade Poliglota*. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1949.
- _____. *Fenômenos de "Transporte"- Extraordinários e comentados casos de "transporte" e de "desintegração e reintegração da matéria"*. Trad. F. K. Werneck. São Paulo: Edição Calvário. 1972.
- _____. *A Propósito da Introdução à Metapsíquica Humana*. Refutação do livro de René Sudre. Trad. Araújo Franco. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB. 1960.
- _____. *Animismo ou Espiritismo?* 3.ed. Rio de Janeiro: FEB,1982.
- CERVINO, Jayme - *Além do inconsciente*. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1968.
- CRAWFORD, William J. (1922). *Mecânica psíquica*. São Paulo: LAKE, 1963.
- DELANNE, Gabriel. *Investigaciones sobre la mediunidade*. Buenos Aires: Imprenta Constanca. 1948.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo* (1926). Tradução Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento. 1978.
- ESPÉRANCE, Elisabeth d'. *The Shadow Land*. Light from the other side. Londres: Redway, 1897.
- GELEY, Gustave. *Resumo da Doutrina Espírita*. 2.ed. Tradução de Isidoro Duarte Santos. São Paulo: LAKE, 1958.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns: ou guia dos médiums e dos evocadores* (1861). 34ª ed. (popular). Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1976.
- _____. *Vocabulaire Spirite*. In *Le Livre des Médiuns: guide des médiums et des évocateurs*. 1.ed. Paris: 1861. pp. 1-89.
- PALHANO JR., Lamartine. *Mirabelli - um médium extraordinário*. Rio de Janeiro: CELD, 1994.
- _____. *Eusapia, a "Feiticeira"*. Rio de Janeiro: CELD, 1995.
- _____. *Experimentações mediúnicas*. Rio de Janeiro: CELD, 1996.
- _____. *Dicionário de Filosofia Espírita*. 1.ed. Rio de Janeiro: CELD, 1997.
- RICHEL, Charles. *A Grande Esperança*. 2.ed. São Paulo: LAKE,1976.
- SOARES, Silvio Brito. gabriel delanne: *Ciência e Espiritismo*. Reformador, Ano 106, março (1908), pp. 28-33, 1988.
- TEIXEIRA DE PAULA, João - *Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*. 2.ed. São Paulo: Cultural Brasil Editora. Vol. I, 11, 111 e IV; 1972.
- UNDERWOOD, Peter - *Dictionary of the Occult and Supernatural*. 1. ed. London: Fontana. 1978.
- XAVIER, Francisco Cândido - *Missionários da luz* (1945). Ditado pelo Espírito André Luiz. 8.ed.

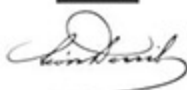
Rio de Janeiro: FEB, 1970.

_____. *Nos domínios da mediunidade*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 4.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

ZÖLLNER, J. K. F. - *Física Transcendental*. Rio de Janeiro: Typ. Rua de S. Gabriel nº 3-a, Meyer, 1908. - ou *Provas Científicas da Sobrevivência*. São Paulo: Edicel, 1966.



Elisabeth d'Espérance



Produção Gráfica: Departamento Editorial do
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ, CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: www.edicoesleondenis.com.br
E-mail: editorial@leondenis.com.br

[1] **Jacira Abranches Silva Leite** – dedicada médium do Movimento Espírita Capixaba, estudiosa da Doutrina Espírita, sempre disposta a participar dos trabalhos de divulgação doutrinária. Com sua boa vontade característica, tem colaborado com o autor sempre que solicitada, seja na organização de eventos ou na simples digitação de um texto, contribuindo também com suas judiciosas ponderações.

[2] De acordo com as observações de Kardec e Aksakof.

[3] Capítulo XV de *O Livro dos Médiuns* — Qualquer dessas variedades pode apresentar as possibilidades assinaladas.

[4] Vide Palhano Jr., L. — “*Eusapia, a Feiticeira*”, 1995.

[5] Granja, Pedro. *Os simples e os sábios*. São Paulo; Calvário.

[6] Espérance, Elisabeth d'. *Shadow Land or Light from the other side*. 1.ed. London: Georg Redway, 1897.

[7] Publicada por Barkas T. P., *Psychological Review*, 1878, pp. 221-224.